



A. ALEVATO

PRA TA PURA



Prata Pura

A. Alevato

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas ou situações reais terá sido mera coincidência.

Esta obra está registrada na Biblioteca Nacional e sua reprodução, total ou parcial, é proibida, estando sujeita às penalidades da Lei.

Todos os direitos reservados para Mimeógrafo Livraria e Editora.

mimeografo@outlook.com
www.editoramimeografo.com.br

Revisora: Dri Rodrigues
mimeografoconsultoria.wordpress.com

Capa: Jéssica Macedo

Catálogo na Fonte: Bibliotecária Jussara Moore CRB-7 /5385

A372 Alevato, A.,

Prata Pura / A. Alevato. – Rio de Janeiro :
Mimeógrafo

Editora, 2018.

256 p.

ISBN: 978-85-94248-01-5

1. Romance brasileiro 2. Literatura brasileira I. Alevato, A. II. Prata Pura

CDD 869.3

Índice para catálogo sistemático

Romance brasileiro: Literatura brasileira

*“Ele pensou que ela fosse uma donzela, presa na torre mais alta.
Mal sabia que ela era dona do castelo, do dragão e de si mesma.”
(Pedro Salomão)*

*"Onde o mundo interior e o exterior se tocam, aí se encontra a essência da alma."
(Novalis)*

*“Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
e fazes-me tua mina, patrão.
Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão,
para te servir eternamente como força motriz
mas eternamente não, patrão.
Eu sou carvão
e tenho que arder sim;
queimar tudo com a força da minha combustão.
Eu sou carvão;
tenho que arder na exploração
arder até às cinzas da maldição
arder vivo como alcatrão, meu irmão,
até não ser mais a tua mina, patrão.
Eu sou carvão.
Tenho que arder
queimar tudo com o fogo da minha combustão.
Sim!
Eu sou o teu carvão, patrão.”
(Grito Negro — José Caveirinha)*

APRESENTAÇÃO, DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

A História é contada nos colégios de forma fragmentada, em momentos isolados, como se fatos reais fossem uma longa e infinita ficção.

Quando comecei a escrever *Prata Pura*, pretensiosamente formei imagens na cabeça com base especialmente nos parcos conhecimentos adquiridos nestes *romances escolares*, em um passado longínquo. Certa desta deficiência, voltei aos livros e às pesquisas, sendo engolida pela vastidão da *internet* e suas tantas informações.

Uma leitura aqui e outra ali, me peguei descobrindo um João VI que se casou com uma Carlota ainda menina e que, por isso, demorou 3 anos para consumir o casamento. Descobri que a tal Carlota, feita *Dona*, era mimada e mal-educada, mas devotada à sogra, Maria. Esta mesma Maria, a tal primeira, entrou para os textos como uma louca. Mas como nem tudo é tão simples e raso, soube que ela perdeu filhos e netos para uma doença que ainda era fatal nos séculos XVIII/XIX (a varíola) — que mãe não enlouqueceria?

Descobri a romântica Leopoldina, traída e humilhada pela presença sempre constante de Domitila de Castro, e que manteve a firmeza e a lucidez no crucial momento entre a colônia e o império.

Descobri o primeiro Pedro do Brasil, pai de muitos, que sofreu a perda de mais de um filho e o poder da paixão por uma outra mulher. Ou outras.

Descobri Luiz Gonzaga Pinto da Gama, maçom ao lado de Ruy Barbosa e Joaquim Nabuco, advogado rábula defensor de pobres ao lado de Raul Pompéia, abolicionista excluído dos tais *romances didáticos*.

Apaixonada por romances de época, descobri a senhora Júlia Lopes de Almeida, uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Letras e vítima do machismo daquele tempo — e deste também.

Tantos outros nomes me ajudaram a construir esta história. Pagu e seus textos inflamados, a Sórora Joana Angélica de Jesus, morta a baionetas por soldados enquanto defendia as noviças em Salvador, Evaristo da Veiga e o reconhecimento da importância de Dom Pedro I mesmo discordando politicamente de sua posição, Abdias Nascimento e sua luta abafada.

Não são os mistérios bobos criados para enfeitar a história que conduzem este enredo. Não é o amor de Ana e Phillip que confere o tom romântico. Não é o feminismo expresso na inversão de papéis da nobreza sua principal marca. Não é a descrição sutil das diferenças físicas sua crítica mais enfática. Não é porque quis desencantar o Príncipe. Não é porque o principal símbolo de beleza e desejo das mulheres é negro. Esses detalhes serão vistos apenas pelos mais sensíveis.

Para mim, *Prata Pura* é a idealização de uma sociedade efetivamente brasileira, formada por negros, brancos, mulheres e índios, humanos na mais pura essência, que buscam sua própria cultura afastando-se do padrão europeu.

A quebra dos paradigmas me estimula, mas são as possibilidades de cada alma que me desafiam. A cada dia que passa eu descubro um novo alguém com uma nova história e um novo leque de possibilidades.

No fundo, este livro é um agradecimento a todos os personagens da História; é dedicado a todos os alguéns cujos nomes não aparecem nos registros do Brasil.

A. Alevato

Agradeço àquela que, incondicionalmente, ama os filhos e os meus filhos.

Agradeço aos dois que levam o meu próprio coração dentro do peito.

Agradeço àquele que acredita cegamente no meu trabalho.

SUMÁRIO

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[EPÍLOGO](#)

PRÓLOGO

Londres, Casa Strathearn, 2 de novembro de 1807.

Minha amada Julienne,

É com lamento e dor que despeço-me de vós. Custeei vossa viagem e de vossa governanta para as Américas na nau Maria d'Além Mar que parte amanhã do Tejo junto à esquadra que escoltará o Príncipe Regente de Portugal ao Brasil. O capitão é um Conde condecorado em Trafalgar. De sangue nobre, vos tratará de forma cordial. Peço que estejais no porto às 5 horas e que leveis apenas o necessário. Há espaço para um baú de pequena medida. Junto a esta missiva, envio provisão em ouro e pedras para vos manterdes na colônia até vosso casamento com o Visconde de Ladeiral, o qual será realizado no segundo domingo após vossa chegada ao porto da capital da colônia. Esta provisão deverá ser igualmente suficiente para vosso dote. Não poderei despedir-me pessoalmente, mas sei que entenderás o problema que causou vossa prenhez. Para vossa segurança e confirmação do acerto matrimonial, ordeno que não reveleis a condição até depois do casamento. Outrossim, sugiro que não adieis a consumação do enlace. Despeço-me certo de ter garantido vosso futuro e de ter agido unicamente em vosso interesse.

*Sua Alteza Real
Príncipe Augusto*

Julienne Elie apertava a carta entre os dedos enquanto via o barco se afastar da margem do Tejo. A viúva do Barão de Loire sentia-se traída por todas as promessas contidas nas tantas declarações sussurradas em noites de amor tórridas. Sabia naquele momento, como soube desde sempre, que Sua Alteza era um canalha real e colecionador de amantes, dívidas e episódios lamentáveis de bebedeira em tavernas. Ela havia sido apenas mais uma mulher descartada como uma bota velha.

— Infame! Desonesto! Homem repugnante! — Dizia, enviando ao vento palavras rudes e desejos maldosos ao sucessor do trono inglês.

Grávida de poucas semanas do herdeiro bastardo, seguia com um baú pequeno e sua governanta de pouco mais de 18 anos, em um navio de tripulação ambiciosa e jeitos perigosos, para uma terra desconhecida habitada por selvagens, segundo havia sido informado pelos vassalos de sua propriedade.

— Alguns canibais — disse-lhe sua irmã, a esnobe Marquesa de Northchester, enquanto Julienne decidia-se quanto ao que, de fato, era imprescindível para sua nova vida. — Eu disse, minha irmã, que deverias ter casado com o Barão de Piernumbuk e mudado para a Suíça! Meu Harry é muito influente naquelas terras — completou, mantendo a pose com um leque de fios de ouro e escondendo o sorriso debochado atrás de bordados de seda.

A verdade é que estava bastante satisfeita com a partida de Julienne, por quem sempre nutriu uma inveja visceral. Sim, ela tinha feito um casamento bem arrumado e fazia questão de não deixar a mais nova esquecer.

Amor era um sentimento que não se perseguia. *Dinheiro*? Este sim, tangível, mensurável, importante, palpável. O dinheiro, sim, regia o mundo de Julienne, que enviuvou com apenas 20 anos de um Barão não tão abastado e bem endividado.

Na época, o Príncipe era um homem vistoso cheio de galanteios que, ainda no período de luto, abordou-a com promessas e carícias impróprias. Filha de um Baronete e moldada para a nobreza, havia frequentado a Escola Alemã de Moças e acreditava, como ainda fazia há apenas alguns dias antes, que os filhos dos Reis eram charmosos e honestos, bons, gentis e cavalheiros. Era isso que havia lido nos periódicos para jovens damas.

Agora, com pouco mais de 21, amargava a desilusão no convés de um navio. Não que ela esperasse *amar*... Ela esperava ser *cuidada*.

— Príncipe encantado? Isso é invenção para arrumar casamento para os mais desprezíveis dos nobres! — Declarou.

Naquele momento, sentindo o vento e a maresia estragarem seu penteado, percebeu que, mais profundamente, estava destruída. Sua educação fora rígida, seu ego tolhido e sua inteligência podada. Ninguém jamais a havia preparado para o momento em que um homem a rejeitaria, grávida e desamparada. Ninguém a preparou para ser forçada a aceitar o matrimônio com um nobre de classe inferior, o qual ela sequer conhecia. Casaria com quem quisesse, conforme seu pai havia prometido em sua juventude.

— Visconde de Ladeiral? — Perguntou ao horizonte vazio, rindo em bufos. — Veja lá se vou casar-me com um viscondezinho qualquer... — Murmurou de nariz empinado.

Os gritos dos homens ao seu redor trouxeram-na de volta dos devaneios. Poucos metros atrás, sua governanta suspirava pela vida deixada na Inglaterra. Ao lado de um minúsculo baú de pertences, trazia apenas um vestido, uma roupa de baixo e o caderno de notas de sua mãe, curandeira da Fazenda Loire. Vestida em bege com a touca muito bem amarrada, que escondia o curto cabelo loiro que a moça usava *porque não tinha tempo de fazer tranças*, sentia uma mistura de emoção e aflição.

O capitão do navio havia sido agraciado com o título de Conde de Westling por sua bravura em uma das batalhas da Inglaterra. Todavia, falido e escorraçado dos salões de baile, apostou com um bêbado o comando de um barco. No último respiro de sorte, ganhou. Só então descobriu que havia sido agraciado com uma nau de linha com cinco mastros tomada por um grupo de piratas durante investida pelo Mar do Norte. Descobriu, ainda, que sua tripulação seria composta por muitos homens e pouquíssimas mulheres, bucaneiros caribenhos da pior estirpe. Nada diferentes do Conde em si.

Autointitulado *Belle Amie*, era um homem rude de pouco mais de 40 anos, que por mais de uma vez tentou violentar a Baronesa em sua cabine.

— Mulheres no barco só pode resultar em diversão ou tragédia — dizia toda vez que se aproximava dela com seu odor fétido de álcool vagabundo. — É a base da sexta regra...

Beneficiado pela *generosidade* de Sua Alteza e mais objetivamente com a carta de curso necessária para tomar o porto do Espírito Santo do Brasil, *Belle Amie* aceitou a presença da Baronesa e sua aia sem muita relutância. Ao perceber o tamanho do problema real, todavia, exigiu mais: mantimentos suficientes para a ansiada ida aos portos das Índias, uma propriedade frutífera e seu peso em ouro. *Desde que levasse a Baronesa e sua governanta à colônia portuguesa com discrição*, dissera Sua Alteza que receberia tudo o que pediu. Assim, os corsários poderiam saquear com anuência da Inglaterra.

Nauseada e prenha, Julianne frequentemente vomitava, pretexto estratégico para fugir dos braços do Conde. Quando os enjoos matinais não coincidiam com as incômodas investidas de *Belle Amie*, sua governanta servia-lhe chás. Alguns davam sono, outros faziam o estômago revirar e outros deixavam sua pele avermelhada e odorizada — a alho, basicamente.

Octopus vulgaris era como a jovem acompanhante referia-se ao capitão, comparando-o ao enorme monstro marinho temido por todas as embarcações. Muitos dos chás, é bem verdade, eram apenas o engodo para espantar a companhia fétida do Conde corsário. Quando não os bebia a tempo, a Baronesa fingia — *fingia* desmaiar, *fingia* vomitar, *fingia* fraqueza, *fingia* sono, *fingia* qualquer coisa que o afastasse dela.

Apenas sua governanta (e o capitão) conhecia a gravidez e por mais de uma vez a Baronesa lhe pediu que preparasse um abortivo. Ainda que leal, a criada recusava.

— Eu cuido do bebê, minha *lady*. Amarei-o como se meu fosse. Ninguém saberá que é um bastardo do Príncipe. — Era a resposta que dava cada vez que sua senhora insistia no assunto.

Mas os dias no mar transformavam cada vez mais Julianne, despertando-lhe um ódio visceral pela forma descortês como era tratada. A Baronesa descobriu as possibilidades infinitas que lhe tinham sido negadas, descobriu livros proibidos às mulheres, descobriu formas de se defender com elegância. Percebeu, então, que as calças masculinas eram libertadoras e extremamente protetoras, ainda que nada elegantes. Com a ajuda de sua governanta, moldou-as ao corpo, acreditando — e divertindo-se com a ideia — que isto seria um escândalo em seu próprio lar.

Lar? Onde seria seu lar agora?

Para passar o tempo, começou a treinar esgrima com o timoneiro. Aprendeu

a usar mosquetes, piques, alabardas, arcos, flechas e todas as armas úteis em uma batalha. Pontos vitais, ataques surpresa, a força do golpe e tudo mais que a Escola de Moças havia deixado de fora das aulas de costura. Mas, sim, até as agulhas tornaram-se armas letais nas mãos hábeis da Baronesa.

Três semanas após embarcarem, a moça traçou um plano arriscado, que terminou muito bem-sucedido e notoriamente afortunado. O mau tempo, é bem verdade, foi de grande utilidade.

Era noite de dezembro e todos estavam envolvidos com as vicissitudes da Grande Tormenta. Dentro de sua cabine, *Belle Amie* analisava mapas e possíveis rotas de fuga, chegando mesmo a cogitar o retorno ao Triângulo Dourado ou um novo ataque ao Mar do Caribe. Toda a frota que acompanhava a realza portuguesa já havia sumido e não havia nada que o prendesse àquele caminho.

A tripulação sentia os efeitos da carestia e começava a agitar-se; mais da metade da pouca comida levada a bordo havia sido descartada pela governanta intrometida depois que a cólera levou boa parte dos homens.

— Não servem para consumo — ela disse, mandando atirar ao mar tonéis cheios. — É possível que todos vós morrais se ingerirdes isto — retrucou ao capitão que reclamava do desperdício.

— É uma possibilidade — ele retrucou, coçando o queixo. — Mas, se não comermos, é *certeza* morreremos de fome.

Enfim, a maldição da presença de mulheres no barco parecia cada vez mais verdadeira e *Belle Amie* começou a pensar em livrar-se das duas — nunca o Príncipe saberia a verdade.

Incomodado pelo balançar da nau — e provavelmente com o almoço estragado que comera — o capitão sentia sua cabeça doer. Era um homem de princípios, segundo afirmava, gabando-se de nunca ter descumprido os acordos que fez.

Uma batida na porta e a silhueta voluptuosa da Baronesa fez sombra à sua frente, com os cabelos loiros meio soltos do coque e uma garrafa de vermute na mão. Não usava as terríveis e impróprias calças, mas um vestido de baile azul escuro com o maior decote que *Belle Amie* havia visto nos últimos tempos. As conchas formadas pelos seios da moça o atraíram e chegou, inclusive, a salivar com a visão hedônica.

Não desconfiava, o maldito, da dose elevada de ópio que havia sido misturada à bebida, cortesia do cozinheiro do navio que ironicamente se apaixonara pela jovem governanta de Julienne. Tampouco percebia que ela apenas fingia beber do gargalo, sem sequer encostar a boca carnuda no líquido.

— Meu senhor, esta pode ser minha última noite... Não gostaria de morrer sem conhecer os prazeres da carne — disse a Baronesa enquanto puxava os laços

de fita que amarravam a frente do vestido olhando-o com languidez.

— Achei que vós já conheciéis, minha senhora. Não éreis amante do Príncipe? Estás até prenha de um bastardinho!

— Ele não me servia de prazeres, *Conde* — disse, frisando o vocativo e evocando o ego do capitão.

— Entendo — respondeu o homem, umedecendo os lábios. — Mas este não é o momento ideal para aventuras e garanto que saireis viva. Comemoraremos assim que a tormenta se dissipar. Prometo ensinar-vos todas as formas de prazer do Oriente.

Sentindo seu plano naufragar com suas esperanças, ela insistiu, aproximando-se dele e debruçando na mesa.

— Amanhã não terei mais coragem, meu *Lorde* — falou com a voz melodiosa e longas piscadelas.

Lorde era tudo o que ele não era e tudo o que sempre quis ser... Estava quase cedendo à sedução quando o navio sacudiu e o vermute espalhou-se sobre ele e seus papéis.

Com o coração aos pulos, Julienne imaginou que estaria perdida e chegou ao ponto de desesperar-se por ínfimos segundos, arregalando os olhos. O sentimento durou apenas o curto tempo entre notar o líquido entornado, levantar o rosto e sentir a dor do lado direito. Seu peito, então, apertou-se em pavor: o mais cru e visceral *pavor*.

— Ora, estúpida vagabunda! — Bradou o capitão, virando uma bofetada com as costas da mão no rosto de Julienne e jogando-a ao chão impiedosamente. O anel com a insígnia de *Belle Amie*, pontiagudo e enorme, furou o rosto da Baronesa, que olhou assustada para ele.

Limpando o filete de sangue e ainda surpresa pela reação, a Baronesa ouviu o corsário gritar, enquanto caminhava ferozmente em sua direção, contornando a mesa:

— Agora conhecereis os prazeres da carne! E as dores também, mulherzinha medíocre!

Segurando com vigor o braço da moça, puxou-a do chão e virou-a de frente para a mesa molhada. Com a mão livre, abaixou a calça enquanto salivava em seu pescoço e murmurava palavras obscenas em seu ouvido.

Imprensada, Julienne começou a preferir estar morta. Fechou os olhos, sentindo as mãos nojentas rasgarem seu corpete. Cravou os dedos na mesa, na esperança de que alguém a salvasse. Sob sua mão, percebeu o abridor de cartas do capitão. Então, parou de pensar em ser salva e começou a pensar em salvar-se, parou de pensar em morrer e começou a pensar em matar. Em *como matar* precisa e rapidamente aquele imbecil.

Antes que *Belle Amie* alcançasse suas calças íntimas, ela enfiou violentamente o objeto na mão do capitão, fazendo-o soltá-la. Quando se virou e viu o ódio estampado no rosto do homem, empunhou novamente o abridor de prata e cravou no pescoço do homem.

Julienne percebeu o exato momento em que perfurou uma artéria, sentiu quando o objeto começou a entrar sem dificuldade até restar tão somente um pedaço para fora — a parte na qual uma folha de prata reluzia adornada por um rubi pequeno. Ela respirou profundamente, sentindo o regozijo da vitória dominar todo o seu pensamento, o prazer de matar alguém que só lhe fazia mal. Sentia-se uma heroína eliminando a vida menoscabável daquele capitão nojento.

Soltou o abridor e o corsário caiu, rindo, na cadeira do piano, segurando o objeto ainda enfiado ao pescoço.

— Sua idiota! Mulher idiota! Sem a minha proteção, meus homens a acharão e brincarão com Vossa Senhoria como se fosses uma cortesã francesa! Ou melhor, uma negrinha fogosa... E eu vou rir lá do inferno! Acha mesmo que eu morreria pelas mãos de uma mulher? Eu, o grande Conde *Belle Amie*? — Debochou com um sorriso opaco e lábios sem cor.

Julienne, ainda sofrendo os efeitos catárticos de sua libertação, tomou duas decisões: nunca mais um homem lhe menosprezaria e nunca mais dependeria de um salvador. Passou a mão pelo vestido, amarrando o trançado frontal com uma calma fria e procurando arrumar de forma decente o que ele havia destruído. Ao terminar, foi até a cadeira onde estava o capitão, abaixou-se e assoprou:

— Vamos ver quem vai rir, seu velho nojento! — Disse em sussurros, puxando abruptamente o abridor de folha e vendo o jato de sangue drenar de vez a cor do rosto do homem. — Eu estou matando-vos e ganhando vosso navio. Sim, grande *Belle Amie*, o *Maria d'Além Mar* agora pertence a mim, a Baronesa Julienne Elie de Loire. Vossa tripulação obedece a mim, a uma *mulher* — finalizou, respirando profundamente.

Limpou o abridor de cartas na própria saia, enrolou o cabelo em um coque apertado e prendeu-o, fazendo novo uso do objeto. O capitão perdeu a força até desfalecer sobre as teclas.

O barulho da tormenta impediu que o estrondo produzido pelo piano fosse ouvido. Olhando os mapas sobre a mesa, Julienne tomou um tempo para analisá-los e decidiu aportar em uma ilha inglesa do Caribe. Depois, satisfeita consigo mesma, empurrou o corpo ainda morno do capitão, sentou-se ao piano e começou um dedilhar melodioso como se o mar não estivesse em fúria. E como se um moribundo não desfalecesse ao seu lado.

— Isto se chama valsa, homem. É uma dança comum nos salões nobres — riu bufando. — Claro que não a reconheceis. Sois um verme imundo que serve a

quem paga mais. Soube que senhora Coraline vos expulsou de um baile. Patético, meu *Lorde* — debochava enquanto a dança delicada de seus dedos sobre as teclas fazia nascer acordes harmônicos e suaves. — Pena que esta peça magnífica está desafinada... Mandarei um dos meus homens afinar amanhã logo pela manhã. A *minha* tripulação — arrematou, levantando os olhos e sorrindo para *Belle Amie*.

A voz do capitão não era mais ouvida e os últimos sopros de vida já o haviam abandonado. Julienne levantou-se, foi até ele e tirou todos os símbolos de seu poder: o anel, o colar, o chapéu, o lenço e a faca do cinturão. Vestiu-os, foi ao convés e se proclamou, causando espanto e revolta. Em meio à tempestade, todavia, nenhum tripulante ousou questioná-la, ainda que o burburinho a enfurecesse.

— Calem-se! Eu matei *Belle Amie* e sou a capitã agora. Mudem o curso. Vamos em direção à Costa dos Escravos.

— Está louca! A esquadra portuguesa não deixará uma tábua do *Maria* para salvar-nos à deriva — gritou um marujo.

Julienne inspirou profundamente, arregalou seus olhos com raiva latente e ordenou ao homem que a obedecesse como se falasse com uma pequena criança.

Assim se fez.

O fim da tormenta encerrou o período de comando de *Belle Amie*. Jogado ao mar sem qualquer homenagem ou ritual e despido dos lençóis, foi imediatamente substituído por *La Baronne*, apelido conferido a Julienne pela tripulação que se curvou às suas ordens assim que viu que a moça havia, de fato, assassinado o capitão e assumido o controle do barco.

A falta de comida desanimava a todos e a nova capitã trazia um fio de esperança — fino como seda, mas real como o sol se pôr no horizonte oeste.

Um tempo depois, chegaram em segurança à pequena ilha de Santa Helena, de domínio britânico.

Hasteando a bandeira da Inglaterra e com a carta de corso em mãos, Julienne desceu à terra firme acompanhada da governanta e de dois tripulantes, devidamente trajados como vassalos, carregando dois baús de ouro. Negociou comida com eloquência e firmeza, voltou à nau aclamada pelas aquisições pacíficas e foi questionada sobre a reposição das riquezas. Neste instante, percebeu seu novo lugar e sua nova identidade.

Despida de toda a fragilidade, era responsável pela alimentação, segurança e cuidado de mais de 300 homens. Ouvindo as discussões e celeumas, apertou o colete de couro, prendeu os cabelos com a pena, despojou-se da anágua e foi ao convés.

— Julienne Elie, a Baronesa de Loire, morreu no mar durante a tormenta.

Eu sou Julienne Couvier, *La Baronne* do *Maria d'Além Mar*, e sou sua senhora.

Meses depois, deu à luz a uma menina, a quem chamou Clara, em homenagem à lealdade, astúcia e bravura de sua governanta, que misturava elementos, fazia poções e chás, curava dores e males e, mais do que isso, criava compostos inflamáveis perfeitos para destruir imensos navios à distância.

A aia, que ficou conhecida como *sahira* (bruxa), era temida e respeitada por todos. Para a jovem governanta, foram cunhadas cinco mil moedas de ouro com uma estrela, todas devidamente guardadas em um baú nos aposentos da moça. Com elas, poderia viver confortavelmente em qualquer lugar do mundo, se assim desejasse. Não obstante, seguiu fielmente Julienne, mantendo-se ao lado da antiga senhora.

Em pouco tempo, Julienne se tornou uma corsária muito bem-sucedida nas costas por onde passava, saqueando ouro e libertando os cativos. Viu a dor e sentiu o amargo do sangue mais vezes do que gostaria. Lutou, golpeou e foi muito golpeada, chegando a ter cicatrizes longas no rosto e nos braços. Matou mais homens do que poderia contar e era conhecida por sua frieza. Hábil com facas e pontas, deixava marcas propositalmente irregulares em cada oponente, favorecendo-se da própria aproximação sutil e delicada.

Por ocasião de um resgate na Costa do Marfim, salvou a senhorita Amelie de Feu, uma jovem ruiva francesa feita refém na costa de Angola, de um navio que jaz no fundo do Atlântico depois de arder em chamas altas atiradas pelo *Maria d'Além Mar*.

Quando sua pequena bebê completou 2 anos, chegaram à cidade do Rio de Janeiro. Era 1810 e, com a Corte Portuguesa devidamente instalada, os portos haviam sido novamente abertos aos imigrantes e às importações. A bandeira inglesa era, enfim, bem vista.

Ainda no navio, Julienne nomeou a nova capitã, despediu-se de sua tripulação e vestiu as roupas da nobreza, o que lhe permitiu o acesso ao continente.

Atrás da Baronesa Couvier, a aia, seu marido e o filho de pouco mais de um ano, além de um cento de marinheiros, devidamente trajados, desembarcaram na capital da colônia sob tapete vermelho e salva de tiros de canhão disparados pelo *Maria*. Causaram espanto em todos que observaram a cena, especialmente porque Julienne não era conhecida nem esperada.

Sob o comando de *La Reine de Feu*, a nau voltou aos mares. A pouca idade de Amelie, entretanto, tornou-se motivo para muitas desavenças. Para se afirmar, seguiu os conselhos de *La Baronne* e atirou meia dúzia de homens ao mar, no ponto mais profundo do oceano, cada um marcado com um pequeno talho nas pernas. Com um baú de ouro, comprou a lealdade de cinco dos piores tipos do

navio e, assim, estava sempre protegida.

Julienne Couvier, em uma das últimas cartas enviadas à Amelie, datada de janeiro de 1814, assim escreveu:

A cidade era fétida, com esgotos pelas ruas e um odor nauseante. Algumas casas tinham a inscrição PR nas portas, pintadas em branco sobre o azul cerúleo. Perguntados, os nativos disseram tratar-se de ponha-se na rua, mas logo descobri que era a marca da inscrição Propriedade Real, uma ordem de despejo expedida pelo Príncipe Regente, Dom João VI, para que os donos das casas as deixassem para os nobres que as haviam escolhido. Não há respeito às propriedades e sei que Napoleão agiria aqui. A maioria negra da população é sofrida e machucada pelos paus. Ainda há alguns com máscaras e colares de madeira e, pelas ruas, foi possível ver pelourinhos manchados de sangue. As mulheres são, principalmente, estupradas ou desprezadas. Às primeiras, vítimas da luxúria desenfreada dos homens, restam bastardos. Às segundas, vítimas das exigências de uma sociedade hipócrita, restam o silêncio atormentador e os bordados do lar. Suas vozes, de todas, não são ouvidas. Seus desejos são caprichos menosprezados. Seus rostos, espelhos de sofrimento. Com tudo o que vimos no mar, não pude permanecer ali. Sigo mata adentro, direção ao sul, onde se chama Rio da Prata. O séquito que me acompanha é composto quase que exclusivamente por mulheres negras — muitas das quais grávidas de seus senhores. Não são ladies. São rudes, grosseiras e amedrontadas por tudo que sofreram. Mas quem é mais leal do que aquele a quem são devolvidas a liberdade e a honra? Venha visitar, minha querida amiga, quando achares que é hora de deixar o mar. Haverá uma propriedade à espera, tua própria Arcádia!

Com amor,
Baronesa Julienne Couvier

No caminho, destruiu uma casa de carnes na capital e libertou 200 crianças, das quais cerca de dois terços foram recapturadas e mortas pelo chefe de caravana e seus homens.

Angustiada por tudo que viu, traçou o ousado plano de libertar pessoas aprisionadas nas fazendas por onde passasse, sempre usando o mesmo ardil: a dama inglesa e sua acompanhante perdidas quando rumavam em direção a um casamento arranjado, servidas por três escravos, eram acolhidas pela boa família. Passavam alguns dias, enquanto a tripulação esgueirava-se nos arredores e libertava, em uma revolta sangrenta, os cativos. Assustadas, as damas partiam; sem que os donos dos escravos percebessem seu envolvimento no golpe.

Quando Julienne simpatizava com a família, pagava os impostos, registros e comprava os escravos — todos, de preferência. Mas a atitude era simbólica e, uma vez longe dos olhos dos antigos senhores, os cativos podiam escolher seu caminho: segui-la ou partir para outro destino. Quase todos seguiam a *Sinhá Imperadora das Pretas*. Alguns, entretanto, buscavam quilombos, atrás de seus pares e de notícias dos familiares outrora levados.

No lombo de animais e a pé, a viagem pelo interior do Brasil foi feita nas mais árduas condições. Neblinas intensas, trilhas sinuosas, ladeiras íngremes e mata fechada eram apenas alguns dos desafios. A comida frequentemente

mofava e o enorme grupo era constantemente acometido de doenças, principalmente respiratórias. Julianne perdeu muitos seguidores assim.

Meses depois de sobreviverem à base de farinha, mandioca, feijão das roças e frutos silvestres, o grupo chegou à Cisplatina, em uma região ainda não tomada pelos Bandeirantes e pouco explorada pelos colonizadores. Fizeram de lá seu próprio rincão.

Um vale idílico encrustado nas montanhas e cachoeiras da América do Sul, entre o Brasil e a Argentina, de clima fresco e neblina noturna, tornou-se Boaventura, como lhe convenceram chamar o local onde firmaria sua bandeira. Ali, vestígios de uma aldeia quase dizimada resistiam no berço da floresta com poucos representantes. Ali, Julianne foi aclamada Imperatriz. Ali, uma nova vida começou para ela e para todos que a acompanharam.

Um conjunto de estruturas de argila foi erguido, cercado com muralha de taipa o Império limítrofe à gigantesca colônia portuguesa chamada Brasil. Era um paraíso autônomo, isolado, regido por regras e governo próprios, rodeado por uma profunda vala que visava mantê-los isolados do resto do mundo.

Julianne tentou ouvir a todos. Conversava, perguntava e respeitava a todos, mas não abandonou suas raízes. Com isso, conseguiu uma frutuosa mistura étnico-cultural, cada vez mais alargada por todos os fugitivos que procuravam o pequeno paraíso. Era comum chegarem ao Império novos foragidos, novos escravos libertos, novos estrangeiros que ouviam falar da Sinhá nos burburinhos clandestinos. Todos eram recebidos por Julianne e a *sahira*, Grã-duquesa Klar, que os acolhia em uma estalagem mantida pela figura acolhedora da Tia Baiana até que conseguissem uma ocupação. Lá, eles conheciam as peculiaridades do lugar.

Duas escolas foram criadas — uma para meninas e outra para meninos, seguindo modelo de internatos europeus. Um jornal, uma Casa de Suplicação e a Casa de Cura foram alocados em diferentes lugares. Barracas para venda de produtos foram se instalando ao redor da Praça do Horto, ponto central do Império.

O calor impediu o uso de muitas roupas e a tecelagem local de algodão e fitas foi utilizada. Aos homens, foram dispensadas as casacas e coletes, além de terem sido criadas mangas curtas e gravatas soltas. As saias perderam volumes, os decotes aumentaram, as mangas foram cortadas e as damas mostravam mais de seus corpos. Sem as anáguas, o movimento das ancas era mais evidente e o sacolejo do tecido leve deixava o ritmo ainda mais cadenciado, mantendo a delicadeza de sombrinhas de seda — luxo reservado às famílias nobres do local. Calças femininas não foram adotadas — havia muita resistência quanto à decência delas e as mulheres preferiram o frescor das pernas à mostra. Os rostos

eram pintados na área dos olhos e nas bochechas, marcas nos pulsos identificavam a origem da família e o uso de turbantes era mandatário no dia de repouso, quando os ancestrais falecidos recebiam suas oferendas e pedidos de proteção. Ramais de contas adornavam-lhes os pescoços como joias.

Festas religiosas foram sendo mescladas, aos poucos, por diversas comemorações — de procissões a jogos de máscaras, de correia de velas coloridas a dias solenes nos quais todos deveriam usar a mesma cor, de celebrações pelo início da colheita a feiras de São João, de bailes ao som de valsa a rodas ao som de tambores e berimbaus.

As fronteiras foram alargadas e a muralha feita de taipa e barro ficou pequena demais. Dentro dela, restou apenas a Vila Verano. Fora, as fazendas das seis famílias mais ricas: além do Grão-ducado, os Ducados de Terras Altas e Po´Ala, os Marquesados Anderson e Silver, e o Condado Casteloforte.

Havia aqueles que receberam riquezas, aqueles que enriqueceram e aqueles que empobreceram, havia vassalos e havia nobres, havia muitas lembranças da vida passada da Baronesa de Loire e esperanças de um futuro feliz. Havia prata, ouro, cobre, pedras brutas e havia comida, plantações e agricultores. Pouco do mar chegava à vila e, recolhidos em seu próprio mundo, os moradores de Boaventura sentiam-se protegidos pelos muros verdes da floresta.

As apreciadas iguarias, as ricas colchas indianas, os leitos de damásio carmesim, sedas, franjas e fios de ouro eram luxos que foram se perdendo com o tempo. Em seu lugar, pedras preciosas, capim dourado, licores de café, sementes raras e outras importações deixavam claras as diferenças entre ricos e pobres.

A governante nunca casou — prometera a si mesma, quando tomou o *Maria d´Além Mar*, que não teria mais um senhor. Em 1821, quando soube da morte do Príncipe Augusto, Julienne adoeceu. Para sua *sahira*, a Imperatriz foi acometida da melancolia própria dos rancorosos, dos que nunca desculparam e dos que não se vingaram. Se trancou na sala do trono e, de lá, não saiu com vida. Como um dos últimos atos em vida, nomeou uma Corte de Conselhos, formada pelas seis famílias abastadas e mais próximas, a Corte das Seis, que seria responsável pela Regência do Império.

Era 1822 e a colônia vizinha declarava independência. Sua filha, na ocasião, tinha completado seu 14º. aniversário e essa história aconteceu mais de 30 anos depois.

CAPÍTULO 1

Aurora Perdida

Boaventura, quinta-feira, 6 de dezembro de 1855.

Com a chegada da alta nobreza à Vila Verano, podemos antecipar-vos que a estação será animada e as esperanças, renovadas. Sim, o deus Kiti nos abençoará com um novo ano de calor e fartura! A festa em homenagem ao protetor das colheitas e da fertilidade, realizada sempre no dia seguinte à chegada da Imperatriz, tomará lugar no grande salão da Marquesa Anderson e promete o anúncio de uma grande notícia: o belo Príncipe Francisco vai casar! Sim, moças apaixonadas, o rapaz de olhos azuis e madeixas douradas esvoaçantes enlaçou uma noiva rica – e de título. Em pouco tempo, a querida Imperatriz Clara Couvier poderá partir para seu descanso eterno e nós, pobres aventureiros, não estaremos entregues nas mãos de senhora Teresa de Terras Altas. Esta autora humilde que vos fala não dirá quem é a sortuda infeliz que assumirá o desejado posto de nora imperial e cuidará de nosso destino quando os bons anjos pouparem a amada governante de seu sofrimento terreno. Tal informação valiosa, senhoras leitoras, somente no baile será divulgada. Posso, todavia, adiantar-vos: haverá dor e lamento. Encerem suas máscaras, reforcem as pinturas, pois o evento anual da Marquesa será inesquecível! Renovando meu compromisso com a verdade, se o anúncio não for feito, mudo para o famigerado Império do Brasil!

Uma curiosa repórter investigativa

A igualdade entre homens e mulheres deve ser uma realidade de Boaventura. Precisamos nos unir contra as injustiças da Constituição de 1832. Todos são iguais e assim devem ser tratados.

*M.C.
Repórter*

Em uma sala ensolarada, móveis de madeira e palha dourada destacavam as elegantes cortinas verdes de algodão desfiado, que serpenteavam sob o vento forte, prelúdio de mais um dia de chuva nas montanhas.

Uma enorme tela pintada a óleo de sementes amazônicas retratava os vales férteis de Boaventura, o Lago Limitoca e um casebre rústico, tal qual uma pérola delicadamente esquecida em meio à bucólica paisagem. Era a mítica casa de Amelie de Feu, que *Sinhá* Julienne mandara construir para a aguardada visita de *La Reine*. No canto, a sigla FC remetia a um talentoso pintor local.

Agitados, os empregados da produtiva Fazenda Casteloforte preparavam os baús para a viagem. O engenho ainda rendia muito, a despeito de fornecer gratuitamente cachaça a quem quisesse cultuar seus antepassados, mas era o escritório de Direito que fazia, da família, uma das mais respeitadas e abastadas do Império.

Duas meninas, que desciam as escadas correndo e deixando caírem suas penas de passeio, eram seguidas por pequenos e escandalosos cães acompanhantes de pelo curto caramelo. Lindos cabelos negros formavam caracóis irregulares e brilhosos, como que recém lavados. Rosados vestidos de viagem, adornados com *black calypsos* costuradas sob trançados alvos finamente

trabalhados ressaltavam sua tez. Atrás das moças, a governanta desesperava-se para arrumar — novamente — as roupas e deixá-las à altura de sua posição social.

— Voltem aqui, pequenas diabras! Jasmin! Rosa! Estão amassando os vestidos que passei com a goma senegalesa! Vós sabeis como é difícil conseguir! Condessa, ajudai-me! Essas meninas não param!

A Condessa não respondeu. Suas duas caçulas eram realmente endiabradas e enlouqueciam a aia. Seus outros dois filhos, Eli e Felipe, já não davam mais trabalho — este *tipo* de trabalho, pelo menos.

Um licor finamente preparado com grãos de café do Brasil foi servido ao casal principal, que se despedia ainda à mesa do café da manhã, decorada com um caríssimo jogo de chá todo feito de cabaças de diferentes tamanhos e pinturas.

— Encontramo-nos na Vila esta noite. Preciso resolver algumas coisas no escritório antes de ir. Deixei o dinheiro sobre a mesa da entrada. Não te esqueças de comprar uma bonita roupa para ires ao baile. Ah! Felipe precisa de uma gravata.

— Tudo bem. Na *Sinhôzim*?

— Sim, é melhor. Levarei o coche.

— Chegarás cedo?

— Farei o possível. Bem sabes que prezo por nossos jantares.

— Leste a coluna desta manhã? Parece que a Imperatriz anunciará o noivado do Príncipe no baile.

— E quem é a pobre coitada que submeterá os ouvidos aos humores iracundos de Francis?

— A repórter não disse.

— Deve ser mentira, por fato. Este periódico é uma afronta ao Império! Não imagino como possa ainda ser impresso. A sede está fechada há mais de 20 anos.

— Creio que a notícia sobre o Príncipe seja verdade, meu amor. A repórter jurou que mudaria para o Império do Brasil.

— Brasil? Que bem pode vir de um lugar como aquele, onde um menino governa?

— Não é mais um menino... Já fez trinta, creio.

— Ora, isso é um detalhe. O que me lembra: e Felipe? Chega a que horas da Casa do Vale da Lua?

— Creio que ele vá direto para Verano. Maurice enviou-nos uma correspondência informando que a diligência o deixaria às 18 horas hoje em nossa casa.

— Tão tarde? E ele vem acompanhado? Meu irmão não seria tão irresponsável para deixar a honra de meu filho ser posta em risco...

— Seu valete o acompanhará.

— E Eli?

— Estará lá à noite também.

Um beijo cheio de amor foi trocado. Margarida era uma mulher de fama severa e olhar perfurante, mas para o marido, era simplesmente Marga. Tendo passado dos 50 anos, já era grisalha, usava o cabelo grosso constantemente preso em um pequeno coque, não se permitindo qualquer mecha rebelde. Diferente das filhas, não usava geleia de uvas ou ocre vermelho para colorir os lábios. *Não tenho mais idade para estes caprichos*, dizia.

Charles era um homem de cerca de quarenta anos, magro, alto, dono da pele do mais puro negro retinto e brilhante, famoso por seu jeito jocosos e gentil. Amigo de infância do irmão de Margarida, foi prometido a esta em matrimônio pelos pais quando o rapaz nasceu e apaixonaram-se quando ele atingiu a puberdade. O casamento, todavia, só foi realizado quando o escritório Casteloforte já estava em prestigioso funcionamento.

Sem fugir às regras de decoro, eram costumeiras as demonstrações públicas de carinho — mãos sempre enlaçadas, suaves beijos, danças reservadas e animadas, companhia constante, risos largos e piadas comuns. Poucas pessoas a faziam sorrir como o marido. E ninguém a entendia tão bem.

Incomodada com os gritos da aia e das filhas mais novas, a Condessa chamou as meninas e, em um discurso longo e pausado, colocou-as sentadas no sofá esperando a partida para a Vila. *Impacientemente* quietas.

O coche, de madeira vermelha e cortinas brancas de bordado inglês, ostentava o brasão na porta. Todas as famílias do Império — desde as mais humildes até as mais abastadas — possuíam suas marcas enfeitando os veículos, aldravas e camafeus; a arara feita em relevos de pau brasil era a marca dos Casteloforte.

A longa jornada até o Centro de Negócios de Boaventura, localizado nos arredores da cidadela principal, permitiu que lesse suas anotações, preparando as defesas que usaria no Tribunal naquela tarde.

Cerca de duas horas depois, parou à frente de uma palafita comercial, feita de madeira branca, janelas amarelas e palha. Sobre a porta, uma imponente e impecável placa de marchetaria, na qual lia-se *Escritório Casteloforte*, refletia a importância do lugar. Situada entre o pequeníssimo Museu Real e a antiga sede abandonada da Aurora Perdida, a construção outrora competira em elegância com a Casa da Suplicação, localizada bem à sua frente.

— Como vais, senhor Castilho? Já estão prontas para a reunião matinal?

A pergunta era retórica e poderia perfeitamente ser uma afirmação. Não havia atrasos. A exigida pontualidade era contratual — e o descumprimento da cláusula era motivo para desligamento. Ninguém, nunca, gostaria de ser desligado do famoso escritório Casteloforte; o que certamente seria grande motivo de chacota em Boaventura e em todos os Impérios vizinhos.

Ainda assim, o secretário respondeu com um aceno de cabeça, aproximando-se para retirar o chapéu de penas com rubis de Margarida Casteloforte e pendurá-lo junto à porta.

Elegantíssima em seu vestido de algodão corado com casca de soja preta, desfilava com um harmônico tom violeta, levava a marca da família nos braços nus, delicada e demoradamente desenhada por sua criada pessoal com urucum.

Vaidosa, passou as mãos pelo cabelo assegurando-se de que todos os fios estavam impecavelmente presos no centro da cabeça por um pequeno grampo de rubi ovalado. Alisou a saia, colocou os óculos de fina armação dourada que não escondiam seus olhos negros bem demarcados e, segura de si, caminhou até a sala para começar o dia, não sem antes inspirar profundamente e beber seu chá de ervas calmantes.

Os saltos baixos de madeira retumbantes davam ritmo ao caminhar pesado, firme, imponente, altivo e assustador — *bem assustador*, conforme as fofuques do escritório.

A seriedade não surpreendia a ninguém. Completando cerca de três décadas a serviço da Família Imperial e dos mais ricos do Império, o famoso escritório era reconhecido e respeitado por todos. Filas de moças se candidatavam mensalmente a uma vaga — não só pelo salário generoso como pelo prazer de aprender com a imponente senhora Casteloforte, responsável pela defesa do Império desde o período de Regência da Corte das Seis e uma das idealizadoras da Carta Constitucional de 1832.

A sala onde o corpo jurídico a aguardava continha apenas uma mesa retangular. Margarida sentava-se à cabeceira e suas auxiliares — dezesseis moças — nas laterais. Diferente da Condessa, as auxiliares usavam tons crus de tecido, marca diferenciadora das classes menos abastadas, que não podiam custear os corantes necessários ao tingimento, nem tampouco as despesas de manter-se uma roupa devidamente colorida. A exceção era o obrigatório azul e branco dos dias de festividade, uma exigência da Imperatriz.

— Bom dia a todas. Nossa principal pauta de hoje é o processo da Marquesa Joanne Silver *versus* a senhora Delegada Cláudia Longboard, exigindo reparação pela prisão de sua filha na saída da Escola de Medicina — disse olhando um bloco de papéis e, puxando os óculos para a ponta do nariz, franziu os olhos e continuou. — Briga de rua, certo? Vergonhoso! Uma futura

Marquesa! Mas precisamos seguir em frente com o nosso serviço. Ontem, deixei-vos por incumbência a pesquisa jurisprudencial. Alguma das senhoritas localizou valor menor do que 5.000 pratas?

E um silêncio sepulcral firmou-se.

— Senhoritas, qual a defesa da moça?

Nem a respiração das auxiliares foi ouvida. Levantando o olhar, engrossando a voz e empurrando os óculos de volta ao lugar, reforçou:

— Então, senhoritas? Por quanto poderemos barganhar?

A sala permaneceu em silêncio. Margarida inspirou profundamente, olhou para o secretário que, de pé ao lado da porta, mordida os lábios com nervosismo. Após mais uma longa inspiração, coçou a testa como sempre fazia quando pensava em demitir alguém e soltou o ar, preparando-se para falar novamente, quando uma voz rouca arriscou-se, em pigarros:

— *Sinhá* Casteloforte?!

— Finalmente uma voz! Pois não, senhorita...

— Flores. Sou Anabelle Flores, *sinhá*.

A Condessa olhou para o secretário novamente e ele balbuciou, respondendo à pergunta implícita:

— É a dama nova, senhora.

— Ah, sim, a menina nova indicada pelo Maurice. Prossegue, criança — disse Margarida, estreitando os olhos com desconfiança para a moça, que levava os cabelos presos em uma trança lateral amarrada apenas por uma linha e decorada com uma pequena pena, usava um vestido largo e mal costurado que fazia seu busto parecer minúsculo e as curvas, grandes retas. O rosto, desastrosamente desenhado com pontos brancos em linhas circulares, era como uma espiral, um sinal de sua humildade perante o mundo e suas tantas voltas.

O braço da moça, um pouco largo demais, anunciava uma formação pobre e excesso de trabalhos de força física. Mais alta que a maioria das demais, fora agraciada com uma voz de tenor e sobranceiras grossas. Parecia muito jovem para ter diploma. Margarida poderia jurar que a menina mal havia completado 20 anos ainda. A Condessa, então, estreitou os olhos e a jovem, encabulada, limpou a garganta e começou a falar:

— Há apenas uma decisão nesta cidade, *mia siá*, mas a meritíssima fixou em 2.000 pratas.

— Não está nem perto de aceitável. Quero improcedência.

— Não localizei neste Império. Mas tenho por certo que poderei localizar em outro se tivermos um prazo um pouco maior...

— Um dia, menina. Tu tens um dia para trazer a decisão. Te formaste onde, senhorita Flores? — Perguntou Margarida, ainda analisando-a por cima dos

óculos.

Anabelle Flores pigarreou novamente, soltou o ar e respondeu:

— Em outro Império, *sinhá*. Meu diploma estará pronto em alguns meses, caso a senhora faça questão.

— Onde?

— No Império do Brasil.

Suas narinas dilataram, mas Margarida ficou em silêncio. Sabia bem que não havia moças se formando naquele maldito lugar, o qual ela odiava com suas forças mais profundas. Não porque lembrava de alguma coisa das paisagens, mas porque lá, naquele enorme e fétido lugar, viu sua mãe ser violentada mais de uma vez pelo feitor, seu pai ser assassinado a pauladas e ela mesma sofreu as penúrias de um chicote espinhoso.

Respirou profundamente, lembrando-se de quando conheceu *Sinhá* Julienne, que comprou sua mãe grávida e os levou daquele inferno. Maurice, seu irmão, nascera a caminho de Boaventura, deixando órfãos ele e a irmã no parto. À ocasião, Margarida tinha apenas 10 anos.

Voltando à realidade, finalmente falou sem qualquer emoção aparente:

— Ah, claro... No Império do menino. Enfim, traz o documento assim que estiver pronto, pois bem? Não aceitamos rábulas aqui, senhorita Flores. No mais, aguardo tua pesquisa minuciosa. Creio que não teremos maiores problemas. Estás morando com seus pais?

— Não, Condessa. Meus pais faleceram e não venho de família nobre.

— Entendo. Lamento, senhorita Flores. A presença materna é importante na formação de uma moça séria e competente. Enfim, amanhã, no fim da tarde, quero uma decisão melhor e...

O secretário interrompeu, pigarreando, abaixou-se ao lado da Condessa e murmurou algo inaudível às demais presentes.

— Ah, sim. Obrigada, senhor Castilho. Amanhã não haverá expediente. Então, senhorita Flores, aguardo tua pesquisa na segunda-feira, às 9 horas. Senhor Castilho, por gentileza, marca em minha agenda. Ah, sim, senhorita Flores, não me chama de Condessa. *Jamais*. Aqui, sou apenas senhora Casteloforte — disse em tom sóbrio, retirando-se da sala antes de todas as suas advogadas auxiliares.

Quando chegou ao corredor, voltou e reclamou:

— Quanto às demais, na segunda-feira pela manhã quero cinco páginas sobre pensão alimentícia. Quem não trazer, não precisa voltar — finalizou, girando seu vestido e caminhando pesadamente até sua própria sala.

Sentia-se vitoriosa pelo castigo aplicado às auxiliares, certa de que serviria para ensiná-las alguma coisa, mas no caminho murmurou para si mesma:

— Incompetentes... Preciso colocá-las no caminho certo... Não posso continuar com um corpo de advogadas tão fraco...

Dirigindo-se ao gabinete com o secretário pessoal em seu encalço, Margarida ouvia os compromissos marcados para a tarde. O enorme rapaz de quase 30 anos e cabelos pretos muito lisos era filho do religioso de uma capela afastada, no Vale da Lua. Educado em desenho e música, sabia escrever graças à mãe, que contratara uma preceptora para os primeiros anos, e lhe conseguira um emprego no Casteloforte como secretário de Margarida. Nunca abandonou, entretanto, o arado na propriedade da família — e isto lhe rendia uma pele muito avermelhada, braços largos e rígidos e uma beleza nativa.

A advogada, todavia, não permitia que ele opinasse em nada.

— Tu foste contratado porque a Duquesa de Terras Altas pediu e só por isso — costumava dizer quando o rapaz decidia oferecer sua opinião sobre algum caso, mesmo que ele estivesse certo, o que ocorria com bastante frequência.

A agenda do dia da Condessa estava recheada de compromissos, mas a maioria em nada tinha relação com o escritório.

— De importante — destacou Castilho — apenas uma reunião com a Corte das Seis e o chá com a senhora Anderson.

— A Corte já resolveu a lista de indicadas à Presidência do triênio?

— Creio que sejam a Marquesa Silver e Baronesa Arges.

— Arges? Mas ela é apenas uma Baronesa... — murmurou a Condessa.

— Sim, senhora, mas parece que a senhora Arges foi indicada pela Família Imperial.

— Pela Imperatriz?

— Não sei, senhora.

A Corte das Seis, nomeada por Julienne Couvier, foi responsável pela Regência e reforma da Constituição no início dos anos 30, pouco antes do sumiço da Princesa Maria, filha mais nova da Imperatriz. Dificultaram o ingresso dos meninos aos estudos e à participação na vida pública em geral. Sendo uma força política, seu comando era um cargo disputado e frequentemente atribuído apenas às mais altas nobres. A presença da Baronesa, ainda questionada, só fora possível com a saída da Grã-Duquesa Klar, em 1832.

Balançando a cabeça, ainda perdida nos próprios pensamentos e recordações, a Condessa prosseguiu:

— A Marquesa Anderson adiantou o assunto?

— Não, senhora. Apenas marcou o primeiro horário da tarde. Creio que tenha relação com o acordo para casamento de Felipe e senhorita Vitória.

— *Lorde Felipe*, senhor Castilho — corrigiu-o com rigor.

— Claro, senhora, perdoai-me o lapso. *Lorde Felipe* e senhorita Vitória —

corrigiu-se.

— Muito bem. Marca com o senhor Crodule no sábado à tarde na minha casa da Vila Verano. Mande-o ornar uma faixa com tons de azul e penas de arara.

— Como queiras, senhora. O jornal está sobre vossa mesa. A repórter misteriosa disse que o Príncipe vai casar, mas ele não foi visto com ninguém e...

Margarida soltou o ar e levantou a mão, interrompendo a conversa do secretário.

— Por favor, senhor Castilho. Realmente, a vida amorosa do Príncipe não nos diz respeito. Todos conhecemos o caráter dele e seu gênio escarpado, provavelmente herdado do pai. Se alguma moça do Império decidiu desposá-lo, de certo não fora da nobreza. Nenhuma rapariga de boa família aceitaria tomar aquele rapaz como marido — encerrou o assunto.

— Claro, senhora.

Vendo o constrangimento do secretário, soltou pesadamente o ar e amenizou:

— Ainda assim, eu gostaria muito de saber quem é a *matraqueira* do Império. Ela dispara notícias como uma guerreira solta suas flechas e escreve bem, fluidamente. Seria excelente advogada... E de onde ela escreve? Onde imprime os periódicos? Com a sede do Aurora Perdida fechada, este é um mistério insolucionável.

Ele sorriu.

— Acho que todos nós pagaríamos por estas informações, senhora, e provavelmente, por isso, são tão sigilosas...

— Também gostaria de saber quem são os repórteres que questionam as leis do nosso Império! Deviam ser presos!

Castilho, naquele momento, apenas sorriu. Qualquer pessoa que se propusesse a falar da nobreza já teria sido banida e, por isso, era bom que a identidade deles permanecesse oculta.

Os dias de Margarida seguiam uma rotina prazerosamente extenuante. Naquela quinta-feira, todavia, um buquê com 22 rosas a aguardava em sua sala na volta do almoço. O bilhete, escrito à mão com uma letra familiar, dizia tão somente *Amo-te*. Ela sorriu, lembrando o que aquele número representava para o casal. De certo, o romântico marido jamais esquecera a data do enlace de ambos. Assim que recebeu as flores, chamou o secretário e pediu uma garrafa do vinho predileto do marido.

— Preciso sair às 17 horas — informou. — Avisa-me com vinte minutos de antecedência e deixe o cocheiro avisado. Interrompe a senhora Anderson, se for preciso. Com educação, senhor Castilho — afirmou com o dedo em riste. — Ela é uma Marquesa!

Em eficientes trinta minutos, a garrafa foi entregue em um embrulho de juta. Infelizmente, a despeito do aviso e insistência de seu secretário, Margarida não conseguiu sair antes de 19 horas. Caminhou desanimada até a carruagem, com o buquê e o vinho nas mãos, lamentando a perda do jantar.

Ao chegar à Vila, às 21 horas, todos, pai e filhos gargalhavam animados em uma descontraída conversa sobre vestidos, cabelos, carruagem quebrada, cavalos assustados — e a comemoração do aniversário de casamento sequer foi comentada.

Diferente da chuva torrencial e do clima ameno que as montanhas traziam diariamente, a Vila Verano era muito quente, mas as árvores presenteavam os moradores com sombras e brisas frescas.

Assim que a Condessa entrou no palacete da família, um rapaz alto e forte veio ao seu encontro, com um abraço caloroso e um beijo terno na fronte da mãe.

— Felipe, meu menino! Como é bom vê-lo novamente! Não pensei que fosses ficar dois anos com teu tio!

— Oh, sim, mamãe. Foi muito instrutivo — disse em um tom irônico que não passou despercebido à astuta Margarida.

— Não te enviei para instruir-te. Enviei para que pintasses as paisagens e te beneficiasses do ar fresco do interior. Bom, e também porque teu tio está doente e precisou de ti. Como ele está?

— Melhorando. Ainda tosse bastante, mas não há sangue.

— Pois bem. Recebi tua tela! Lindíssima, meu menino! Estás pintando com primor!

— Trouxe outra — disse, entregando-lhe um pequeno pacote que descansava na rede.

Quando desembalhou o presente, a Condessa abriu os olhos com raiva e disse:

— Estivestes novamente no Brasil?

— Apenas uma visita instrutiva a um rincão no sul.

— Já proibi, a ti e a teu tio, de ver as índias nuas.

— Nosso Império foi fundado sobre as ocas de uma tribo. Temos índios, mamelucos, mulatos e todo tipo de mistura e...

— Não responde à tua mãe! — Disse veementemente o pai.

— Claro, peço desculpas — murmurou o rapaz, desrespeitosamente levantando-se da mesa para deixar a sala sem anuência da Condessa. Parou à porta, virou-se para a mãe: — Vou me recolher cedo hoje, mamãe, com vossa licença. Estou fatigado pela viagem. Boa noite — finalizou, balançando levemente a cabeça em uma reverência quase imperceptível.

A casa de verão da família era arejada e decorada em tonalidades claras de rosa, que lhe conferiam ainda mais leveza. Uma varanda circundava a casa e a grama minuciosamente aparada do jardim frontal permitia a qualquer passante plena vista da principal entrada da residência e da pequena mesa de fumos feita de ferro ao lado do chafariz de lírios. Assim como todas as casas nobres da Vila Verano, estava localizada ao redor do Horto Imperial, local de passeios enamorados e beijos furtivos — e onde fora instalado o Orquidário Imperial.

Jasmin e Rosa retiraram-se para o quarto logo após o jantar, deixando os pais conversando à sala de convivência.

— Charles, perdoe-me. Eu tentei sair cedo, mas a Marquesa revelou que não apoia o casamento de Felipe com Vitória e fiquei um tempo tentando convencê-la...

— Tudo bem, Marga. Folgo em saber que estás bem e que recebeste minhas flores. Creio que Antoine tenha guardado teu jantar — disse o marido, notadamente aborrecido.

— Meu querido, me desculpe, por favor. A data significa muito para mim também e...

— Outra hora, Margarida. Se não jantarás, acompanhe-me ao menos para um licor de framboesa. Preciso contar a respeito do que ouvi na cidade sobre o casamento de Francis.

— Charles, meu amor, ouvi burburinhos sobre o Príncipe quase por todo o dia. Acho que a tal repórter conseguiu o que queria, porque não houve outro assunto que não este, nem mesmo na Casa da Suplicação. Se quiseses mesmo saber, não creio que alguma moça de título casaria com o Príncipe. A filha da Marquesa Silver, quem sabe. — Coçou a cabeça, em dúvida sobre as próprias palavras. — Mas a moça foi presa esta semana... Veja bem, Victoria Anderson deverá se comprometer com Felipe e nossa Eli, com o jovem Po´Ala. Não consigo recordar qualquer outra moça de título para o casamento. Talvez a menina de Arges, mas não sei... ela será apenas uma Baronesa. Por falar nisso, onde está Eli? Não a vi no jantar...

— Ainda não chegou da faculdade. Creio que tenha ido ao Clube 5 com as amigas. Precisamos conversar, Marga. Tu estás trabalhando demais. Sabes que deverá passar o escritório a uma sucessora.

— Eu sei, Charles. Mas Eli é desidiosa com a faculdade; não creio que assumirá meu lugar. Tenho sérias desconfianças que ela pretende assumir a criação de equinos de Po´Ala ao invés de dar seguimento ao meu legado. Não posso abandonar o escritório Casteloforte. Sou responsável pelos casos da Imperatriz, afinal!

— Ora, Margarida, tu tens a pensão do condado e os rendimentos do

engenho. Tenho certeza de que consegues uma competente advogada que assuma os principais casos. Tu trabalharias menos e nós poderíamos aproveitar a fazenda.

— Charles, não vamos voltar neste assunto, por favor. Sabes bem o problema que este título já causou e eu, simplesmente, não penso em ninguém que possa assumir, que seja qualificado para meu legado — disse, levantando-se. — Venha comigo. Vamos para o quarto provar este vinho que eu trouxe.

O casal subiu para os aposentos.

Eli não voltou para casa naquela noite.

CAPÍTULO 2

*Aurora Perdida
Notícias D’Hora*

Boaventura, sexta-feira, 07 de dezembro de 1855

Hoje, será aberta a temporada de verão. Um período que sempre nos traz escândalos e notícias frescas, bem como outras repetidas. A Cerimônia do Aceno marcará o início dos festejos. A Imperatriz chega ao Horto às 8 horas, de onde encantará seus súditos do alto de sua carruagem com sorrisos e cortesia. Fogos e salvas de canhões são esperados, em espetáculo que pretende ser ainda mais suntuoso que o anterior. Frutas típicas da estação serão entregues às crianças diretamente das mãos da soberana. Enfileirem-se, pequenos! O préstito real será formado pela Mordomo-mor, Imperatriz D’Armas, Arautos, Passavantes e Juízas de Paz, todas montadas em belos marchadores. Cavalos brancos estão sendo escovados, a terra está sendo umedecida para que a poeira não ofusque o esplendor e as casas começam a estender suas alvas bandeiras muito bem lavadas. Roupas brancas são mandatórias, assim como os lenços e sombrinhas. A nobreza, alocada em varandas construídas especialmente para o evento, promete o uso dos mais variados chapéus, todos adornados com pérolas ou cristais. Nada pode reluzir mais do que a soberana, devo lembrar. A banda estará a postos às 6 horas, com seu fardamento azul, guarnição vermelha, botões dourados, cinturão e sapatos pretos bem envernizados. Um grupo de 50 jovens comporá o corredor mascarado, homenagem anual aos ritos da colheita de verão, que desta vez seguirá ao ritmo dos sincronizados tambores da Banda Supurupi. Tudo deve ser impecável, como sempre, para receber aquela que nos conduz à prosperidade. No caminho da Imperatriz, as oferendas deverão estar em cumbucas próprias: sementes e rolos de fumo, bem como uma dose de cachaça. A adega Casteloforte já distribuiu as garrafas e tudo o que não for oferecido deverá ser consumido. A jarra de Kiti foi polida e as plumas sob seus pés foram trocadas e o chifre de bode será levado do castelo para a cerimônia. O segundo compromisso da Imperatriz será a Cerimônia do Beija Pé, na qual as nobres da célebre — e medonha — Corte das Seis confirmam sua lealdade e juram por suas vidas. Depois, a Imperatriz nomeará o novo comando trianual. Quem será a próxima representante da assustadora corja? Quem deverá usar o colar de molares, que ora a Condessa Casteloforte ostenta em seu bem servido busto? Será que o infundável mandato de mais de 20 anos da Condessa será finalmente encerrado? Logo após a nova presidente da Corte das Seis deverá anunciar a entrega de três medalhas da Flor Dourada e outras quatro da Ordem de Boto. Novamente, não serão distribuídos títulos este ano. Por fim, as súditas poderão entregar missivas e flores à soberana, sempre através da Guarda Imperial especificamente designada para o contato com a plebe. Será que a parúsia prometida será como a previsão bíblica cristã? Somente o tempo responderá.

Uma curiosa repórter investigativa

Por que homens precisam discorrer sobre o Reform Act inglês de 1832 para ingressar na Universidade? E por que as mulheres não o fazem? Somos protegidas porque nos acham pouco inteligentes ou são prejudicados porque os querem alheios ao conhecimento?

*M.C.
Editora-chefe*

Ao contrário do clima descontraído que tomara a noite de quinta-feira na casa da Condessa Casteloforte, os ânimos exaltados de sexta pela manhã anunciavam uma tempestade. Margarida desceu a escadaria acarpetada pouco antes de 6 horas ouvindo o burburinho assustado do marido com os criados.

— Como assim *não voltou*? Do que estás falando, Charles?

— Margarida, preciso que fiques calma para pensarmos onde ela pode estar. Não brigaste novamente com ela, brigaste?

— Charles, ontem pela manhã conversei com Eli sobre suas responsabilidades antes de sua partida para a faculdade, mas não brigamos propriamente. Ela é nossa primogênita e precisa terminar a faculdade antes de casar. Não sei porque fui autorizar o cortejo de Luís —lamentou-se.

— Margarida, não acredito que seja influência do jovem Po´Ala. Ele é um bom rapaz, apesar de ter assumido as responsabilidades da fazenda. Não fosse o trabalho excessivo da Duquesa Po´Ala na Casa de Cura, ele não se ocuparia disso. Bom, o Duque Consorte ocupa-se demais com sua gravata e pouco deve ser útil ao rapaz. Mesmo assim, mesmo cuidando do ducado, ainda o acho honesto e creio que será um bom marido. Está sempre acompanhado de seu laçao, sabe portar-se nos bailes, toca flauta e é um excelente escultor. Ademais, quase não é visto em salas de jogos. É honesto, Margarida, e será um marido honrado. Eli colocará uma administradora naquela fazenda e o rapaz poderá voltar aos salões de licor. Sei que respeitará sua esposa exemplarmente.

O tom austero — e a notória escolha pelo uso do nome inteiro, ao invés do apelido — causou estranheza em todos que assistiram ao discurso. A defesa veemente de um rapaz que faz o serviço de uma mulher fez Margarida recuar e arquear as sobrancelhas. Todavia, não se intimidou.

— Ora, Charles, ainda não me acostumei em ver um homem dando ordens por aí. Isso é coisa da influência do Brasil, uma novidade certamente introduzida pela irmã mais nova dele. Ela não se importa! Não assumirá o ducado, então não se importa! Por isso quero nosso Felipe longe daquele maldito lugar! Po´Ala é comumente visto sem seu acompanhante, por Deus! Ele anda em uma carruagem fechada, Charles! Não pode ser honesto! Ademais, não vejo como a criação de equinos pode sustentar nossa filha como merece. Veja bem, o ducado é um encargo trabalhoso e de extrema relevância. Homens não estão preparados para isso! Vós não tendes o mínimo de discernimento para gerir um ducado ou mesmo um baronato.

Felipe, que descia a escada, parou e entrelaçou as mãos atrás do corpo, apertando-as até que as unhas marcassem suas palmas. Seu lábio apertou-se em linha e a raiva pode ser vista faiscando em seus olhos. Seu pai, entretanto, continuou a discussão com a mãe, ignorando a presença dele.

— O rapaz Po´Ala é determinado, Margarida. Tem se saído bem, segundo tu mesma me disseste.

— E isto é ainda pior! Ele pode ter ideias!

Charles calou, certo de que a discussão infrutífera só traria discórdia ao lar.

Margarida, inquieta, enumerava os defeitos dos homens.

— São intransigentes, irracionais, péssimos negociadores, incrivelmente inúteis...

Felipe voltou-se para Antoine, que caminhava atrás dele. O olhar fechado do valete o calou. Sua influência sobre o jovem nobre era nítida, ainda que ignorada pelos pais. O homem, que acompanhava o rapaz desde pequeno, tinha a pele branca e os olhos de um negro vivo profundamente abismal, vestígios de sua ascendência. Filho de um dos corsários que seguiu Julienne Couvier mata adentro, seus cabelos pesados e lisos revelavam a enamorada mistura do romance sóbrio francês com a paixão quente indígena.

Pouco tempo depois, um burburinho anunciou a chegada de Eli, visivelmente abatida e desnorteada.

— Eli? Eli! Por Deus, Eli, onde estiveste? — Perguntou a mãe, correndo em direção à filha.

— Claudio, prepare um café ou um chá de folhas de laranjeira e o banho de Eli — ordenou Charles ao mordomo e, voltando-se para a esposa, seguiu falando: — Margarida, depois tu conversarás com ela. Não há qualquer possibilidade de seres coerente agora. Não percebeste que ela está trocando pernas?

No mesmo instante, o mordomo correu para a cozinha e a Condessa, atônita demais para responder, ficou apenas olhando os sapatos vermelhos de cetim de sua filha deixarem um rastro de mato e lama pela sala. Seus olhos subiram e ela pode notar as meias finas rasgadas. O colar de contas coloridas, que Eli usava desde sua benção pelos espíritos antepassados, estava arrebitado e já era possível perceber a falta de algumas pedras.

Jasmin e Rosa, ouvindo o barulho e os gritos, desceram, ainda em pijamas — e, como sempre, seguidas pelos barulhentos cachorros:

— Eli? O que houve? Teu vestido está arruinado! E teu colar? Oh! Como vovó te protegerá agora? — Observou Rosa, a mais nova de todos os filhos da Casa Casteloforte, que se importava, demais até, com roupas e adornos. *Preocupações masculinas*, segundo a mãe. *Moda*, respondia a menina.

Eli não respondeu, limitando-se a levar a mão ao peito e puxar o que restava de seu amuleto. Seus olhos demonstravam confusão e cansaço. Sua pele estava opaca e sem viço. Dispensada pelos pais, retirou-se para o quarto apoiada em seu irmão, Felipe, e seguida pelas irmãs mais novas.

O valete de Felipe, que permanecia de pé à porta da sala, olhou para o Consorte e disse:

— Senhor, o cocheiro que a conduziu está aguardando na cozinha. Ele trouxe os livros e as notas de faculdade de senhorita Eli.

— Cocheiro? E a carruagem dela? — Perguntou uma ainda perplexa Margarida, enrugando a testa e não percebendo a informalidade com que o laçao de Felipe se referiu a Eli.

— O cocheiro de senhorita Eli chegou ontem à noite. Disse que ela o havia dispensado porque voltaria com Lorde Po´Ala.

— Po´Ala? Ele iria ao Clube 5? Que horror! Eli passou a noite com Po´Ala? — Chocou-se a Condessa, que virou para o marido e seguiu falando: — Percebes, Charles, que o rapaz não está em seu juízo perfeito? Nenhum bem-criado faria isto! Pois bem... Mande o cocheiro entrar, Antoine, e chame uma das governantas para ajudar Eli. Precisamos conversar com ele. E peça a Claudio para ver se os lençóis para a recepção da Imperatriz estão prontos.

— Sim, senhora. Eu já havia verificado as vestes de Felipe e percebi que tudo está em seu lugar. Os vestidos festivos estão igualmente preparados e engomados, assim como as gravatas e casacas brancas estão nos armários do senhor Charles.

— Muito bem. Diga às meninas e Felipe que se vistam para a procissão e Cerimônia do Aceno. E Antoine?

— Sim?

— *Lorde* Felipe, Antoine. Deves chamá-lo de Lorde Felipe.

— Claro, senhora. Claro.

Nunca houve tanta insubordinação como nos últimos meses. A atitude de Eli havia mudado. Ela bebia mais, jogava mais e havia, inclusive, endividado-se no Clube 5. Com a proximidade da formatura, a moça ficava cada vez mais arredia. Margarida coçava os olhos, inspirava profundamente, expirava, levantava, sentava, apertava as mãos e mostrava todo o cansaço de anos de trabalho árduo. Para si, murmurava:

— Desde que Luís apareceu, pensou. Desde que ele apareceu, ela mudou. Esse rapaz não é boa influência. Não fosse o título...

— Com licença, *mia siá*. Bom dia. — Interrompendo os pensamentos da Condessa, o franzino cocheiro causou-lhe estranheza imediata.

— Tu não és o cocheiro da Casa Po´Ala — afirmou Margarida categoricamente, arqueando as sobrancelhas.

— Não, *siá*. Sou valete do Príncipe Francis — falou, baixo e sem convicção.

— Valete do Príncipe? Ora, senhor... — Esperou uma resposta, a Condessa, olhando o menino por sobre os óculos.

— Manuel Almeida, Condessa — completou o rapaz, enquanto amassava e enrolava seu chapéu acinzentado. Os cabelos presos com uma fita quase preta de couro harmonizavam com o uniforme impecável. O brasão da Casa Lumis fora

bordado com perfeição na camisa e não deixava dúvidas sobre o trabalho. Um mitológico minotauro, negro e medonho, era o símbolo do Príncipe — e o *porquê* de ele ter um símbolo próprio era a dúvida velada de todo o Império.

— Bom, senhor Almeida. Bom, preciso saber onde minha filha estava.

— Na Residência Lumis, *siá*.

— Na casa do Príncipe? O que senhorita Eli fazia na casa do Príncipe? Ela não estava com Lorde Po´Ala?

— Não sei explicar. Estou cumprindo ordens, apenas.

Vendo que a lealdade do menino, de não mais que 17 anos, inviabilizaria a obtenção de qualquer informação, Margarida tentou comprar sua cooperação.

— Aqui estão dez pratas pelo teu serviço. Tenho certeza que entendes a importância de sabermos onde senhorita Eli esteve...

— Oh, não, não, *siá*. Não posso aceitar. Muito obrigado — respondeu um envergonhado rapaz. Tentando deixar a casa (ou fugir do olhar assustador da Condessa) escusou-se, fazendo leves e quase imperceptíveis reverências consecutivas.

A Condessa acenou, permitindo que ele fosse, virou-se para o marido, que seguia observando os acontecimentos com postura de um Consorte, e rosnou:

— Charles, como e por que ela estava na Casa Lumis? E onde estava Po´Ala? Quero saber que horas, quem levou, quem viu e quem trouxe. Meu Deus, será que o mordomo e o valete estavam lá? Oh, Charles, será que eles estiveram a sós? Por todos os meus piores sonhos, não pode estar acontecendo isso! Ela vai me contar cada detalhe desse... dessa... desse...

— Momento peculiar.

— Momento peculiar? Convenhamos, Charles! Foi uma estupidez, isso sim. Com 22 anos, ela não deveria mais fazer sandices. Se forma em dois meses! Dois meses! Como ela pretende manter a seriedade e o respeito da Casa Castelforte? — Andando de um lado a outro, Margarida pensava alto, tomando decisões e pedindo ajuda a todos os antepassados. — Preciso perguntar à vovó Tima o que devo fazer... Estarei no oratório, Charles. Mande trazerem as velas e unguentos! E a garrafada! Mande Claudio trazer a garrafada!

— Tenho certeza que a Casa Castelforte está segura. Quem ousaria falar qualquer coisa sobre a Condessa Margarida Castelforte? Nossos velhos nos protegem. E, Marga?

— Sim — disse, virando-se para olhar o marido.

— Começo a me preocupar com a reportagem desta manhã.

— Que reportagem, Charles?! Preocupo-me com nossa filha! O que mais pode acontecer na vida de Eli? Ela não está bem na faculdade, enamorou-se de um rapaz estranhamente independente e vive uma vida de libertinagens e

irresponsabilidades! Agora, mais essa do Príncipe! Precisamos cuidar para que não chegue aos ouvidos de Clara...

— Sinhá? — Interrompeu o mordomo. — Esta convocação acabou de chegar.

Margarida arrancou o papel da mão do rapaz, dispensando-o com um aceno irritado.

— Tarde demais.... Nós precisamos comparecer na Sala de Decisões às 10 horas — disse a Condessa, amassando o cartão-convite e olhando com raiva para as mãos. — Clara cancelou o Beija Pés. Isso não pode ser bom. Nunca a vi cancelar a cerimônia.

Quando Eli desceu, já trajando o vestido cerimonial branco e encaminhando-se para a porta, a mãe a interrompeu:

— Onde tu achas que vai, Eli? Precisamos conversar com urgência. Charles, me deixe a sós com ela — trovejou uma nervosa Condessa.

— Margarida, acho melhor eu falar primeiro — interveio o Consorte, apaziguador.

— Ora, Charles, não sejas ridículo! Sou a Condessa Casteloforte, por Deus! O que tu poderias dizer que eu não diga melhor? Eu sei o que faço! Eu sou a mãe dela!

Eli interrompeu:

— Estes são os únicos momentos que a senhora lembra disso, não é? Onde estáveis quando precisei da grande Condessa Casteloforte, a advogada da nobreza, a minha mãe? — Esbravejou, apoiando seu chapéu e pequena bolsa na mesa de centro e, agora, balançava os braços como se espanasse o ar.

— Eli, tu precisavas responder pelas dívidas que assumiu. *Dura lex, sed lex*. Ainda sou a presidente da Corte das Seis. Não posso usar influências para livrar-te de um crime que cometeste. Nunca te abandonei, minha querida. Senhora Arges foi contratada para defender-te. Ela é uma excelente advogada e...

— Vós fostes a acusação! Como pudestes? A Baronesa Arges não tinha chance contra a *leoa Casteloforte*! — Provocou, usando o apelido pejorativo da mãe. Soltando o ar com força, tentou novamente. — Mãe, foi apenas o tombamento de uma carruagem! Era uma dívida simples que a senhora poderia ter facilmente arcado e evitado o constrangimento de ser acusada na Casa de Suplicação.

— Não, Eli. Não foi *apenas* o tombamento de uma carruagem. Era uma corrida proibida de carruagens! Percebes a evidente diferença? Tu e tuas amigas estavam apostando dinheiro em uma maldita corrida de carruagens! Neste Império, e tenho quase certeza que em todos os outros, isto é crime! Crime! Tu poderias ter matado alguém, oras!

Ciente dos rumos da discussão e da inutilidade de qualquer interveniência, o Consorte pediu licença e saiu do aposento. A Condessa olhava com a mesma seriedade com que atuava em audiências, tratando a filha como uma advogada opositora, quando disse em tom uniforme:

— Eli, o fato ocorreu há mais de dois anos. Por favor, deixemos isso para trás. Preciso saber o que aconteceu ontem. O cocheiro do Príncipe trouxe a ti de manhã e disse que passaste a noite na Casa Lumis. Como, minha filha? Como? Tu não foste no Clube 5? Luís Po'Ala não foi buscar-te?

Eli sentou-se, soltando o ar em um bufo cansado e desanimado.

— Não me lembro, mamãe. Acordei no coche a caminho de nossa casa. Sinto-me dolorida, cansada e minha cabeça dói bastante. Não lembro de mais nada.

— Minha querida, casando-se com Lorde Po'Ala, tu serás a sucessora do ducado e terás muitas responsabilidades. Não poderás mais seguir a vida de libertinagens, jogatinas e apostas. Esquecer o que fez não é atitude digna de uma Duquesa, Eli! Eu entendo que Francisco é um rapaz bonito, mas todos sabem que ele não é um decente para ser teu marido. Tu comprometeste o rapaz ao passar a noite na Casa Lumis. A atitude mais correta é propor-lhe casamento, Eli. Mas nunca desejei que tu casasses com Francisco... — Disse abaixando o tom. Depois, passou a mão pela cabeça, apurando os fios que insistiam em soltar, e continuou: — Tu não podes casar com o maldito Príncipe! O Império não vale a tormenta que será para ti este casamento!

Eli quase chorava. Os olhos já estavam marejados, não por tristeza, mas raiva e exaustão.

— Mamãe, não sei o que ocorreu. Eu não me lembro de ter bebido mais do que uma dose. Saí da faculdade, fui com Marcelle para o Clube 5 e encontramos Elizabeth. Recordo-me de ter deixado minha carruagem e pedido ao cocheiro para trazê-la para casa. Luís disse que me buscaria às 22 horas. Perdi 2 pratas na mesa e, depois, não lembro de mais nada. Acordei na carruagem de Francisco, voltando para casa. Estou com muita dor de cabeça e a procissão para a Cerimônia do Aceno está para começar. Preciso encontrar Marcelle no Horto — disse. E, depois de um silêncio breve, completou: — Devo ir, se a senhora me escusar — disse, inspirando profundamente em lamúria velada.

— Eli, há rumores sobre um casamento iminente do Príncipe. Por favor, fique longe dele. Se ele conseguiu uma noiva, seja lá quem for, podemos tentar manter esse teu deslize dentro de um círculo respeitável, de forma a não comprometer a honra dele e arruinar a união. Mas se isso deixar esta casa, tu terás que casar com ele — disse a Condessa, esfregando a testa.

— Mamãe, eu o odeio! Ele é um menininho cheio de caprichos... — Disse,

pegando o chapéu, a bolsa e partindo, sem esperar outra reprimenda da mãe. Antes de deixar a casa, gritou: — Ah, e mamãe? Eu paguei a dívida da mesa. Não precisarás mandar a guarda atrás de mim!

Saiu, batendo a porta, chorando e correndo em direção à Praça.

A Condessa suspirou, balançou a cabeça e dirigiu-se para seu quarto, onde o marido a aguardava, sentado na cama.

— Desculpa-me, meu querido, não devia ter gritado. Fiquei muito nervosa com essa convocação, mas não há de ser nada, Charles. Provavelmente só mais uma reunião para acalmar a solidão de Clara... As sangrias e purgas parecem enfraquecê-la, não achas?

— Tudo bem, Marga. Eu entendo. Estou com um pressentimento muito ruim. Não acho que Eli tenha feito nada de errado. Estou achando tudo muito estranho e...

— Tu sempre defendes Eli! Achas minhocas na areia para que ela seja liberada das responsabilidades! Ela está cada vez mais estranha e a culpa é tua, unicamente tua e de teus pressentimentos.

Charles engoliu palavras rudes, fez uma leve reverência à esposa, escusou-se e deixou o quarto. Já havia testado os limites da Condessa mais de uma vez naquele dia.

Enquanto Margarida colocava os trajes brancos, inclusive as anáguas e *corset*, arrumava os cabelos em um penteado pomposo e reverencial, Charles a aguardava na sala, olhando para o jardim gramado e florido, bebendo uma dose de licor de cereja quando Antoine, o valete de Felipe, entrou na sala:

— Senhor, se me permitis?

— Sim, Antoine.

— Senhorita Eli não parecia embriagada de manhã, nem tampouco sofrendo os efeitos de muita bebida.

— Tudo bem, Antoine. Não é a primeira vez que Eli bebe mais do que deveria — respondeu, imaginando que o valete tentava apenas tranquilizá-lo.

— Claro, senhor, mas... — Arriscou-se, sendo interrompido pelo olhar cansado do Consorte e, imediatamente, guardando seus comentários para si mesmo. — Peço-vos desculpas novamente. Com licença — encerrou, deixando o cômodo.

Quando Margarida desceu, Charles estava de pé, já bebendo a segunda dose. Ofereceu à esposa, mas a tensão entre eles só aumentava o desconforto com toda aquela situação. Pegou seu chapéu de palha branca, apertou a gravata e ofereceu o braço a esposa, que passou por ele como um tufão irritado direto para a frente da casa.

No caminho para o Horto, mal trocaram duas palavras. Ela mantinha a

espinha ereta e a sombrinha sobre a cabeça, lembrando dos filhos brincando nos gramados verdes quando crianças e da banalidade dos problemas à época. Lembrava dos tantos embates com Eli na adolescência e de como sempre fora difícil lidar com ela.

Charles, todavia, pensava em outra coisa. Olhava para a esposa e via Eli; lembrava da filha e via Margarida. Bom Deus, como eram parecidas! O olhar, os lábios carnudos, o tom de pele, os cabelos negros que já haviam deixado a esposa há alguns anos, o jeito ácido e a sagacidade. Geniosas e extremamente inteligentes, eram perspicazes na arte de encantar seus pares. *Eli será uma excelente advogada*, ele pensou, *assim como Marga*. Depois de tantos anos de casamento, como era simples entendê-las. E amá-las; principalmente amá-las.

CAPÍTULO 3

Distribuídos pela cidade, alguns panfletos anunciavam...

A Imperatriz cancelou a Cerimônia do Beija Pé e a nomeação do novo comando da Corte das Seis foi transferida para a festa da Marquesa Anderson. E nossa ilustre Baronesa Arges, com seus cabelos ainda mais brancos, já ostentava o seu penteado escandaloso sustentado por cera de abelhas. Por quê, bom Deus? Por quê? Esta repórter investigativa não consegue descobrir, ainda que possa rir disfarçadamente sempre que se depara com aquela obra. Nem tão disfarçadamente, confesso. Há quem diga que as nobres estão lamentando, mas esta humilde repórter acredita que, em seus íntimos, estão celebrando aliviadas. Afinal, beijar um pé não deve ser nada agradável — mesmo que seja um pé imperial. Mas como eu poderia saber, não é mesmo?

Uma curiosa repórter investigativa

A carruagem real passou em ritmo moroso. Torturantemente lento. *Tartarugoso*, diria Eli. Do alto de seu 1,80 metro, apertada dentro do vestido branco rendado que realçava seus cabelos pretos penteados em um grosso coque amarrado por fitas brancas, a moça secava o suor do centro dos seios fartos e abanava-se — ainda que não soubesse bem se era calor ou agitação. Ao seu redor, os rapazes olhavam com luxúria óbvia — enquanto Eli procurava Luís Po´Ala nos rostos.

A Imperatriz, acompanhada do Príncipe, acenava para a multidão, mantendo sorrisos lineares e absolutamente lacônicos no rosto. Era claro o cansaço — e a apatia — da soberana, que eventualmente levava as mãos ao rosto e omitia a dificuldade de respirar que a incomodava há alguns meses. Seu rosto alvo avermelhava-se pelo insuportável calor que nem o leque freneticamente sacodido afastava.

Francis beijou uma flor e jogou para Eli, que sequer percebeu o gesto. Ao seu lado, Elizabeth Graham pegou a flor e entregou à amiga:

— Eli, o Príncipe jogou uma flor para ti! Que romântico!

— Flor? E eu lá quero flor daquele destrambelhado? Pode ficar!

— Ora, minha amiga, tu sabes que sem o título não tenho qualquer chance de me tornar Imperatriz — respondeu, sem esconder o rancor.

A multidão acenava com seus leques brancos, as janelas estavam adornadas com longos lençóis e o vestuário seguia as ordens imperiais. Um céu azul claro deitado em um mar esbranquiçado. Pelo chão, às margens da ruela por onde desfilava a Imperatriz e seu cortejo, diferentes potes guarnecidos com sementes de frutas, pequenos copos de aguardente e pedidos de abundância na colheita futura faziam o coro de orações e canções ecoar pela vila, silenciando os burburinhos sobre o enlace misterioso do Príncipe.

Em destaque, a carruagem dourada e a fulgurante indumentária do Príncipe, que ofuscavam o brilho do vestido rosado e da pequena coroa de ouro vermelho

da Imperatriz. Ao contrário da soberana, seu filho era a imagem da nobreza: esnobe, altivo e muito soberbo. Em suas mãos, um cetro de ouro com pedras, o símbolo do herdeiro ao trono — hipótese que se confirmou com o sumiço da Princesa, em meados da década de 30.

Finda a Cerimônia do Aceno, Margarida e Charles voltaram para casa, mas sequer entraram. A cadeira de arruar já os esperava, pronta para levá-los ao Castelo Verano.

Mesmo de longe era possível avistar a varanda construída bem no centro do Largo do Paço, de onde a Imperatriz acenava uma última vez para a multidão sempre que chegava à Vila, e projetada pela arquiteta mais famosa do Império, a Marquesa Silver.

A construção principal fora inspirada em lugares do mundo para onde a Marquesa havia viajado. Todavia, não poderia assemelhar-se a nenhum; deveria ser suntuoso, majestoso e imponente.

O castelo, ladeado pelo Templo Imperial exclusivo para as orações da Imperatriz e a Casa de Banhos, fora todo construído em mármore branco e entalhes de pedras preciosas de todas as cores, que levavam a diferentes sensações ópticas. Possuía janelas ao redor que permitiam que a luz do sol tomasse cada cômodo conforme seu uso comum: de manhã, a Sala da Primeira Refeição; de tarde, a Sala de Decisões e, pela noite, o Salão de Baile — este conhecido como Salão do Luar.

Arandelas, lustres de cristal, revérberos estrategicamente posicionados, assoalho de madeira especial vigorosamente lustrado, tapetes e vitrais compunham a Sala de Decisões, único cômodo aberto nos dias comuns. Ornado com frisos em ouro e obras de cristal, o gigantesco trono intimidava os que ousavam olhar, forçando uma obediência cega àquela que dizia ser filha da Lua. Sob sua cabeça, a inscrição *Luna Regit Regina*. Duas águias de pedra estavam posicionadas ao lado da porta, símbolo igualmente desenhado no brasão da família. As bandeiras da Alemanha e da Inglaterra representavam a ascendência e não permitiam que ninguém esquecesse o sangue azul que corria nas veias da Imperatriz. Sim, todos sabiam que Clara Couvier era filha do falecido Príncipe inglês Augusto.

O brasão real, cunhado em uma enorme placa de pau brasil marchetada pelo falecido Imperador Consorte esboçava uma águia sobre um leão, esmagado por um abraço de uma cobra, simbolizando a luz feminina sobre a força masculina. Na mulher, representada pela águia, observa-se a força e a clarividência. Na cobra, a cautela da Imperatriz perante as decisões do Império. Nos olhos da águia, uma pepita de ouro puro. No único olho da cobra, uma esmeralda. O imponente salão era ornado com madeira de cerejeiras japonesas. Atrás do trono,

uma enorme tapeçaria com o brasão da família imperial.

A construção, na verdade, destoava de todo o resto do local. Era um reflexo da grandiosidade que a Imperatriz Julienne esperava para si. Era onde a governante permanecia a maior parte do tempo, e onde se trancou quando descobriu que o Príncipe inglês havia falecido.

Da sala onde a mãe morrera mais de 30 anos antes, Clara Couvier gritava com seu criado sobre o chá estar frio, os biscoitos duros, sobre sua incompetência até que, por fim, demitiu-o, levando constrangimento a todos os presentes. Era mais uma das tantas cenas que demonstravam a inconstância da Imperatriz, oras muito apática, oras muito agitada. *Endemoniada*, como diziam os empregados pelos corredores.

Quando viu os convidados entregando o cartão-convite ao mordomo parado à porta, amenizou a voz:

— Condessa! Consorte! Que prazer revê-los e em tão feliz oportunidade! Agradeço que tenham atendido ao meu pedido tão inesperado. Ou será que já era esperado? — Disse, esboçando um sorriso assustadoramente significativo. Ao lado dela, uma pequena mulher de cabelos loiros muito claros presos em trança com pequenas flores vermelhas, lábios finos e um discreto vestido bege, cor reservada aos mais próximos da Imperatriz. Era a mordomo-mor, braço direito da governante e pessoa de maior influência em suas decisões, desde que a Imperatriz assumiu a maioridade.

Depois de uma leve reverência, os Casteloforte notaram que a governante lavava os pés em uma bacia.

— Muito bem, Condessa Casteloforte, está na hora de reafirmar o seu dever de lealdade. Ajoelhe-se e beije meu pé.

Margarida e Charles se entreolharam, mas a Condessa não fraquejou. Alisou as saias, reforçou o andar e ajoelhou-se perante Clara.

— Eu, Margarida Casteloforte, ajoelho a seus pés, minha soberana, e prometo honrar-vos. Prometo defender-vos com meu corpo e usar todo o meu conhecimento para garantir a supremacia de vosso Reinado — disse solenemente. Abaixando-se, deu um suave beijo no pé da Imperatriz. — Com este beijo, selo minha lealdade à Coroa de Boaventura.

— Muito bem, Condessa. Seu título está confirmado. Agora, vamos aos detalhes...

Margarida e Charles ainda desconfiavam das intenções da Imperatriz, mas precisavam acreditar que não seria a indiscrição da filha o principal ponto da conversa. Então, a governante prosseguiu.

— Bom, sem delongas! Tragam o licor para brindarmos e discutirmos o casamento!

Pronto, era isso: a Imperatriz havia descoberto que Eli passara a noite com o Príncipe. De olhos arregalados e grandes arcos de sobrancelha, a Condessa perguntou, agarrada ao último fiapo de uma esperança cínica.

— Majestade, que casamento?

— Ora, Margarida, de Francis e Eli, claro! Depois de passarem a noite juntos sem o valete para garantir a integridade de Francis, presumo que o casamento seja um passo, digamos, digno de ser tomado por sua herdeira. Não, não! É a decisão claramente necessária — completou com o dedo em riste e uma crise de tosse. — E posso, inclusive, afirmar que eles já haviam planejado isso. Até a maldita repórter divulgou isso ontem!

— Eles não passaram a noite juntos, Clara — disse a Condessa, em tom apaziguador e claramente desesperado, apelando para os anos de amizade entre elas.

— Sim, passamos — disse o pavonino Príncipe, surgindo pela porta lateral comendo uma enorme maçã. Francis era, de fato, um rapaz intimidadoramente bonito. Os cabelos claros pendiam pouco abaixo do ombro em ondas irregulares que faziam lembrar o mar e os olhos azuis reluziam como duas safiras. Todo o Império sabia que as semelhanças entre o rapaz e as ondas não paravam por aí: ambos eram igualmente traiçoeiros.

As moças sem título, ainda assim, ansiavam casar-se com ele. Acreditavam que as maledicências eram fofocas e que governar toda Boaventura compensaria quaisquer sacrifícios. Bom, isso e as gemas preciosamente invernais que lhe adornavam o rosto, provavelmente herdados da família do pai, e que faziam as vezes de globo hipnótico.

— Eli passou a noite no Clube 5 — disse Margarida entredentes, duvidando das próprias palavras.

Francisco jogou teatralmente a maçã para o alto, sob o olhar atento de todos na sala, pegou-a e mordeu antes de prosseguir sua fala ensaiada.

— Creio que estejas enganada, Condessa. Sim, ela esteve lá. Mas, quando eu soube, na Praça do Horto, que Po'Ala não iria buscá-la, presumi que seria cavalheiresco levá-la para casa. De certo, ela precisaria de uma carruagem e, como somos quase vizinhos aqui... Bom, no caminho, conversamos, convidei-a para um licor de maracujá e passamos a noite na Casa Lumis. Não imaginei que senhorita Eli tomaria liberdades. De fato, meu acompanhante não estava e...

— Vossa Alteza não parece nem um pouco constrangido com isso — constatou o Consorte, que até aquele momento apenas acompanhava o pingue-pongue de palavras, reforçando as sobrancelhas em arco.

— Ora, Lorde Casteloforte, não há necessidade de cerimonialismos entre nós. Seremos parentes em breve — respondeu a Imperatriz. — Francis chegou

aqui transtornado esta manhã, mas ele sempre foi apaixonado por Eli e tu sabes que faço muito gosto nesta união. É o melhor para o Império, de toda forma. Eu já deveria ter proposto esta união antes...

— Perdoe-me, Majestade, mas creio que Eli deveria estar presente a esta reunião. Estamos decidindo o futuro dela, afinal, e cabe a ela propor casamento — lembrou Margarida, rogando pela possibilidade de adiarem aquela decisão.

— Margarida, convenhamos! Sua filha ficará honrada de tornar-se a Imperatriz! Qual moça não anseia meu lugar? Se ao menos Maria estivesse aqui, meu fardo não seria tão pesado... — Devaneou a Imperatriz, olhando em direção a lugar nenhum.

— Minha senhora, já se passaram mais de 20 anos desde que a Princesa se foi. Por favor, não pensais nisso agora — amenizou a mordomo-mor.

— Ora, e tu achas que é possível esquecer minha filha? Se Margarida não tivesse conseguido a condenação daquele homem que a matou, eu não conseguiria sequer dormir! — Gritou a Imperatriz. — Devo muito a ti, Margarida — disse, olhando para a Condessa.

— Cumpri o meu dever, senhora. Vossa mãe me nomeou para a Corte para protegê-la a qualquer custo, mesmo que isso custasse toda a reforma do sistema constitucional.

— Sim, sim... — Abanou o ar. — Então, continue a proteger-me. Estou cansada e sinto que partirei em breve. Preciso deixar o Império nas mãos de uma boa mulher, responsável, competente e bem-criada. Francisco será um excelente Consorte. É um rapaz honesto, de família e desde novo foi ensinado nas melhores maneiras da posição que ocupará. — A voz da Imperatriz começava a subir alguns tons. De repente, gritou: — A única mácula ao seu bom nome foi feita pela tua filha e ela deverá assumir as consequências! Tu juraste lealdade à Coroa, Condessa. Cumpra!

O discurso foi encerrado com uma violenta crise de agitação que culminou com um vaso atirado contra os pés de Margarida e mãos trêmulas. Margarida e Charles recuaram, fugindo dos estilhaços, e perceberam que a mordomo-mor colocava a mão no ombro da Imperatriz, tentando acalmá-la.

— Perdoai-me, Majestade, mas não houve nada. Minha filha não faria isso. Ela jamais desonraria um rapaz. E ela está sendo cortejada pelo filho da Duquesa Po'Ala. Estão enamorados, afinal de contas. Eli não trairia seus sentimentos.

Um silêncio dominou o ambiente. Todos se entreolhavam e aguardavam o pronunciamento da Imperatriz, que começava a respirar com menos dificuldade.

— Ao que consta, não há nada entre eles e Eli havia bebido um pouco além da conta. Aliás, deverá abandonar este hábito horrendo de bebidas e noites de libertinagem. Não condiz com a postura esperada da noiva do Príncipe e futura

Imperatriz de Boaventura. E jogos também, claro. Ela não pode mais arriscar em mesas de jogos. Ademais, Margarida, observe que o menino Po´Ala a abandonou no Clube 5, sem enviar o próprio cocheiro para levá-la para casa. De toda sorte, minha cara, neste momento, não me importo com o que houve ou não. Meu filho ficou sozinho com uma moça, sem o seu acompanhante, e isso já é o suficiente para que Francisco não consiga mais um bom casamento. Conheces a regra de nosso Império melhor do que ninguém, Condessa. Tu, afinal, foste uma das integrantes das reformas legislativas de 1832 e, que eu saiba, propuseste diversos artigos para reforçar as responsabilidades femininas — reforçou, ainda tossindo assustadoramente e ansiando por ar, reforçando a posição de Margarida na escala nobiliárquica. — Como eu saberia, não é? Era apenas uma menina regida por seis mulheres fortes...

— Mas, Clara...

— *Imperatriz.* Imperatriz Clara, Margarida. E saia! Saia do meu castelo! Suma daqui, sua mal-agradecida! Como pode confiar em uma jovem volátil como Eli? Já fomos jovens, Condessa — afirmou aos gritos.

— Imperatriz, eles não estiveram juntos.

— Cale-se, Condessa! Tu estás chamando meu filho, o Príncipe, de mentiroso? Como ousas? Reclamou a governante, pondo-se de pé apoiada em seu cetro. Neste momento, sua acompanhante falou algo ao pé de seu ouvido, de forma que somente a governante ouvisse e sentasse. Durante todo o tempo, o Príncipe sorria e mordida sua maçã de forma barulhenta, o que fora o único som cortante da sala por muito tempo.

— Creio que vós começastes a agitar minha mãe e isso não pode ser bom para seu quadro médico. Ela precisa de repouso e de seus remédios. Eu já havia dito que não deveria ter saído no cortejo esta manhã, mas ela insiste em ver seus vassallos de perto. Claramente foi uma decisão ruim, senhora Pietra — disse diretamente à mordomo-mor. — Aliás, sobre tua saúde, mamãe... Acho que a Duquesa Po´Ala não está mais no completo gozo de suas competências médicas. Tu estás muito pior — finalizou.

Charles tentou, novamente, apaziguar os ânimos com seu jeito calmo e conciliador:

— Não estamos chamando-o de mentiroso e não gostaríamos de agravar vossa saúde, Majestade, mas creio que seja apenas um mal-entendido.

— Acho que te enganaste, meu caro Consorte. Eu e Eli encontramos-nos com frequência para um café próximo à faculdade. Costumo passar por lá para vê-la — afirmou o jovem Príncipe, colocando a fruta meio mordida sobre a pequena mesa de canto, desfilando até o sofá, onde sentou-se de pernas cruzadas, braços relaxados no encosto e o sorriso cínico no rosto.

A Condessa e o marido não poderiam, jamais, compartilhar com a Imperatriz as opiniões de todos no Império sobre o caráter de seu filho, ainda que suspeitassem que ela sabia — todos sabiam — que o rapaz era uma laranja podre.

— Bom, então está decidido. Anunciamos o casamento no baile da Casa Anderson — finalizou a Imperatriz, categoricamente. — Estão dispensados — finalizou, abanando uma expulsão. — Ainda tenho algumas medalhas para entregar hoje...

— Majestade, com todo o respeito, ainda não conversamos com Eli e...

— Preferem ser banidos? — Insinuou sua ameaça aos gritos.

— Claro que não, Majestade — disse Charles, abaixando os olhos entristecidos.

— Então, Charles, não há mais o que conversar. A honra de meu filho foi comprometida e... — Interrompeu-se, sem ar, sendo acudida por sua mordomo, que finalizou o pensamento.

— Condessa, Consorte, o que a Imperatriz gostaria de dizer é vossa filha precisa assumir as consequências. Agora, se nos dão licença, a senhora Couvier precisa repousar — disse, apontando a porta com delicadeza.

Neste momento, a médica do Império, a Duquesa Iara Po´Ala, entrou na sala e, após uma breve reverência de joelhos, orientou a governante a deitar-se.

— Majestade, tomei a liberdade de convidar um colega do Império do Brasil, excelente médico, para vir examinar-vos. Os remédios que vos ministrei já deveriam ter feito efeito, mas a senhora não vem progredindo com os emplastros e unguentos.

— Um homem? Tu trouxeste um homem para me examinar, Po´Ala? Como ousas? — Interrompeu a Imperatriz, assistindo o casal nobre deixar a sala transtornado — e acuado, como os ratos espanhóis que haviam tentado invadir seu Império alguns anos antes. Neste momento, prevendo uma nova tempestade de despautérios reais, Margarida e Charles deixaram a sala.

A médica prosseguiu:

— Majestade, com todo o respeito, eu viajei a noite toda para trazer-vos o senhor Costas, um médico muito respeitado lá. Ele afirma que é preciso raspar seus cabelos e banhá-la com leite de jumenta...

— Raspar meus cabelos? Vós estais tentando me desmoralizar perante meus vassalos? Jamais! Pietra, dispense-os imediatamente! — Determinou a Imperatriz para sua acompanhante e, virando-se para a governanta, ordenou: — Onde está aquele serviçal incompetente com o licor que pedi há mais de dez minutos?

— Aqui, minha senhora — disse um jovem que havia acabado de entrar.

Mal encostou o líquido nos lábios, a Imperatriz gritou:

— Não acho que esse seu remédio esteja ajudando em nada, Po'Ala. Só pioro! — Gritou, jogando longe o frasco, que se estilhaçou no chão em pequenos pedaços. A visita da Condessa não havia deixado de tocar-lhe. Ela sabia, afinal, quem era o filho, mas jamais assumiria sua decepção.

No pórtico do Castelo Verano, Charles e Margarida ainda estavam atordoados. Eli não se lembrava da noite anterior e o Príncipe mantinha sua posição. Ficar sozinha com um rapaz honesto, sem o acompanhante dele, realmente não era uma atitude digna e Margarida sabia bem disso. Muitas foram as vezes que teve que intermediar discussões sobre moças terem comprometido a honra de um rapaz e sempre terminava com um casamento forçado.

O Consorte tentou ajudar a esposa a subir na carruagem, mas sua mão foi afastada com um abano irritado e uma reclamação da Condessa.

Dentro do castelo, com a saída dos médicos, a Imperatriz esboçava um sorriso.

— Sempre achei que Eli é a moça ideal assumir meu legado. Depois que Maria foi morta por aquele homem... — Disse, suspirando.

— Minha senhora, não pense nisso novamente. Foi há muito tempo e o mercenário foi condenado à morte — interrompeu a mordomo-mor.

— Sim, Pietra. Há muito tempo. E agora posso descansar em paz... — Disse, levantando-se e fazendo de seu cedro, uma bengala. Amparada, sorriu para Pietra e cochichou: — Veja, Pietra, creio que esta moça poderá colocar Francis no caminho certo...

O Príncipe, que sempre quisera tocar as curvas sinuosas de Eli, ficou no salão, altivo e glorioso. Caminhou até o trono e se sentou.

— Sim, mamãe — sussurrou —, agora podeis descansar em paz.

CAPÍTULO 4

*Minha querida senhorita Eli,
Lamento não ter podido buscar-te. Espero que meu cocheiro tenha chegado a tempo de levar-te em casa. Peço desculpas. Desculpa-me, desculpa-me, desculpa-me, meu amor. Não pude deixar a fazenda, devido a um inexplicável e improvável problema com os cavalos. Chego à Vila Verano ainda hoje e veremo-nos no baile dos Anderson. Anseio por este momento. Reserva tuas danças apenas para mim. Todas, para que escandalizemos a Corte com nossa felicidade.*

Com amor, Luís Po´Ala

Um enorme buquê de dalias chegou à Casa Casteloforte naquela tarde.

— Mamãe, Po´Ala não encontrou Eli ontem, de fato — disse Felipe lendo distraidamente o cartão endereçado à irmã. — Será que passou a noite com o Príncipe? Sempre achei que eles acabariam juntos, mas Po´Ala dificultou um pouco as coisas. — Sorriu apertando os olhos, em um misto de desconfiança e constatação.

— Não sê tolo, Felipe. Eli não esteve com o Príncipe. Algo está muito errado e eu vou descobrir o que é — afirmou a Condessa enquanto tirava os óculos para coçar os olhos cansados. Então, gritou: — Antoine, traz-me uma dose dupla de cachaça de arroz! Antoine!

— Mamãe, Antoine é meu valete, não mordomo desta casa — disse Felipe, sorrindo. — Ele está preparando meu cavalo. Vamos sair agora. Preciso ir à casa de Lorde Gama para a pitada que havíamos combinado.

— Lorde Gama? Não creio que o conheça... Quem é?

— Chegou recentemente a Boaventura. É o Barão do Rio Claro, lá do Brasil, na tal Bahia.

— Nunca ouvi falar deste título — estranhou a Condessa. — De toda sorte, não creio que brasileiros sejam as companhias ideais, meu filho. — Ante o olhar inquisitivo de seu filho, soltou o ar e completou: — Convidai este rapaz para vir tomar um licor no domingo à tarde, após o baile. Ele bebe jabuticaba?

— Creio que não, mas posso pensar em algo que agrade a todos. Combinarei, mas, de toda sorte, se for conveniente à senhora, vos apresentarei ao Barão no baile. Creio que ele irá.

À porta da antiga capela, Eli e a senhorita Marcelle Arges conversavam sobre os acontecimentos da noite anterior. Uma carruagem com o símbolo da Casa Lumis parou e o Príncipe desceu com uma delicada rosa nas mãos.

O rapaz aproximou-se das moças, fez uma mesura para senhorita Arges e depositou um suave beijo nos lábios de Eli. Em troca, recebeu um veemente empurrão, que derrubou a rosa e o fez cambalear, levando a mão ao peito como se dançasse uma capoeira no que, aliás, eram muito bom.

Em fração de segundos, o cocheiro levantou-se e pulou da carruagem, indicando que pegaria a flor do chão, mas foi interrompido pelo olhar fulminante do Príncipe.

Eli, então, perguntou:

— O que é isso, Francisco? O que estás fazendo?

— Vim entregar uma flor para minha linda noiva!

— Noiva? Não sou sua noiva, Francisco! Estás louco?

— Não soubeste, meu amor? Nossas famílias finalmente acertaram os detalhes de nosso casamento. Estejas linda amanhã no baile — comemorou um pouco alto demais sorrindo.

Eli arregalou os olhos, deu dois passos para trás estendendo a mão como se pudesse empurrá-lo e murmurou incrédula:

— Francisco, não vamos nos casar! — Sentiu a voz embargar. Era muito provável que sua mãe tivesse efetivamente determinado isso. — Vou casar com Lorde Po'Ala!

O Príncipe não parava de sorrir. Balançava-se, com as mãos no bolso, olhava para baixo e mordia os lábios. Alguns instantes depois, levantou os olhos e disse, aproximando-se novamente de Eli e passando as costas das mãos na bochecha da moça:

— Veremos, meu amor, veremos... — Encarou-a com ternura hipócrita.

Os olhos da moça se arregalaram diante da ameaça e ela pegou-se mergulhando nos profundos mares azulados que adornavam o rosto do rapaz. *Afogando-se*, por assim dizer.

Quando Francis começou a aproximar-se para um novo beijo, ela o socou no meio do rosto, sem pudores ou medos. Todos ao redor perceberam a presença ilustre do filho da Imperatriz e, mais do que isso, a reação violenta da filha da Condessa. Ele, então, levantou ambas as mãos em um gesto de rendição que causou estranheza aos mais atentos. O maldito sorria, sempre sorria, mantendo a certeza dos campeões.

— Eu nunca perco, minha querida Eli — disse entre suspiros. — Meu amor, meu lindo amor, tu serás uma Imperatriz espirituosa e eu serei o Consorte, eu te darei filhas e tu me terás todas as noites na nossa enorme cama de dossel — sibilou raivosamente.

Quando se afastou, Marcelle disse a Eli:

— Pode não ser tão ruim. Vejas pelo lado positivo: serás a Imperatriz de Boaventura. — Meneou a cabeça, arrancando um sorriso enojado da amiga.

— Fique com o título, Marcelle — respondeu Eli, certa de que sua situação se tornaria muito mais complicada em breve.

Em pouco tempo, todas as rodas de conversa do Horto Real tratariam do

mesmo assunto: o envolvimento do Príncipe Francis com a senhorita Eli Casteloforte. Sem esperar os olhares curiosos e inquisitivos, a filha da Condessa Casteloforte voltou para casa, onde entrou como um furacão. Era hora de acertar as contas com a leoa.

— Não posso acreditar na senhora, mamãe! Como pudestes arrumar um casamento entre mim e Francisco, aquele imprestável? Como pudestes, mamãe? Tudo em nome do teu precioso escritório e do título!

— Se não tivesses passado a noite com um rapaz honesto e desacompanhado nos braços, não seria necessário — disparou a Condessa, na tentativa vã de conseguir ler a verdade na expressão da filha.

— Eu o quê? A senhora só pode estar louca! — Bradou, virando-se de costas para a mãe.

— Vejas bem como falas comigo, mocinha. Está decidido! Tu não arruinarás o nome da Casa Casteloforte! — Caminhando em direção à filha, Margarida tinha o dedo em riste.

Eli inspirou profundamente, se ajeitou e, abaixando o tom de voz, tentou comover a irritada Condessa.

— Mamãe, pela alma da vovó, escute! Eu estive no Clube 5 com...

A tática comovente não funcionou. Aos gritos, Margarida interrompeu-a, completando a explicação que já ouvira anteriormente:

— Senhoritas Liz e Marcelle, já sei. Mas não sei o que tu fizeste depois. O que tu fizeste depois, Eli? O *depois* é que me importa, Eli! Me diga!

— Eu não me lembro! Eu não me lembro! Eu não me lembro! Mas eu jamais sairia com Francisco! Eu o odeio! Ele é esnobe e pálido demais! Eu nunca passaria mais do que um segundo na companhia dele! — Desesperou-se a moça.

— Isso não ajuda em nada, Eli! Tu lembras de quê? Lembras a sala em que estiveste?

— Na 6.

— E tu jogastes o quê? Gamão? 21?

— Bacará Real.

— E depois?

— Eu não sei! Eu não sei! Existe um bloqueio em meus pensamentos! Eu não lembro de mais nada! — Gritava a moça, gesticulando insanamente e andando em círculos.

— Eli, o Príncipe diz que tu e ele estiveram juntos, tu chegaste com o cocheiro dele e não me forneceste nenhuma história convincente! Como posso questionar o filho de Clara, o maldito filho da Imperatriz, se minha própria filha não lembra de nada? Eu defenderia a ti com unhas e dentes, daria minha alma

pela tua verdade, abriria mão de títulos e propriedades para livrar-te deste destino infeliz, mas não posso barganhar com a utopia.

— Mamãe — disse uma chorosa Eli, — por favor, mamãe, não faça isso. Eu estive com Luís, foi isso o que aconteceu — apelou, uma última vez. E o que viu a deixou atônita.

Os olhos de Margarida ganharam fúria, ela aprumou-se, inspirou profundamente, encurralou a filha na parede e disse com cinismo, em tom baixo e firme:

— Com Po'Ala? — Arqueou uma sobancelha, esperando a confirmação do engodo.

Eli confirmou com a cabeça, empinando o nariz certa de que havia resolvido a questão. Não esperava, todavia, a resposta da Condessa:

— É mentira e eu cansei de mentiras, Eli! Luís enviou flores para ti. Ele não chegou à Vila Verano ainda! O nome da Casa Casteloforte está ameaçado por tua irresponsabilidade e amnésia. Se não fosses tão libertina, se estivesse comprometida com tuas responsabilidades, talvez eu conseguisse defendê-la. Talvez! A partir de hoje, tu tens 60 dias para formar-se e assumir o escritório da nossa família. Depois, em outros dois meses, tu e o Príncipe casarão. — Virou em direção às escadas e deixou a sala com passos firmes e ribombantes.

Eli sentou-se ao sofá e deixou as lágrimas brotarem impiedosamente. Chorava por não lembrar, chorava por ser obrigada a casar-se com quem não amava, chorava por... Avistou o buquê enviado por Luis. E chorou ainda mais.

CAPÍTULO 5

Distribuídos pela cidade, alguns panfletos anunciavam...

A visita de senhora Casteloforte e seu Consorte ao palácio foi breve. Pouco antes de saírem, a médica do Império e um outro do Brasil entraram. Um homem, queridas leitoras! Um médico homem foi trazido pela Duquesa Po'Ala para atender à Imperatriz. Muitos gritos foram ouvidos... Os médicos que visitaram brevemente a Imperatriz não nos informaram o diagnóstico ou o prognóstico. Será que a doença misteriosa é fatal? Morrerá, a Imperatriz Clara, de tristeza ou de agitação? Esta repórter que vos fala acredita que, na verdade, o silêncio dos visitantes evidencia mais sua ignorância do que indisposição verborrágica. Então, leitoras fiéis, episódios alternados de melancolia e euforia, extrema fúria e estados de pasmação: possíveis diagnósticos? Estará a Imperatriz com a doença dos cavalos Po'Ala? Gritos, também, foram ouvidos na Praça do Horto, quando uma certa senhorita atirou longe uma flor entregue por um nobre garboso. Soube-se que um soco foi desferido, o que maculou o rosto do jovem Príncipe. Imagine-se...

Uma curiosa repórter investigativa

Quando Margarida chegou à porta de seu quarto, suspirou, entrou e fechou-a atrás de si. Sentou-se à cama, abriu os dois primeiros botões da blusa e abanou-se com o leque que descansava sobre a mesa de cabeceira. Sentia-se abafada. Sabia que Eli estava sendo vítima de engodo, ainda que os motivos não fossem claros. *Oh, meu Deus! Por que Clara está fazendo isso?*, pensou.

Pouco tempos depois, Charles entrou, trazendo um panfleto nas mãos, o qual entregou à esposa.

— O valete de Felipe trouxe este papel. Outros iguais estão sendo distribuído nas ruas, colocados nos bancos da Praça do Horto, nas barracas do entorno e até na porta da Casa de Suplicação, espalhados pelo vento. Pela informação que possui, parece alguém de dentro do Castelo Verano...

— Não posso preocupar-me com isto agora, Charles. Não sei o que faço com Eli — disse a Condessa, suspirando desanimada.

O marido se aproximou, sentou-se ao lado da esposa, passou as mãos pelas costas dela e puxou-a em um abraço apertado.

— Precisamos pensar em formas de ajudá-la, Margarida. Discutir com Eli não é uma delas — murmurou o Consorte, enquanto massageava vigorosamente as costas da mulher.

— Há algo errado, Charles. Há algo muito errado nesta história toda — sussurrou com a voz embargada pelas lágrimas que ameaçavam brotar.

— Tu não deverias ter gritado com ela. Ouça. A menina está aos soluços lá embaixo! Tu bem sabes que ela nunca tomaria o imbecil do Francisco! Já tenho dificuldades em aceitar que ela foi para Lumis ontem...

— Eu também, Charles, mas é nosso dever ser fiel à Imperatriz.

— À coroa, minha querida. Somos fiéis à coroa e, de certo, mentiras não

participam das leis.

— Eu sei, eu sei. Mas exaltei-me! O que posso fazer? Ela não se lembra! Como ela pode não lembrar? E tu ouviste ela mentir para mim sobre Luís? Ela *mentiu*, Charles, olhando em meus olhos! Eli nunca havia mentido assim, tão escancaradamente...

A Condessa baixou o rosto, lamentando o rumo dos acontecimentos e coçando a testa. Um barulho retumbante de porta batendo assustou o casal, que ficou alguns instantes em silêncio acompanhando os passos pesados da filha no quarto ao lado. Charles, então, em tom mais baixo, voltou a falar:

— Chame Ace, minha querida. Se mandarmos o mensageiro agora ao Clube 5, ela chega à Vila antes do anoitecer.

— Ace? Mas não sei se a menina terá tempo antes do baile. Precisamos descobrir a verdade antes do baile...

— Ace nunca te deixou sem resposta. A rapariga é boa no que faz, além de ser séria e discreta. Todos acreditam que ela é mesmo uma repórter do Brasil.

— Mas, Charles, nunca envolvi Ace em assuntos domésticos... Receio abrir uma porta que, depois, não poderá ser fechada. Não quero que nossos filhos a vejam. Não quero que tenham qualquer contato com gente da estirpe dessa moça....

— Minha Marga, minha doce Marga, não poderá protegê-los para sempre. Eli está em seu quarto e Felipe foi à casa de Gama. Quando as meninas chegarem do passeio ao Horto, vou mandá-las à venda para escolherem algo... Pão, maçãs, flores ou qualquer outra coisa. Pensarei no quê. Nenhum deles verá Ace. Ficarei no jardim tomando um suco e lendo um livro. Nossas crianças sempre entram pela frente... Ace deverá usar a porta da cozinha. Ela entenderá certamente...

— Pois bem, Charles. Faz isso, então. Por favor, envia a menina de recados com instruções específicas para que a repórter estacione na entrada dos serventes. E pede que sirvam um chá de camomila para Eli. Preciso que essa menina vá dormir antes que faça mais uma besteira! E também não a quero em contato com Ace.

— São apenas 16 horas, Marga. Eli não vai adormecer às 16 horas! Ademais, tenho por certo que ela já deve conhecer Ace do Clube 5...

— Bom, tens razão. Mesmo assim, não quero intimidades ou amizades... Diz para o mordomo que mandei dobrar a dose de camomila. Não! Triplicar! Eli vai dormir. Não quero essa menina na rua hoje. E coloca uma acompanhante dentro do quarto, dormindo com ela como um cão de guarda.

O bilhete foi enviado sem delongas e pouco antes de 18 horas, o barulho de uma elegante carruagem nos fundos da mansão foi ouvido. Toda em madeira

escura, ostentava uma folha entalhada na porta. Não era nova, por certo, mas era muito bem lustrada e escovada.

Prontamente levada ao escritório de Margarida, a investigadora deixou seu pequeno xale de renda e chapéu sobre uma mesa de canto e sentou-se, empunhando um bloco de anotações e lápis alemão. Como nunca havia estado na Casa Casteloforte antes, olhava tudo à volta com muita atenção. Constantemente, franzia sobancelhas, mordida a lateral dos lábios e imaginava portas secretas por trás das estantes recheadas. Nestes momentos, sorria.

Trajando um sóbrio vestido de cetim cinza claro de gola abotoada, com detalhes em bordado inglês, a moça de pouco mais que 20 anos usava seus cabelos ruivos bem presos por uma pena de metal prateada em um recheado coque elegante, que destoava das tranças laterais comuns às moças de sua idade. Os grossos óculos negros pesavam em seu rosto e escondiam as mil sardas que enfeitavam as bochechas rosadas, meticulosamente salpicadas. Com lábios finos e naturalmente vermelhos, Ace era conhecida por sua polidez e seriedade, e frequentemente recriminada por encarar seus oponentes com firmeza e sarcasmo.

Quando já terminava o primeiro desenho, a perfeita réplica da enorme biblioteca da Condessa, esta abriu a porta e fechou-a com a chave tão logo entrou. Já recomposta, com o penteado perfeito e banhada, cheirava a alecrim e usava um vestido rosa escuro, que destacava o ébano de sua pele.

— Como vais, Ace? Preciso de um serviço particular seu.

— Pois não, minha senhora.

E a Condessa pôs-se a explicar o ocorrido — ou pelo menos o que sabia.

— Bom, então é isso. Preciso saber o que aconteceu, de fato, ontem. Eli bebeu demais para variar e a Imperatriz — suspirou profundamente e mudou a linha de raciocínio. — Eli chegou com o cocheiro do Príncipe que disse que a levou em sua carruagem para a Casa Lumis. Podes imaginar a confusão que isto provocou? — Silenciou por alguns instantes, perdendo-se nos próprios pensamentos. — Mas não posso permitir este casamento. Francisco não *serve* para ser Consorte de minha filha. Ele é um maldito Príncipe, afinal!

A Condessa levantou-se, tirou os óculos dourados, coçou os olhos e serviu um copo de licor para si, oferecendo outro à moça, que recusou a bebida.

— Minha senhora, se me permites uma opinião, creio que seria melhor deixar a Imperatriz pensar que concordastes com o enlace até descobrirmos o interesse da família imperial na união. Se começares a mostrar relutância e oposição, qualquer chance de descobrir a verdade vai se esvaír em pistas encobertas e pessoas compradas. A complacência pode ser uma boa carta e certamente permitirá que informações floresçam. Relaxadas, as cobras param de se esconder das águias — completou.

— Ace, Eli está sendo cortejada pelo filho da Duquesa Po´Ala. O noivado deles é iminente e, por mais que eu ache os hábitos do menino bem incomuns, ele é uma escolha notadamente melhor do que Francisco.

— Eu compreendo vossa consternação, mas gostaria de falar com o mordomo que recebeu sua filha. Dissestes que ela chegou embriagada, mas acho um pouco improvável que o efeito da bebida permanecesse após o sono... Compreendeis o que digo? Os efeitos teriam cessado, especialmente se tudo o que o Príncipe alega realmente tivesse ocorrido. Com todo o respeito, senhorita Eli está acostumada às bebidas mais fortes. Não imagino como pudesse sofrer de amnésia etílica em poucas goladas. Vossa filha disse que dormiu na carruagem, certo? Então, preciso saber exatamente em quais condições a moça chegou — disse Ace, sem levantar os olhos do próprio bloco de anotações, onde estranhamente continuava a desenhar. Nem uma linha havia sido escrita.

— Claro, claro. Tu tens razão, tens razão... Mas Antoine saiu com Felipe. Vou chamar o mordomo que poderá ajudá-la.

E assim o fez. Em pouco tempo, o rapaz entrava timidamente no cômodo.

— *Siá* mandou me chamar?

— Sim, sim. A senhorita Esposito gostaria de fazer algumas perguntas. Diga-lhe exatamente o que aconteceu, responda tudo o que for perguntado — determinou senhora Casteloforte.

— Como queira, *mia siá* — disse o mordomo, delicadamente.

— Condessa, gostaria de falar a sós com este senhor, se me permitis — disse Ace. E completou: — Creio que será mais receptivo e sincero desta forma.

Assim que a Condessa deixou o cômodo, a moça virou-se para o mordomo e questionou diretamente:

— Senhorita Eli chegou com o cocheiro do Príncipe, correto? Como ela estava? Preciso estabelecer exatamente em que condições a senhorita chegou em casa. Cambaleava? os olhos estavam abertos e brilhantes? Ela conseguia focalizar em algum ponto ou estava perdida?

— Sinhazinha Eli chegou visivelmente tonta. Não reparei nos olhos e não sei dizer se era bebida, mas acredito que não. Ela jamais chegou desta forma em casa e tampouco esqueceu-se do que fez. Estava sóbria, mas estranhamente cambaleante. Eu estou acostumado a recebê-la após suas indiscrições e nunca a vi daquele jeito. E também — começou a dizer, abaixando ainda mais a voz, sem levantar os olhos do chão — tinha os saltos dos sapatos e o vestido sujos de lama e capim. A dama que a ajudou a banhar-se disse que as meias dela estavam rasgadas.

— Entendo. Por favor, gostaria de verificar os sapatos e as roupas de senhorita Eli.

— Claro, *sinhá*. Trarei em um minuto — disse, meneando a cabeça e saindo do escritório.

Ace desenhava, estimulando os pensamentos aleatórios e formando as desconfianças que começavam a dominar sua mente astuta. Assim que o mordomo mostrou os sapatos e a roupa usada na noite anterior, a moça estranhou as marcas na barra traseira do vestido e dos sapatos, que também estavam bem arranhados.

— Preciso de um pequeno frasco com urina de senhorita Eli.

— Urina, *mia siá*?

— Sim. E rápido, rapaz. Preciso saber o que exatamente ela ingeriu e tenho pouco tempo antes que estrague.

Uma hora depois, terminada a inquirição e colhido o que precisava, agradeceu ao mordomo, levantou-se, guardou o material, o bloco e o lápis na pequena bolsa, pegou sua sombrinha e, com o chapéu nas mãos, caminhou em direção à porta de trás.

Um corredor de pinturas a fez parar. Ace era apaixonada por arte e várias telas de couro lavado, pintadas com o mais colorido tom de todas as flores, davam vida à sombria Residência Casteloforte. A moça parou admirando-as, e lembrou-se de todas as obras neoclássicas que vira na última visita ao Antigo Mundo, tão sombrias e tristes. Estas pinturas eram diferentes, retratavam paisagens floridas, pessoas sorrindo e momentos de agradável dança.

Felipe voltava da casa de Lorde Gama naquele exato momento. Usara a porta de serviço, como fazia sempre que abusava do vermute. Tudo para que seus pais não o aborrecessem pela indiscrição.

Deteve-se no corredor e admirou a figura esguia e pequena, séria e absolutamente malvestida. Ornavam suas orelhas pequenos brincos dourados, usados apenas pelas matronas de Boaventura e totalmente fora de moda, e não lhe enfeitava nenhuma semente ou fio de capim dourado, não havia sequer uma gota de tingido em seu rosto, nada que a enfeitasse.

De braços cobertos até as mãos, a figura era opaca como pirita. Não fossem os cabelos que lhe encimavam como uma cereja, infelizmente aprisionados em um enorme coque, não haveria graça... Ela usava óculos, ele notou, e eram pesados demais para seus traços delicados.

Então, a moça se virou e Felipe assustou-se com os enormes e astutos olhos que deram vida à estátua monocromática que notara anteriormente. Nunca havia visto olhos daquele tom, uma mistura de minério de cobre com folhas de jetirana. Um verde profundo e maravilhoso, impossível de conseguir em óleos de frutas, comparável às folhas orvalhadas de palmeira do Brasil.

Encarando-o, Ace armou-se das precauções e cautelas que sempre usava

para se firmar perante os tantos fidalgos que a importunavam. Mas ela não contava com o olhar de Felipe. Sentiu-se despida, mas não com a luxúria pura dos outros homens que conhecera — ele a analisava como que se procurasse detalhes, de cima a baixo, sem a cerimônia e o constrangimento típicos dos moços de família.

Felipe, então, um tanto embriagado, arqueou as sobrancelhas e sorriu. A seu turno, a moça ficou inusitadamente constrangida, sentindo um ritmo inédito de batidas de seu coração. Manteve os lábios apertados e a postura ereta. Depois de instantes de um silêncio congelante, segundos que tomaram as vezes de horas, ele maneou levemente a cabeça e adiantou-se em dizer:

— Algo te agrada, senhorita...

Ela engoliu em seco. Não estava acostumada a sentir-se daquela forma.

— Esposito. Sou Ana Carolina Esposito.

— A repórter? A que devo a honra de tua visita?

— Senhor Casteloforte, boa tarde — cumprimentou-o, desconversando e tentando inutilmente interromper o olhar de Felipe.

— Gostaste das pinturas, senhorita Esposito?

— Oh, sim! Magnífico trabalho! A pintora é deveras talentosa... — Respondeu, voltando os olhos a um quadro de paisagem. Não percebeu, então, que Felipe sorriu modestamente com o canto da boca.

— Algo em particular captou tua atenção? — Perguntou o rapaz, esperando prolongar o assunto e descobrir mais sobre o mistério de olhos curiosamente espertos parados à sua frente.

Ace respirou profundamente e firmou o pensamento no quadro que antes admirava.

— Como homem e pouco estudado, não creio que poderás entender o que eu vejo, mas perceba as sutilezas da pintura. É necessário um bom olhar para sentir a profundidade do que foi colocado aqui. A falta de técnica salta aos olhos, não há sombra ou profundidade, mas atribuo ao estilo da pintora. — Interrompeu-se, balançou a cabeça e continuou. — A mim, parece uma competente ilusionista. Transporta-nos de onde estamos para a paisagem que criou. Esta tela, especificamente, remete a lugares onde não costumamos ficar, nos liberta do cotidiano, do ordinário, nos presenteia com cores alegres e bem colocadas que transmitem, para além da tormenta predominante nas artes mundiais, esperança e alegria.

Ele estranhou a análise profunda e franziu o cenho.

— Sentes assim este quadro?

— Oh, sim... Faz-me querer o novo, o diferente, o inesperado — ela respondeu, inspirando profundamente em devaneios. E, distraidamente, ousou

encarar o olhar ônix de Felipe.

Ledo erro. Injustificável erro.

— Creio que captaste a perspectiva que quis dar ao desenho — disse Felipe, percebendo o espanto que causou na moça e sorrindo. — Vês as iniciais *FC*? — Apontou.

Ela apertou os olhos para as pequenas letras colocadas no canto do quadro.

— Felipe Casteloforte, a seu dispor — ele seguiu dizendo.

Ela espantou-se com a informação e, mais ainda, com a mesura forçada que ele teatralmente lhe dispensou. Recompôs-se antes que ele levantasse a cabeça e disse:

— Oh, então devo parabenizá-lo, meu senhor. Sois um artista como poucos — afirmou Ace, descompassada e tentando imprimir calma à tormenta instalada em seu coração. — Agora, se me permitires, preciso partir.

Maneou a cabeça, cumprimentando-o e, de pulsação alterada, passou pelo rapaz tomando cuidado para não encostar um pelo de sua roupa nele, mas Felipe sentiu o cheiro de morangos. O delicioso cheiro de morangos maduros recém colhidos. E ele *adorava* morangos. Abandonando o decoro, segurou o antebraço da dama com delicadeza — *atrevidimento*, isso sim, Ace pensou — e perguntou, encarando os lábios avermelhados dela:

— Senhorita Esposito, terei o prazer de vê-la no baile amanhã?

Ace sentiu o aroma do vermute e descobriu a origem de toda aquela ousadia. Só podia ser, a bebida, a pólvora de um jovem de família...

— Não sou da nobreza, meu senhor, como pode ver por minhas roupas — disse, arrumando um pequeno chapéu na cabeça e empurrando os óculos que escorriam pelo nariz. Partiu, desvencilhando-se da presença forte e imponente que insistia em encostar nela e eriçar seus sentidos.

Felipe ainda a acompanhou com os olhos, reparando na bonita pena de prata que adornava o coque sem graça dela. Caminhou até a porta e viu quando subiu à carruagem, segurando com delicadeza a mão de sua cocheira. Viu quando olhou para trás, deixando uma inadvertida mecha do cabelo avermelhado soltar-se. Viu quando ela sorriu um sorriso perfeito, minutos antes de fechar a porta e partir.

— Muito vermute, senhor? — Ironizou um intrometido Antoine, sorrindo e batendo de leve no ombro de Felipe.

— Não, meu caro amigo. Acho que estou embriagado por licor de morango — respondeu, sem tirar os olhos da folha que ornava a carruagem de madeira encerada usada por Ace.

CAPÍTULO 6

Enquanto isso, espalhavam-se mais panfletos
pela Praça do Horto...

Na Praça do Horto, a nata da elite vem fazendo altas apostas. E por nata, refiro-me apenas às moças, já que aos rapazes é negada a arte prazerosa de apostar. Enfim, quem será o amor do Príncipe?

Uma curiosa repórter investigativa

Felipe era o tipo de rapaz mais comum em Boaventura. Cabelo nigérrimo de um veludo espesso, mantido rente à cabeça, traços angulares e fortes, lábios grossos adornados por pontos pretos borrifados irregularmente em suas bochechas e o nariz... um enorme e largo nariz bem no meio de seu rosto, que em nada combinava com o perfil que Ace costumava apreciar — o perfil típico das estátuas gregas de traços milimetricamente calculados.

Ainda assim, ela podia apostar que boa parte das moças do lugar derretiam-se por ele. Havia um charme em seu olhar: aquelas duas bilhas negras destacadas pela alvíssima esclerótica que fazia quase todas as moças reagirem à sua boca e imaginá-la em lugares eróticos ou pensarem naquele chocolate quase puro derretendo-se para elas. Ace imaginou, então, a barba falha lhe raspando o pescoço. Eriçou-se, neste momento, sentindo até os pelos mais íntimos ganharem vida própria.

Ace sabia que ele continuaria a olhá-la e caprichou no caminhar rítmico. Ela não tinha nem uma parte do remelexo de quadris das boaventurianas, mas se esforçou naquele momento. Felipe era um rapaz de origem nobre — puramente recheado dos mais diversos e conflitantes hormônios, de certo. Não seria difícil impressioná-lo. A tarefa, entretanto, não era realmente simples e o principal obstáculo era a própria mente de Ace. Ela não fazia nada sem motivo — e *qual seria a razão de atrair um admirador que nunca poderia provar?*

O desejo foi mais forte do que ela, que pela primeira vez foi subjugada pelo mais íntimo sentimento. Pela primeira vez, quis viver algo que não poderia. Pela primeira vez, questionou sua liberdade.

Seria mesmo livre se não pudesse corresponder à investida de um rapaz apenas por ser de classe diferente?

Mais uma vez, deu asas ao inconsciente.

Ela pensava nisso enquanto caminhava para a carruagem e teve certeza de sua insanidade temporária quando segurou teatralmente a mão de sua cocheira — que estranhou o gesto inédito mas seguiu na encenação.

Por que havia feito isso? Não sabia ao certo.

Na verdade, sabia todos os motivos pelos quais não deveria — nunca — ter

feito isso, mas foi o fato de sorrir para ele que a fez se arrepender.

Sacudiu a cabeça assim que fechou a porta, como se os pensamentos fossem voar de sua cabeça como penas assopradas.

— Meu bom Deus, é o filho da Condessa... Não posso fazer isso — disse para si mesma, buscando coerência em algum lugar do peito.

Ace sentia os efeitos nocivos — inebriantes, entorpecentes, enfeitiçadores ou tudo junto — do olhar de Felipe, e experimentava a novidade das palpitações e a irregularidade de sua respiração quando ouviu a cocheira dizer alguma coisa, que ela obviamente não entendeu. Pouco tempo depois, ouviu-a chamando:

— Ace?

— Sim? Oh, sim. Ao Clube 5, Eugene, mas pare nos fundos. A esta hora, a clientela deve estar chegando e preciso sondar uns assuntos.

— E por que pediste ajuda para subir na carruagem? — Questionou a cocheira. Eugene sorria maliciosamente, porque bem conhecia sua amiga.

— Não sei... Não sei... O filho da Condessa... Lorde Casteloforte... Não sei, Eugene... Por favor, vamos logo. Preciso sair daqui rapidamente antes que minha cabeça se perca de novo.

Durante todo o percurso, Ace lembrou daquele olhar, pensou naquele sorriso e imaginou aqueles lábios. Por várias vezes, abanou-se com o caderninho para espantar um invernal calor; outras tantas, limpou a testa de um suor inexistente, acariciou o ponto em seu pescoço que a barba não arranhara, coçou os olhos que não coçavam e lambeu os lábios que não estavam secos.

Decidiu pensar em outra coisa. Puxou seu bloco para rascunhar o caso da senhora Casteloforte. Qual era mesmo? *Algo sobre sua filha*, ela pensou, enquanto começava um esboço dos lábios de Felipe. Carnudos e sedosos lábios, que provavelmente produziriam beijos doces e macios como veludo. Pensando em veludo, desenhou o cabelo de Felipe, imaginando a virilidade dos grossos fios. Pensando em grossos fios, desenhou o nariz de Felipe, desejando aquela respiração em seu pescoço. Quando lembrou de seu pescoço, desenhou a barba. Olhando para o desenho, sentiu seu corpo reagir. Era ele, ali, olhando para ela pelo papel e desejando-a, como ela o desejara naquele momento. Abriu os botões da gola e inspirou profundamente.

— Por Deus, preciso pensar em outra coisa... — Murmurou para ninguém.

Passaram por um caminho estreito e por uma ponte de madeira, que cruzou um rio fino e pedregoso até um vale repleto de árvores. Presos aos troncos, laços de tecido vermelho guiavam o caminho das clientes aos fadistas.

O sobrado conhecido como Clube 5 não era longe, mas Ace estava distraída com a mata fechada e não percebeu que já passava pelos portões. Uma construção de dois andares ornada por balcões mouriscos e muxarabiês

decorados com flores de todas as cores, vasos de diferentes tamanhos, musgos e aromas.

— Para de pensar nisso, Ace — repetia para si, quando a cocheira parou os cavalos. Corrigindo a postura ao descer da carruagem, arrumando o vestido e fechando novamente a gola, virou-se para a ajudante e disse-lhe: — Eugene, vai para casa e testa este material. — Entregou o pequeno copo com urina da senhorita Eli para a amiga. — Aproveita para descansar. Deixa um dos cavalos aqui e nos encontraremos em casa, amanhã pela manhã. Separa as vestes servis e minhas calças de baixo. Acho que vou precisar comparecer ao baile...

Quando deu as costas à cocheira, disse a si mesma:

— Sinto que vou me sujar de lama.

Ace passou a mão pelo cabelo arrumando o coque, colocou os óculos no lugar adequado e parou, olhando para o musgo que quase escondia a pintura branca, cuidadosamente plantado para manter o frescor do local nas épocas de maior calor. Eugene amarrou o cavalo branco, despediu-se de Ace e partiu, tocando em ritmo lento a carruagem puxada por apenas um animal.

De frente para a porta vermelha exclusiva para clientes especiais, a repórter deu três batidas, depois duas, depois três, depois uma. Pintado acima do portal, um desenho de máscara tribal, símbolo do local e da aldeia dizimada de sua proprietária. Sob o desenho, entalhes representando os elementares: terra, água, ar e fogo nas laterais, espírito na base. A maçaneta, um delicado lírio prateado, parecia refletir a luz do sol — ou da lua, naquele momento.

O barulho das dobradiças e trancas revelou a dona do local. A velha senhora, de cabelos negros lisos, cortados retamente em fios curtos, tinha muitas, muitas rugas e uma voz irritantemente anasalada. A abissínia usava um vestido vermelho escuro muito armado e elegante, proibido às pessoas sem título, de gola alta e um enorme camafeu piramidal.

— Senhorita Esposito, como vai? Entre.

— Muito bem, sinhá Susane. Estamos ouvindo o quê esta noite?

— Polca, minha querida. Lá embaixo, os banhos a vapor estão lotados, mas há apostas no salão principal — disse, entrando por um corredor com imagens de santos, lampadários e tocheiros. Ao final, um ostensório de prata lavada marcava a encruzilhada entre as salas e os salões. Antes que sua anfitriã virasse em direção ao barulho, Ace adiantou-se em dizer:

— Hoje preciso pensar. Prefiro algo mais íntimo.

— Há pôquer na 3, do tipo que aprecias, 21 na 2, roleta na 4 e a 6 está fechada.

— Fechada?

— Tivemos um imprevisto ontem. Está fechada para limpeza até segunda-

feira.

— O que houve?

— Perdoa-me, senhorita, mas a confiança de nossas clientes é o que garante o sucesso do negócio — disse, piscando e fazendo a benção trocada em frente a uma imagem em tamanho natural de sinhá Julienne.

— Compreendo. Pois bem, quero o Ramón na 1.

— Ramón? Veja bem, minha querida, recebi um menino novo por estes dias, de origem europeia. É loiro, esguio, tem olhos verdes e, pelos burburinhos de suas primeiras clientes, excelente companhia. Quase não fala, veja que achado! Já foi banhado, asseado e mantém o rosto livre de barba. Gostaria de prová-lo?

— Hoje não, Susane. Se estiver livre, quero o Ramón na 1 em 10 minutos.

— Não irás aproveitar uma boa mão de carteadado na...

— Não, Susane — interrompeu grosseiramente. — E quero a lista de consumo da 6 ontem.

— Senhorita Esposito, não posso te dar esta informação. Sabes disso.

— Quanto?

Susane pendeu o rosto para o lado, coçou os olhos como se tentasse ler o que se passava dentro da própria cabeça, ou fazer contas, e disse:

— 3 pratas.

Simples assim, Ace descobriu que senhorita Eli havia bebido apenas um copo de destilada Casteloforte e, por mais 2 pratas, que ninguém no local viu o Príncipe Francis na noite anterior.

— Vou precisar olhar a 6.

— Não, senhorita Esposito. Realmente não posso permitir que vejas o estado calamitoso daquele cômodo.

Percebendo que não conseguiria ganhar esta batalha sem revelar mais sobre seu trabalho, fez uma anuência e entrou pelo corredor de salas.

— Preciso manter Ramón longe dessa moça — resmungou Susane, parando em um oratório e acendendo algumas velas para suas antepassadas.

CAPÍTULO 7

Prezado M.C.,

A Condessa chamou a investigadora, conforme previmos. Tudo seguindo como planejado.

F.C.

À porta da Casa Casteloforte, ele viu a carruagem partir e acompanhou-a com os olhos até dobrar a esquina. Entrou em casa sorrindo, esquivando-se das brincadeiras do mordomo, pegou um copo de água e, ao virar, assustou-se com a presença ativa de sua mãe, parada à porta da cozinha, fuzilando-o com os olhos. Séria, irritada, segurando uma cabaça de fios dourados servida com vermute, inspirou profundamente, enchendo os pulmões do ar necessário para uma grande ordem:

— Quero que te mantinhas longe da moça! Não é o momento de arrumares problema, Felipe!

— Ora, *Condessa*, apenas a cumprimentei. Sou um rapaz bem-educado — disse Felipe, dando um beijo no topo da cabeça da mãe e apertando-a em um abraço. Quando a soltou, a advogada virou-se e entrou pelo enorme corredor repleto de quadros.

— Tu és filho da Condessa de Casteloforte. Deves casar com alguém da nobreza. No mínimo, uma futura Baronesa! — Dizia enquanto andava, uma ordem implícita para que ele a seguisse.

— Odeio quando ela faz isso... — Murmurou Felipe para Antoine, que sorriu cúmplice e voltou aos afazeres. O rapaz obedeceu-a e, com as mãos no bolso e seu jeito musicalmente cadenciado, caminhou atrás da Condessa, que infelizmente não parava de falar.

— Veja bem, Felipe, tu podes até ter ido ao Brasil, mas ainda estás muito tolo nas manhas femininas. Não quero que comprometas teu bom nome e perca a chance de uma união vantajosa. Senhorita Victoria Anderson é uma bela menina e vai formar-se em breve. Será uma excelente médica e, mais do que isso, herdará o marquesado. Estive conversando com a mãe dela e vossa união pode ser bem quista se tu te comportares como deves!

Felipe inspirou e soltou o ar pesadamente, passou a mão pela cabeça atendo-se a uma coceira veemente e voltou a andar, lentamente, atrás da mãe. No meio do enorme corredor, avistou a tela que Ace analisara antes.

— Mãe, eu e Victoria somos amigos desde sempre. Não pretendo casar com a menina que vi de pantaletes e remelas! — Reclamou.

Margarida parou e levantou a cabeça. Voltou os olhos ao filho, respirou profundamente, cansada com todos os problemas de um dia agitado, e disse:

— Meu querido menino, ela é uma bela moça. Tu a verás amanhã no baile e poderás comprovar. Há tempos não se veem. Desde o ano passado, presumo. Sei que tu notarás desde logo como está formosa e bela. Voluptuosa até, ousa dizer grosseiramente. Seios fartos e ancas largas. Não nega a origem perfeita. Imagine isso: Marquesa, médica e linda! É a esposa ideal e conceberá herdeiras saudáveis! Deves dançar com ela novamente. Convença-a a propor-te casamento. Isso é uma ordem, Felipe!

Após um breve instante de silêncio, prosseguiu, abaixando a voz e tentando amenizar a tensão:

— Quem sabe conversando, tu e ela chegueis a um entendimento e percebeis o quanto têm em comum — disse, iniciando o caminho de volta até parar admirando o mesmo quadro que o rapaz olhava.

Alguns instantes depois, voltou a falar com a voz nostálgica:

— Lembro-me de nossas tardes de verão nos jardins do palacete de Clara. Vós corríeis e brincáveis e nós, Clara, Silvia e eu, imaginávamos as uniões. Eu tentando convencer Anderson de que tu e Vitória seriam um par ideal. Clara tentava convencer-me de que Francis seria um bom partido para Eli. — Suspirou e parou de falar, lembrando-se do caos que havia se instalado naquela manhã.

Ambos permaneceram em silêncio, sem desviar o olhar dos detalhes do quadro.

— Esta tua pintura é linda, meu querido. Que percepção artística tu tens! — Disse a Condessa, engolida pela cena e pelos próprios pensamentos.

— Tornou-se recentemente minha tela preferida, confesso — disse Felipe, sorrindo e puxando a mãe para si, passando um braço sobre seus ombros.

— Pelo menos não são índias nuas — ironizou a Condessa, vendo um sorriso leve se formar nos lábios de Felipe. Depois de mais uns instantes de silêncio, retomou o assunto:

— Felipe, convença Victoria a propor casamento a ti. Verás que será vantajosa a união e que a menina poderá prover-te tudo que um rapaz de seu porte necessita. Terás uma vida confortável, meu menino, e poderás seguir pintando tuas telas. E eu preciso saber que pelo menos um de vós será feliz, já que Eli... — Interrompeu-se.

— Mamãe, nós somos apenas amigos, amigos há muito tempo. Não sei se conseguiria nutrir qualquer outro tipo de pensamento com relação à Victoria. Não pretendo casar com alguém que vi de calçolas correndo pelo gramado suja de lama. De mais a mais, estava apenas admirando a senhorita Esposito. O que ela fazia aqui? É uma moça bonita, mas estava saindo pela porta da cozinha e...

— Eu não devia ter permitido que tu vivesses com seu tio respondeu a mãe, mudando o assunto. — Achei que ele seria um bom preceptor, mas tu voltaste

com ideias estranhas. Só me falta querer frequentar o Clube 5 e arruinar teu bom nome! — Reclamou soltando-se do abraço do filho e voltando a andar, sem responder à pergunta do rapaz. — Longe dela, Felipe! Quero que fique longe dela! Ela tem nas mãos o poder de acabar com a Casa Casteloforte.

— Como queira, *senhora Condessa* — ironizou, reverenciando-a teatralmente e recebendo um olhar reprovador.

Já na sala de visitas. Margarida sentou-se na rede plissada e Felipe pôs-se a olhar a janela, sorrindo perdido nos próprios pensamentos pecaminosos.

— Mamãe, tem licor de morangos? Estou desejoso...

— Mande teu valete comprar, Felipe — disse balançando a mão e espantando o filho da sala.

Coçando as têmporas, a Condessa pensava em tudo que dera errado naquele único dia. Eli com o Príncipe, a ordem para o matrimônio indesejado, Felipe e suas ideias do Brasil e, agora, para piorar tudo, admirando a maldita investigadora sem berço.

Como seu irmão poderia ter estragado anos de educação rigorosa em apenas poucos meses? Como pudera ser tão tola de enviar seu menino de ouro àquele perdido? Mas ela tinha certo para si que Maurice Casteloforte havia mudado com a viuvez e a doença... Como pudera enganar-se tanto?

Eli desceu a escada, arrumada para o jantar e com seus cabelos pretos bem presos em pequenas tranças apertadas. O vestido leve rosa deixava seus contornos perfeitos e o enorme chapéu que levava nas mãos pretendia lançar a moda proposta pela irmã mais nova: penas de pavão.

— Mamãe, estou indo rapidamente à Casa Po'Ala, mas volto antes do jantar. Quero apenas explicar a Luís que...

— Tu não irás! Já fizeste demais!

— O jantar será servido em 30 minutos, senhora — disse Antoine, que entrava na sala.

— Obrigada — respondeu a Condessa. — Peça a teu menino que compre licor de morango para Felipe, Antoine.

O valete arqueou a sobancelha para o amigo, que piscou para ele sorrindo, e respondeu à Condessa:

— Como quiser, senhora.

Margarida voltou-se para o filho e prosseguiu:

— Felipe, preciso conversar a sós com tua irmã. Vá ter com teu pai. Ele deve estar sentado no jardim. Leve o baralho. Oh, sim! E avise-o sobre o jantar, por gentileza.

O rapaz anuiu para a mãe e balbuciou para a irmã um *boa sorte* silencioso, deixando o cômodo em seguida.

A moça sentou-se ao sofá, de frente para a mãe, alisando o vestido e apoiando sua bolsa sobre a mesa de centro.

— Bom, Eli, agora que estás plenamente recuperada, faze um esforço para lembrar de tudo, absolutamente tudo o que aconteceu ontem. Preciso saber qualquer informação que tenhas para poder ajudar-te. E não minta novamente para mim!

— Mamãe, já contei tudo o que lembro. Joguei 21, bebi destilada e não lembro de mais nada.

A Condessa estava irritada. Fuzilou a filha com o olhar e determinou:

— Tu não jogaste Bacará Real?

— Sim, sim, isso... — Corrigiu-se Eli, sob o olhar inquisitivo de Margarida.

— Muito bem, vamos à casa das senhoritas Elizabeth e Marcelle ver se a memória delas é melhor do que a tua.

— E o jantar? Papai não ficará aborrecido se não chegarmos a tempo?

— Ele entenderá, Eli. Teu pai é homem, mas é sensato e compreensivo. Tenho por certo que ele não se incomodará de jantar com tuas irmãs.

CAPÍTULO 8

*M.C.,
Não sei como dizer de forma diferente: a investigadora tocou Felipe.
Creio que nos trará contratempos.
A.G.*

Cerca de meia hora depois, Margarida e Eli paravam a carruagem em frente à Botica Graham, uma pequena construção no meio da mata. A estrela de ouro sobre a porta já apresentava sinais do tempo e demonstrava que aquela era uma das primeiras famílias do Império. Mas as marcas não estavam apenas na porta: a pintura rosa desbotada, o musgo indesejado que crescia desordenadamente e o jardim mal capinado mostravam, também, que a situação não era confortável para a viúva e sua única filha.

— Como vai, senhora Graham. Gostaríamos de falar com senhorita Elizabeth.

— Condessa, Lady Eli, boa noite. Elizabeth foi levar um bruxedo para a Imperatriz. Posso ajudá-las?

— Por favor, Klar. Deixemos de formalidades...

— Minha cabeça não é mais a mesma, senhora. Sou apenas a farmacêutica, cara Condessa, ou a *caqui* como passaram a me chamar — respondeu, levantando a mão e interrompendo a insistência de Margarida.

— Pois bem, Klar, como quereis. Pretendíamos questionar vossa filha quanto aos acontecimentos de ontem.

— Liz foi ao Clube 5, Condessa. Disse-me que jogaram e, depois, estive com o menino Ramón. Gostaria muito que ela permanecesse mais tempo aqui comigo, aprendendo o ofício para seguir meus passos. De fato, é um negócio de paixão e não lucro, mas ela parece acreditar mais nas poucas chances do destino — lamentou a farmacêutica, enquanto seguia fervendo seus chás. — Quem sabe não descobrirá suas próprias paixões, não é mesmo? — Sorriu desanimada, mantendo o olhar em um horizonte incerto. — Elizabeth e eu seguimos a diferentes senhores... E eu lamento muito por isso. A lealdade é pouco valorizada nos dias de hoje.

O comentário causou estranheza na Condessa e, poucos instantes de silêncio depois, a senhora Graham olhou com surpresa para as duas mulheres paradas à sua frente. Desde a condenação do filho, o Imperador Consorte, sua mente nunca mais foi a mesma. Afastada dos cuidados médicos do povo de Boaventura, foi substituída pela Duquesa Po´ala.

— Condessa, Lady Eli! A que devo a honra desta visita?

As duas entreolharam-se, cientes do estado mental da velha farmacêutica.

— Viemos falar com senhorita Elizabeth, mas como ela não está, retornaremos outra hora. Por que não pedis a ela para comparecer no Castelo Forte na próxima semana? Posso tentar arrumar-lhe uma posição de respeito... — disse a Condessa, interrompendo a si mesma quando percebeu que a Grã-duquesa jamais lembraria de nada.

— Conversarei com ela, minha senhora, mas espero que ela continue a me ajudar aqui com a botica. E também, vosso escritório está a certa distância. Seria inviável, já que não dispomos de coche ou cadeira...

— Claro, claro... mas pensarei em algo. Talvez na Casa de Atendimento aos Adoecidos. De toda forma, agradecemos vossa atenção.

Despediram-se e voltaram à carruagem, imediatamente rumando ao próximo destino: a casa de senhorita Marcelle Arges.

— Lamento tanto que ela tenha deixado a Corte. Ainda não acredito que o filho dela tenha traído a Imperatriz. Eles eram tão felizes — Comentou Eli, enquanto a Condessa seguia em silêncio.

Eli olhou para a mãe e prosseguiu:

— Acho que a senhora não precisava ter sido tão veemente na acusação dele. Pena de morte? — Disse, fazendo uma pausa para a conclusão mais sombria: — A senhora queria afastar a Grã-Duquesa para poder aprovar a Constituição nova, não é? Precisava tirá-la da Corte... A senhora convenceu a Imperatriz a destitui-la do cargo depois da condenação e...

— Deixes disso, Eli! Ele traiu a Imperatriz! Traiu o Império!

— Não há prova, mãe!

— Ele deveria ser condenado!

— Ele foi condenado à forca, mamãe! Por Vó Tina, como a senhora pôde? As provas contra ele eram muito frágeis e a Baronesa não teve nenhuma chance contra a senhora. Parecia mesmo que ela havia sido *convencida a ser incompetente*, se isso é possível.

— Cala-te, Eli!

— A mim, parece que a senhora tem raiva dos homens... — Desafiou, dando de ombros enquanto sentia o calor raivoso emanar da mãe. — Foi o que pareceu com a reforma de 1832.

— Chega, Eli! Cala-te agora mesmo! Não tenho raiva. Mas nós somos mais competentes do que eles e eles precisavam ser detidos. Tu não conheces os outros Impérios. Tu não sabes como as mulheres são tratadas. A igualdade que tínhamos era falsa! Eles sempre querem dominar e, quando não conseguem, usam a força! Tu és muito inocente, minha filha, porque cresceu no Império que eu criei, um Império feminino!

— Mamãe, era o filho da Grã-Duquesa!

Margarida não respondeu, nem sequer voltando-se para a filha. Suspirando profundamente e olhando para fora da liteira, lembrava daquele período negro de sua vida, das tantas discussões sobre a nova Constituição de Boaventura, da difícil decisão de destituir Klar Grahan e da chantagem que fez com Sophie Arges, entregando-lhe o título de Baronesa. Sim, Margarida havia orquestrado tudo quando a Grã-Duquesa impediu veementemente a reforma constitucional. Nunca, entretanto, soube realmente o que aconteceu com o Consorte naquele dia em que foi acusado de trair a Imperatriz. *Não importa mais. A saída da Grã-Duquesa e a morte do filho dela foram o mal menor para o bem maior*, pensou.

Em uma rua de barro, chegaram ao destino: a pequena casa de Sophie Arges, construída logo depois de ser nomeada Baronesa.

— *Sinhá* Condessa? Boa noite.

— Boa noite, senhor Julianio. Temos um assunto importantíssimo a tratar com senhorita Marcelle.

O mordomo as encaminhou para a sala de visitas, servindo-lhes um licor com biscoitos salgados de tapioca enquanto aguardavam. A espera não foi longa. Em pouco tempo, uma gorda senhora de voz doce irrompeu a sala:

— Condessa, como ides? Não vos esperava a esta hora. Acompanha-nos para jantar?

Sóbria, com os cabelos brancos bem presos em um coque baixo, trajava um vestido tão preto quanto os cabelos da filha, que se aprofundava pelo contraste com a pele alva da Baronesa. Não havia se casado com o pai de Marcelle, fato com o qual ninguém no Império parecia se importar, mas vestia-se como se viúva fosse.

— Agradeço, minha querida, mas viemos falar brevemente com senhorita Marcelle.

— Marcelle? Houve algo?

— Espero que não.

A casa da Baronesa apresentava os sinais do tempo e do mau cuidado. A péssima administração da criação de suínos a fez acumular dívidas ao longo dos anos. Muitos animais morreram e, com eles, empregados foram dispensados. Não havia roupas novas, além de ser notório o desgaste da palha dos assentos.

O futuro de Marcelle era uma incógnita. Distante das salas de aula da faculdade do Império e próxima demais dos salões de carteado, gastava o pouco dinheiro que recebia da mãe.

Amenidades depois, Marcelle, bem vestida e arrumada, surgiu à porta da sala. Figura imponente, a moça era alta, de uma pele avermelhada, tipicamente caíçara, e modos finos. Caminhando elegante e suavemente, era conhecida pela

sagacidade nas mesas de jogos, que lhe rendiam muitas pratas. Frequentemente contava cartas. Toda a sua inteligência não foi suficiente para sua admissão na faculdade. Ciente de sua vida promíscua, a Reitora da Universidade, Duquesa Teresa de Terras Altas, não cedeu.

Dona de uma beleza invejável, por onde andava sempre causava frisson. O tom rosado com o qual era comumente vista não lhe favorecia em nada, mas o senhor Crodle, modista e cabeleireiro, já não enxergava tão bem. Seu rebolado curvilíneo tremeluzia as saias leves, livres de anáguas e crinolinas. Orgulhava-se de nunca ter desonrado rapazes de família, ainda que alguns casamentos tenham sido desfeitos por sua causa. Não que Marcelle cobiçasse homens comprometidos. O fato é que os homens comprometidos a desejavam, a olhavam e a elogiavam.

— Minha querida senhorita Marcelle, estamos vivendo um imbróglio. Precisamos que nos conte... — Começou a dizer a Condessa.

— Marcelle, diga para minha mãe que não deixei o Clube 5 com o Príncipe Francis ontem! — Interrompeu uma ansiosa e nervosa Eli.

— Não posso mentir para a Condessa, minha amiga. Jogamos na sala 6, bebemos o melhor destilado da casa. Tu perdeste, lembra? — Comentou, sorrindo para a amiga. — Elizabeth saiu e nós ficamos. Depois de um tempo, eu deixei a sala e tu ficaste terminando a bebida. Príncipe Francis estava parado na porta conversando com Susane quando deixei o Clube.

— Estava? Mas tu me viste sair na carruagem dele?

— Meu cocheiro chegou naquele momento, Eli. Não vi mais nada.

— Marcelle, preciso que tu digas tudo... — Insistiu Eli.

— Minha amiga, não vi mais nada. Sei que Liz foi ter com Ramón e sei que ficamos apenas mais um tempo na sala 6. Depois disso, despedi-me e fui embora. Tu ficaste.

— Por Deus, Marcelle! Francis está forçando o casamento! Ele diz que eu o desvirginei! Acreditas nisso? Eu jamais faria isso! Tu podes testemunhar pelo meu caráter, não podes?

Marcelle negou com a cabeça.

— Não posso dizer o que não vi, minha amiga. Seria mentir para a juíza!

— Eli, chega! Não iremos a Juízo destruir o nome Casteloforte! Tu vais casar e está decidido. A lei assim determina e não há mais o que fazer. Vamos embora! — Interrompeu a Condessa que, virando-se para Marcelle, prosseguiu: — Senhorita Arges, agradecemos tua atenção. Baronesa, foi um prazer revê-la.

— O que está havendo, Condessa? — Perguntou uma nem tão inocente Sophie Arges, ainda demonstrando não estar acompanhando o assunto.

— Príncipe Francis afirma que passou a noite com Eli e força, assim, um

casamento. Estou tentando lidar com isso. Gostaria que tu voltasses para o escritório. Seria bom para mim, para o escritório e para ti, que vive nesta situação...

— Minha situação é confortável, Margarida. Não preciso mais trabalhar. Sou Baronesa, membro do Conselho e nobres não devem trabalhar.

Anuindo delicadamente, a Condessa e sua filha se foram. Assim que entraram na carruagem, Marcelle voltou-se para a mãe.

— Mamãe, tinhas razão. Nossos problemas vão acabar em breve. Pode mandar vir a carruagem nova para o baile amanhã. Nós chegaremos de forma triunfal.

CAPÍTULO 9

*Prezada Marquesa,
Receberás a visita da investigadora da senhora Casteloforte, uma tal senhorita Ana Carolina Esposito. Peço-te que informe à mesma que a sala 6 está indisponível e que não vistes o Príncipe Francis nas redondezas. Agradeço tua ajuda e envio, junto a esta missiva, o pagamento pelos serviços.*

M.C.

Ace e Ramón estavam na sala há mais de uma hora. Ele era bom no que fazia. Muito bom. E Ace aproveitou cada toque para afastar da cabeça um certo rapaz de nariz largo.

Vinho de amoras foi servido além de fumo da melhor qualidade, jogaram cartas e ele levou-a ao delírio muitas vezes. Língua, dedos, penas, veludo e tudo que pudesse dar novas sensações à repórter. Até a bebida fora usada.

Mesmo com tudo, Ace sabia que não era *ele*. Não eram os lábios carnudos de certo rapaz de olhar enfeitadamente negro que a serviam. Ace não sentiu, nem de longe, o roçar da barba irregular de um Lorde de modos estrangeiros.

— Recebeste o bilhete de senhora Casteloforte, *mi* Carolina? — Questionou Ramón, para quem era endereçada toda a correspondência da moça. O espanhol, assim como Eugene e Castilho, secretário do Escritório Casteloforte, eram os únicos que conheciam a profissão paralela da repórter Ana Carolina Esposito.

Eles e, estranhamente, *Felipe Casteloforte*.

— Sim, meu querido, obrigada. Gostaria de falar sobre isso. Tu viste senhorita Eli Casteloforte deixar o Clube na noite de ontem?

— Não, *mi* Carolina. Estive distraíndo senhorita Graham por boa parte da noite.

Ramón realmente não sabia de nada sobre o caso Casteloforte, mas o prazer fazia a mente de Ace trabalhar mais rapidamente — o prazer de desenhar, o prazer de beber, o prazer entre quatro paredes, o prazer de ganhar. Isso e também o fato de ela precisar estar dentro do Clube antes da limpeza da sala 6 — quaisquer detalhes seriam relevantes.

Sim, ela havia imaginado Felipe abaixado à sua frente fazendo tudo o que Ramón fazia. E, sim, algumas vezes até chegou a dizer o nome dele. Podia jurar ter ouvido aquela voz debochada a chamá-la, despertando um novo frenesi de sensações enigmáticas. Mas quando gritou, gemeu e abriu os olhos, o espanhol moreno de cabelos compridos levantou a cabeça e a decepção de Ace foi clara. Ramón não se incomodava, todavia, de ter o nariz pequeno que ela não esperava ver, os cabelos lisos sedosos que ela não queria tocar nem o corpo esguio sobre o qual ela não queria montar.

Banharam-se na água quente de uma pequena banheira de madeira aquecida e o rapaz ocupou-se de lavar cada fio da longa cachoeira cor de vinho tinto que brotava da cabeça genialmente geniosa de Ace. Acariciava seus ombros com firmeza e derramava óleos perfumados de morango.

— Minha Carolina deve cheirar a morangos... — Dizia, e cantarolava, suave e baixinho, músicas em um espanhol perfeitamente aporuguesado, vestígios da cuidadora que lhe acolheu na infância.

Sua voz macia lamentavelmente não se parecia com o timbre grosso e imponente de Felipe Casteloforte e a ingenuidade de Ramón nem de longe se comparava a todas as promessas de pecado que fluíam da boca do enorme homem de ébano que consumia seus pensamentos. O rapaz era bom, muito bom, na arte de dar prazer. Em todo o resto, era apenas um menino tímido e maltratado pela vida.

Boa cliente, boa amiga, boa amante, Ace ajudava Ramón com suas necessidades vaidosas e dava prazer quando nenhuma outra mulher se preocupava com os desvirtuados e virtuosos rapazes de Susane. Ao final, ele a abraçou, acomodou-a em seus braços firmes e acariciou seus cabelos ainda molhados, escovando-os com os dedos, deitados à pequena chaise da sala. Ramón se sentia em paz quando acalmava Ace. Gostava de ser o seu porto seguro e, mais do que isso, gostava de acalmar suas próprias angústias. E adorava-a, esta é a verdade. As noites ao lado de Ace o faziam dormir como um anjo.

Quando a respiração dele acalmou e ela percebeu que o rapaz adormecera, esgueirou-se para fora do abraço e se vestiu, tomando cuidado para prender todo o recheado cabelo com a afiada pena de prata, aprisionando-o no mesmo coque sóbrio de sempre. Sobre a mesa, deixou 5 pratas, 4 a mais do que o preço cobrado no local. Ramón abriu os olhos no exato momento em que a porta rangeu para ela sair.

— Volte a dormir, meu querido.

— Onde tu vais, Ace?

— Já pedi que não me chame assim. — Murmurando, insistiu: — Preciso procurar evidências, Ramón. Tu realmente não viste o Príncipe Francis pelas redondezas ontem?

— Não, *señorita* Carolina, sinto muito. Pouco antes das 22 horas, fui solicitado por minha Liz, como disse.

— E ela passou a noite contigo?

— *Si, mi amor*. Ela deixou o quarto apenas uma vez, por volta de 23 horas, para buscar uma bebida. Não quis que eu me levantasse da banheira... Propôs casamento, tu soubeste?

— Não, meu amigo. Tu aceitaste?

— Não posso. *Mi corazón* não pertence a mim!

Ace sabia bem que Ramón era apaixonado por Elizabeth, mas sua mãe jamais o deixaria casar. Puxou-o para um abraço fraterno e acariciou seu rosto.

— Oh, meu querido... — Disse Ace, tentando acalmá-lo.

— Digo-te, *señorita*, se estiveres mesmo encantada pelo tal Felipe, não deixe que te impeçam... Dói demais não poder seguir os anseios do coração...

— Não estou encantada. Fui surpreendida, apenas, pela audácia dele. Não me parece, de fato, tão ingênuo.

— Creio que te refiras a Felipe Casteloforte. Bom, soube que esteve no Brasil.

— Brasil? Por quê? — Começou a perguntar, mas tão logo terminou a frase, balançou a cabeça e prosseguiu: — Não. Não importa a mim. Não tenho motivos para perder tempo com divagações sobre Lorde Casteloforte de...

— Achei que tu o chamavas por Felipe... — Provocou Ramón com uma piscadela.

— Não sejas tolo. Agora preciso investigar a sala 6. Deixe a vela da porta acesa e fique aqui. Tua mãe não pode saber que eu saí. Volto em 10 minutos.

Deu-lhe um delicado beijo na bochecha e saiu, caminhando com suavidade até a sala lacrada. Com a pena do cabelo, abriu a porta da sala 6 sem dificuldades e entrou. Temendo ser descoberta pelo ranger das dobradiças, preocupou-se apenas com o necessário para esgueirar-se e fechou lentamente.

Dentro, esperou os olhos acomodarem-se ao escuro, batucando com a pena nas mãos. Prendeu, novamente, os cachos e caminhou até a mesa de carteador, onde notou um pó esbranquiçado. Passou a mão, cheirou e lambeu. *Ópio?*, duvidou, arqueando as sobrancelhas. Abaixou-se, vasculhou o quarto, tateou e não achou mais nada.

— Drogaram a menina... — murmurou. — Bem como eu havia imaginado.

Sentou, desanimada, no chão, percebendo marcas de botas e ocupando-se de medi-las com os próprios pés. Notou um risco no piso, no qual passou a mão e sentiu a poeira da ranhura grudar em seus dedos. A marca era recente, pensou, lembrando o quanto Susane cuidava com esmero do Clube 5. Aquela mácula no piso não poderia ser antiga. Jamais houve uma sala imperfeita para suas clientes nobres. Acompanhou o risco do chão com os olhos, percebendo que, assim como as pegadas, este também terminava na janela.

Abriu apenas uma fresta que lhe viabilizasse enxergar do lado de fora, avistou um terreno grande com um minúsculo casebre antigo.

O dia começaria a amanhecer em breve e seu tempo estava se esgotando. Com o anúncio no baile, nada mais poderia ser feito pela senhorita Eli. E Ace

nunca – nunca – deixava de atender uma cliente. Muito menos quando essa cliente era a Condessa Casteloforte.

— Posso apostar que as marcas no vestido e no sapato dela vieram dali. Preciso ir até lá — murmurou, decidindo consigo mesma.

Então, voltou à sala 1, levando um prato de pães, café e água que pedira à cozinheira.

— Ramón, querido, não saia do quarto até ouvir meu sinal... Eu vou... Eu vou... — Gaguejou olhando ao redor para tentar ter ideias. E prosseguiu:

— Bom, tu vais ouvir uma batida na janela. Quando ouvires, tu saberás que eu estou indo embora. Até lá, mantenha-te aqui — disse, deixando o quarto e voltando à sala 6.

CAPÍTULO 10

*Aurora Perdida
Notícias D'Hora*

Boaventura, sábado, 8 de dezembro de 1855.

E o tão aguardado evento será realizado hoje. Vestidos costurados, novas modas a serem lançadas. Senhorita Victoria Anderson, nossa futura Marquesa, sempre linda e elegante, promete usar um vermelho aveludado e muito decotado. Conquistará, finalmente, o solteiro mais bonito da cidade, Lorde Felipe Casteloforte? Ainda nesta família, hoje será a esperada apresentação à sociedade de senhorita Jasmin Casteloforte, jovem espirituosa e inteligente frequentemente vista em passeios longos pelo roseiral do Horto seguida por seus cachorros. Cuidem-se, rapazes! É comentário geral que os cães foram treinados pessoalmente pela Condessa para farejar homens adequados. As senhoras idosas mais importantes do Império de Boaventura, a Duquesa Teresa de Terras Altas, a Marquesa Silvia Anderson e a Condessa Casteloforte recusaram a informação sobre suas vestes. Preferem manter sigilo e surpresa. Ou não querem ser copiadas. Corações da nobreza superior são terrenos ardilosos, afinal. A Duquesa Iara Po'Ala deverá trajar um de seus cerimoniais vestidos de couro. A Baronesa Arges, provavelmente, repetirá seu vestido dos últimos anos. Mas o mais importante de tudo é a notícia mais aguardada da semana e eu vou contar tudo o que sei: o casamento do Príncipe Francis. E a felizarda (azarada?) é... Senhorita Eli Casteloforte! Deleitem-se com a notícia, que deixa o belo jovem Luís Po'Ala disponível novamente para cortejo. Terá a senhorita Eli feito uma boa troca?

Uma curiosa repórter investigativa

Vinda do Império do Brasil, a notícia de que a Inglaterra exige a abolição da escravatura. Será que o Imperador agirá? E Boaventura? Nosso pequeno Império está tão distante assim das desigualdades sociais?

J.C.

Editor assistente

Olhando a janela do quarto, Ace havia decidido que precisaria refazer o caminho supostamente usado na noite anterior.

— Muito bem, Ace, vamos lá — conversou consigo mesma. E pulou.

Parada atrás do Clube 5, Ace lembrava do ópio encontrado no quarto do imaculado clube de Madame Susane, lembrava das marcas no chão, dos sapatos e vestes de Eli. *Não existem coincidências*, pensou, remetendo com ternura aos ensinamentos da falecida mãe.

Encarou o enorme matagal do terreno ao lado. Um caminho amassado mostrava que, recentemente, alguém teria passado por ali. Resolveu embrenhar-se, porque... porque... porque sim, oras! Ace Esposito não precisava se explicar. Quando queria, fazia e pronto. Seguia seus instintos, ainda que tivesse certeza absoluta de que eles sofreriam uma paralisia cada vez que ela visse Felipe Casteloforte. Era um *instinto sobre o instinto*. Mas, também, Felipe era grande, bonito, sedutor e...

— Não, Ace. Focalize, sua idiota! Não é hora de pensar nele! —

Repreendeu-se mais alto do que gostaria.

Empinou o nariz, lamentou por seus sapatos novos e foi embrenhando-se com cuidado e — embora não assumisse — medo.

O caminho lamacento levava direto ao minúsculo e imundo casebre. Ela caminhava devagar, tentando não fazer barulho ou mexer muito com a vegetação fétida ao seu redor. Ace morria de medo de cobras e borboletas. Sim, borboletas. Borboletas como aquela entalhada na porta da Casa Anderson.

Chegou ao casebre, encostou o ouvido e percebeu apenas silêncio. Resolveu entrar. Claro. O que poderia ter de errado em um casebre abandonado no meio do mato ao lado do Clube 5?

A porta quebrada não foi empecilho. Do contrário, foi de grande ajuda. Tirando, é claro, o fato de que um prego enferrujado rasgou a saia da moça.

— Maldito! Preciso aumentar meus honorários... Meu vestido novo! E nem sei quando vou voltar à Espanha! — Praguejou, batendo na saia e enfiando um dedo pelo buraco recém-formado.

O cenário assustador era formado por uma cama fedorenta suja de lama, uma mesa com vela queimada e um jarro quebrado em um canto. A lareira, repleta de teias de aranha, remetia a um castelo mal-assombrado. E cordas; havia cordas. Olhando ao redor, Ace teve a certeza de que ninguém, jamais ia àquele lugar. No chão, achou uma medalha de ouro.

— A estrela da *sahira*... Que estranho — disse, franzindo os olhos. Apercebeu-se, então: — Este caso está fácil demais. Ninguém viu Francisco, os sapatos e o vestido de Eli tinham marcas... Ópio na sala, arranhões no chão, aquelas marcas de pés pequenos, a medalha... Mas ele não agiu sozinho — ponderava.

E definitivamente acho que ele nunca iria pisar nessa lama. Mas a sahiria não o ajudaria. Será que é mais uma armação de Arges?, pensou.

A verdade é que não havia outra combinação para aquele óbvio quebra-cabeças. Eli fora dopada, ainda no Clube 5, e arrastada para aquele casebre imundo. Como ela tinha ido dali para a Casa Lumis ainda era um mistério, assim como a identidade de seu cúmplice. Mas quanto a este, a investigadora tinha por certo que a resposta era a medalha dourada.

Infelizmente, mesmo que toda a sua lógica estivesse certa, Ace não poderia provar. *Como desmentir o ardiloso Príncipe encantado?*

Com as mãos na cintura, olhou ao redor. Parada no meio do barraco, abaixou-se e não achou mais nada de útil — apenas uma ideia: confrontar a boticária. Ace precisava descobrir a origem daquele ópio, se é que a velhice permitiria a senhora Graham lembrar qualquer coisa.

Saiu do casebre e buscou um possível caminho. Ao invés de voltar para o

Clube, virou na direção oposta, passando pelo portão quebrado do terreno onde estava. No mato, marcas das patas de dois cavalos e rodas finas de carruagem, indo diretamente a uma rua de chão batidos.

— A Casa Lumis usa carruagens de quatro animais, com rodas mais apropriadas às curvas da serra. Um cúmplice?

A estrada de terra, entretanto, já não tinha rastro. Direita ou esquerda seria uma decisão de sorte. Olhou para o céu, onde o sol começava a esquentar e viu a direção de sua sombra. Lembrou que o nascer banhava os fundos de sua casa e caminhou em direção ao amanhecer.

Cerca de dez minutos depois, chegou à Praça do Horto, ao redor da qual localizavam-se as principais residências do Império: Terras Altas, Silver, Anderson, Po'Ala, Casteloforte e Lumis. Parou no coreto do centro, olhou seu caderno de desenhos e caminhou para a própria casa, localizada a cerca de quinze minutos mata adentro, em um idílico chalé.

Das três chaminés, uma fumaça esbranquiçada anunciava o fogo sempre aceso. Ao redor da casa, as árvores tinham folhas vermelhas, verdes, amarelas, troncos de diversos tons de marrom. Algumas escondidas nas sombras, traziam um âmbar profundo. Outras, abraçadas pelo sol, eram cor de caramelo.

Um único lampião iluminava a entrada, já quase apagando sua chama. Cercada de pedras brutas, uma escada de degraus baixos. A cerca, formada por finas ripas de madeira, aparentemente usada como corrimão, apenas indicava o caminho, em verdade. Jamais serviria para que alguém se apoiasse.

A casa, igualmente construída em pedras, fazia a base de um telhado azulado. Encrustada em um jardim de flores multicoloridas e multiformes, cheirava a primavera em qualquer estação. Mesmo sendo uma rígida, sólida e antiga construção, não havia um minuto sequer em que as cores e formas fossem as mesmas. O vento, o sol, as nuvens, a direção e o sentimento do admirador, tudo fazia a casa parecer magicamente transformada a cada segundo.

Quando entrou, Eugene assustou-se:

— Ace, tu estás toda suja de lama! — Ressaltou de pé à porta limpando a mão na saia.

— Sim, Eugene, eu sei. Separaste as roupas que te pedi?

— Estão em teu quarto. Sobre a urina, precisamos conversar. Uma mistura de álcool, opiáceos e cafeína me fazem crer que a menina Casteloforte...

— Foi dopada. Eu sei. Achei ópio no Clube 5. A questão é saber quem a dopou. Quem está de conluio com o Príncipe Francis.

— Desconfias de alguém?

— Sim. A dona desta medalha. Lembras deste brasão? A estrela de ouro da *sahira* de Julienne. Mas custo a acreditar que ela faria algo assim...

— É realmente estranho... Mas e a menina dela? — disse Eugene, pegando o objeto e virando entre os dedos.

— Elizabeth esteve com Ramón. Também não acredito que ela fizesse isso. Só me resta a menina da Baronesa Arges. Aquelas duas nunca me enganaram... Desde que descobrimos a história da princesa, mantenho olhos de tubarão com elas. Mas, enfim, Eugene, esta casa ainda cheira a mofo... Conseguiu alguém para vir arejá-la e limpá-la?

— Ainda não, mas o cheiro há de melhorar agora no verão. Fiz algo para comermos.

— Obrigada, Eugene. Espero que o cheiro melhore, minha amiga; depois de três estações fechada, não tenho muita esperança... Agora, vamos comer o que fizeste. Preciso que tu vás ao Clube 5 e bata na janela da sala 1 para que Ramón possa sair de lá. Depois, traze meu cavalo. Vou banhar-me e espero-te para seguirmos em frente.

Quinze minutos depois que Eugene saiu, Ace estava pronta e vestida uma roupa cinza escuro limpa e abotoada até o pescoço, saia do mesmo tom e um segredo: calças masculinas por baixo. Os cabelos, escovados e muito bem presos, guardavam o segredo das ruivas. Os lábios brilhavam como a geleia de morango que lhes tinha sido pincelada, as bochechas foram levemente estapeadas para alcançarem um bonito rosado e o perfume era uma mistura de excitação, adrenalina e estranhos feromônios.

De fato, durante todo o tempo que esteve só, Ace pensou em Felipe: se Felipe aprovaria a roupa, se Felipe a acharia bonita, se Felipe gostaria de morangos, se Felipe...

— Chega, Ana Carolina! Ele é filho da maldita Condessa! — Brigou consigo mesma, tendo certo para si que a maledicência mais tinha a ver com os próprios sentimentos confusos do que com a mãe do rapaz.

Com a chegada de Eugene, Ace e a amiga voltaram à praça, seguindo rumo à Botica Grahán.

— Bom dia, senhora Grahán, como vais? Preciso de uma informação.

— Diga, minha querida — falou a idosa, de corpo largo e cabelos muito alvos.

Colocando 10 pratas no balcão, Ace perguntou diretamente:

— Alguém precisou de ópio recentemente?

Levantando os olhos de seu caderno de receitas — muito semelhante aos diários que via sua mãe ler, pensou Ace — franziu as sobrancelhas e analisou a moça à sua frente por sobre os óculos, pendendo a cabeça de lado e franzindo os olhos. Antes de responder, com a voz rouca de quem já ultrapassou as falas que poderia usar no dia, inspirou e expirou profundamente.

— Deixe-me ver as anotações. E guarde esse dinheiro, menina! — Zangou-se, caminhando em direção à outra extremidade do balcão, seguindo seus resmungos: — Que coisa feia essa mania dos jovens de pagar por tudo que não é cobrado! Não percebem que isso é desrespeitoso!

Parou lendo o livro, conferindo dosagens, conferindo cada nome, anotando em outro papel e, pelo que Ace percebeu, esquecendo-se do que havia sido lhe perguntado. Ace então pigarreou e disse, em tom baixo e delicado:

— Senhora Graham, por gentileza, não quero mais atrasar vossas receitas... A senhora poderia, encarecidamente, me dizer se alguém comprou ópio nestes últimos dias?

— Bom dia, senhorita Esposito, como vais? — Perguntou a idosa, franzindo o cenho novamente, como se a visse pela primeira vez naquele dia. — Tu me lembras alguém que conheci há muitos anos... Não pode ser, todavia, a filha de *La Reine*...

— Receio estar com um pouco de pressa... — Desconversou Ace, caminhando para a porta.

— Fico feliz que tu não és como os outros jovens com este costume pitoresco de oferecer dinheiro... Isso é tão desrespeitoso, não achas?

— Sim, senhora. Creio que tenhas razão. Mas e quanto ao ópio?

— Ópio? Oh, claro, tenho manipulado o láudano da Imperatriz. Elizabeth me ajuda com as medidas.

— Senhorita Elizabeth faz os láudanos?

E o silêncio da boticária deixou Ace a um passo de perder a razão.

— Posso olhar o livro de registros por um instante? — Perguntou a investigadora, procurando garantir a informação que a memória desgastada de Klar Graham provavelmente nunca lhe daria.

— Pode, minha querida. Vou buscar um chazinho com biscoitos — informou, deixando a sala a passos lentos.

Ace olhou o livro, fez algumas anotações quanto aos últimos pedidos, analisou-o.

— Senhora Graham, esses registros estão corretos? A senhora realmente distribui tudo isso de opiáceos? — Perguntou sem resposta.

Ainda desconfiada pela obviedade dos acontecimentos com Eli, passou delicadamente o dedo sobre o pentagrama marcado nas páginas, fechou-o e tentou — em vão, logicamente — despedir-se da velha boticária, que obviamente nem lembrava mais do chá prometido.

À saída, comentou com Eugene sobre o lastimável estado de memória fraca da idosa, e, completou:

— Eugene, quero ficar na praça, em um local que eu veja o movimento da

botica e a Casa Arges. Essas amigas de senhorita Eli estão escondendo alguma coisa...

CAPÍTULO 11

Circulando pelas mãos de jovens rapazes...

*É a razão do falatório
O príncipe e seu casório
Será hoje anunciado
Em evento muito esperado.*

*Um amor será roubado
Um coração despedaçado
E um nobre bem vestido
Ficará muito sentido.*

*Moverá toda a nobreza
Inclusive a Duquesa
Seu filho tão amado
Será abandonado.*

*Uma curiosa repórter investigativa
Que não resiste a uma boa trova*

A trova estampada nos folhetos fora memorizada e cantarolada por toda a cidade. Diferentes ritmos, diferentes timbres, sempre as mesmas palavras. Entre cochichos e discussões acaloradas, todos tinham opinião.

— Então Francisco finalmente enlaçou uma rapariga? — Perguntou o jovem sentado ao banco da praça, ostentando um sorriso misturado de felicidade e deboche.

— Não leste o jornal de ontem à tarde, suponho. Bom, creio que a notícia não irá agradá-lo, Po´Ala — respondeu o amigo.

— Do que falas, Felipe? Por que o casamento de Francisco seria importante para mim? Finalmente ele vai casar, não é? Tenho pena da moça insana que o aceitou e...

— É Eli.

Um silêncio sepulcral se formou. Luís, primeiro, arqueou as sobrancelhas; depois abriu a boca sem emitir qualquer som; depois, passou a mão pelo cabelo; depois... Bom, depois de infindáveis segundos de pasmaceira, riu. Não a risada sincera de quem ouviu uma piada. Riu a risada debochada de quem acabou de ser vítima de uma galhofada. Jogou a cabeça para trás, teatralmente, e gargalhou, por assim dizer.

— Quase acredito em ti, Casteloforte, seu fanfarrão — disse, empurrando o ombro de Felipe.

— Não estou brincando, caro amigo. A Imperatriz anunciará hoje o noivado.

O sorriso se desfez e Luís semicerrou os olhos.

— Não é possível, Casteloforte. A minha Eli? Nós vamos casar em três meses e... — Interrompeu-se com uma triste constatação: — O jornal de quinta-feira? Quando foi isso, Casteloforte?

— Houve algumas... Alguns... Digamos apenas que a situação se complicou. Ele a buscou no Clube 5 à noite de quinta-feira, aproveitando-se de que tu ficaste na fazenda e...

— Mas o jornal saiu quinta de manhã! Eu lembro de ter comentado sobre a matéria com minha mãe! Eles estavam juntos antes? Eli me traiu?

— Claro que não! — Respondeu Felipe, apertando os olhos. — E, sinceramente, tenho muitas dúvidas se eles estiveram juntos na quinta-feira de fato...

O rapaz forçou-se a continuar falando, mesmo quando as palavras pareciam soltas e desconexas. Falou, mesmo quando não acreditava em uma sílaba que dizia. Falou, mesmo sabendo que Luís estava à beira de uma síncope. Ele tentou, a todo custo, manter a lucidez do amigo.

Mas a cor de Po'Ala foi sumindo, seus lábios arroxando, seus olhos arregalando, suas mãos se apertando, seus dedos quase quebrando, suas pernas sacolejando e a história de Eli e Francisco se tornando uma dolorida imagem em sua mente.

Felipe ainda tagarelava quando Luís levantou-se, furioso, e deu um grito, agitando a bengala de ossos que orgulhosamente carregava:

— Vou matá-lo!

Uma confusão se instaurou. A bengala caiu, a cartola voou e o Príncipe, que vinha passando pela rua sorridente e garboso, foi atingido por uma série de socos ágeis e imperitos, que fizeram de Luís o ator principal de uma cena pândega. Como ele conseguiu não acertar sequer um golpe foi a maior dúvida de todos — e também o real motivo do escárnio da multidão que começou a aglutinar-se ao redor deles.

— Eu vou matar-te, Francisco! O que fizeste com Eli, seu mentiroso desgraçado! Vou matar-te!

Felipe correu e tentou segurar o amigo pelo braço, mas não foi forte o suficiente para impedir que outros tantos socos fossem desferidos ao vento. Adrenalina, provavelmente, já que Po'Ala era visivelmente menor e mais fraco.

Felipe também não foi rápido o suficiente para impedir que a guarda montada ouvisse as ameaças, presenciasse a briga e levasse o agressor em detenção.

— Ele é um mentiroso! — Gritava Lorde Po'Ala, visivelmente consternado e nem um pouco embaraçado pela vergonha de errar todos — absolutamente

todos — os golpes.

O rosto do jovem foi assumindo a cor de tomates, a roupa caiu em desalinho e toda a elegância do nobre filho da Casa Po'Ala sumiu naquele momento. Seus olhos verdes ganharam todos os tons de uma furiosa esmeralda e os cabelos, quase tão revoltados quanto seu dono, bom... Os cabelos eram tão lisos e escuros quanto podiam ser os fios de um índio do Brasil e, sendo assim, uma lufada de vento os colocou em seus devidos lugares. Luís era, de fato, uma sopa de etnias, o fruto caído da árvore humana mais pura. Além dos olhos verdes e cabelos pretos, ostentava uma pele vermelha que, naquele momento, só poderia ser atribuída à ira, já que o trabalho nas fazendas lhe rendia uma deliciosa cor de cupuaçu.

A cena não fugia às comédias teatrais da corte europeia: um enorme e corpulento Felipe tentava inutilmente segurar o esmirrado Luís que, cego pela fúria, conseguia se desvencilhar, mas sequer tocar no Príncipe encantado de corpo grego perfeito, Francis, que atuou competentemente jogando-se no chão fingindo uma dor inexistente e tapando um machucado fajuto.

— Não dificultes sua defesa, Luís! Fica quieto, homem, por Deus! Tu ameaçaste o Príncipe, socaste-o e agora, está difamando-o — listou Felipe. — Tu estás patético socando o vento! E cala-te, maldito! Vou até a minha casa comunicar tua prisão à minha mãe. Ela saberá o que fazer.

Levado pela guarda, foi-se Luís, o noivo apaixonado-humilhado. Ficou Francisco, o Príncipe encantado-debochado e Felipe, o irmão esforçado-preocupado.

CAPÍTULO 12

Colocados no Orquidário da Praça do Horto...

Esta repórter recusa-se a falar sobre a lastimável prisão do jovem Po'Ala, que defendia seu lugar ao lado de sua amada.

Uma curiosa repórter investigativa

De dentro da carruagem, Ace observou quando o Príncipe deixou a Casa Lumis e seguiu para a Praça do Horto Central rodopiando sua bengala de madeira e sua cartola, seguido de longe pelo franzino e estranho cocheiro, sempre trêmulo e amedrontado. Reparou que o filho da Imperatriz gracejava para uma policial montada em seu cavalo que, iludida, seguiu admirando o desfile ensaiado do rapaz.

O corpo de Ace reagiu à presença elegante e intimidante de Felipe, acalorando-se com cada movimento do rapaz: o subir e descer de seu peito quando respirava, os dentes que apareciam cada vez que ele falava, o branco dos olhos que se destacava pelo chocolate de sua pele, o apertar de suas mãos que mais poderiam passear pelo corpo da repórter.

— Pare com isso, Ace, pare com isso! — Repetia para si mesma a cada nova ideia libidinosa.

Então, notou o semblante catatônico de Lorde Po'Ala enquanto ouvia atentamente o filho da Condessa. Percebeu quando os olhos moribundos de Luís renasceram com fúria ao vislumbrar Francisco Couvier e soube que aquele era o momento exato do fim da vida útil da cordialidade entre eles. Intuiu que deveria interferir antes que o pior acontecesse, mas estatelou quando os braços fortes de Felipe Casteloforte lutaram para segurar o amigo, deixando bem marcados os músculos na manga da casaca. *Opressora casaca*, diga-se.

Logo que a confusão se desfez, Ace pensou ter visto um quase sorriso no rosto dissimulado do Príncipe, que levantou, espanou o pó da roupa de veludo roxo inspirada na moda distantemente europeia e tomou o caminho de volta à sua imponente casa, com a postura de um *galo galante em triunfo exultante*, chamando seu cocheiro estranho com um simples aceno. E ela poderia jurar que viu quando senhorita Elizabeth Graham sorriu para ele, maneando a cabeça.

— Então a menina da *sahira* é mesmo cúmplice do encantado? Mas por que ela sente tanto ódio de Eli?

Felipe estava impecável e Ace viu quando senhorita Victória Anderson devolveu sua cartola de palha e sua bengala, ela mesma espanando o ínfimo pó que comprometeu a perfeição das peças. Fulminando a jovem, pode perceber que ela sorriu timidamente e abaixou os olhos, fazendo um charme de força

ingenuidade para o rapaz, que expandiu todo o seu perfeito e amplo sorriso, dando-lhe o gosto de ser a feliz e sortuda ganhadora do charme. Ace quis matá-la.

Ace viu que Felipe arrumou o cabelo dela para trás da orelha e gracejou qualquer coisa em seu ouvido. Neste momento, a investigadora sentiu o rosto esquentar e as mãos se fecharem apertando as pernas.

— Anos de treinamento de tiro poderiam ser úteis agora — sussurrou — ou quem sabe a pena... Sempre fui boa com alvos distantes...

Deitou a cabeça levemente, semicerrando os olhos, analisando a melhor opção e quase medindo a força que deveria imbuir na arma para alcançar a dama que flertava com *seu* Felipe.

De longe, o rapaz puxou uma das mãos da menina Anderson e depositou um beijo suave por sobre a luva alva perfeita. Ela puxou um leque e abanou-se, jogando todo o charme do alto de seu corpanzil curvilíneo. Ace respirou profundamente, fechou um dos olhos e estudou a trajetória do projétil.

Victoria Anderson passou a mão enluvada pelo braço torneado de Felipe. Ace, então, apertou a pequena bolsa sentindo a pistola, mas relutou ao sentir o coldre gelado.

— Contenha-se, Ace. O que está havendo? — Repreendeu-se.

Respirou fundo, sacudiu a cabeça, passou a mão pelos cabelos cor de raiva e arrumou-se novamente no banco da carruagem, parada do outro lado da Praça, próximo à pequena Capela abandonada, pondo-se a analisar suas notas no bloco.

Fazia anotações enquanto aguardava Eugene voltar da ida à delegacia, para onde fora oportunamente assuntar com as policiais. Um barulho surdo de bengala ribombou em sua porta e a tirou do raciocínio. Abriu a delicada cortina e percebeu que sua linha de pensamento não seria retomada.

— Como vai, senhorita Esposito? Vi que assististe à cena de Lorde Po´Ala. Te divertes?

Ela fitou os olhos de jabuticaba e perdeu-se no abismo escuro de sensações que lhe prometiam. Passou a língua pelos próprios lábios e sentiu o gosto de geleia. Quando ele sorriu meio de lado, ela pode perceber o que estava fazendo — e, lamentando, recompôs-se. *Tarde demais*, pensou ao perceber o sorriso descarado do rapaz. Uma enorme demonstração de dentes brancos e perfeitos que mais pareciam uma afronta aos bons costumes do lugar.

— Oh, Lorde Casteloforte, como acharia engraçado a desgraça do jovem Po´Ala?

Ela precisava fazê-lo acreditar em seus princípios e honra. Ace tinha honra. Ainda restaria alguma, por certo, mesmo notoriamente flertando com o filho de uma Condessa.

Percebeu, então, que estava atribuindo demasiada importância à opinião dele e obrigou-se a espanar os pensamentos.

— Estás linda com esta roupa escura. Ressalta a cor de teus cabelos... Por que não usas os cabelos como senhorita Anderson? Seria muito prazeroso tocá-los também...

— Não poderia usá-los nem que a sociedade me permitisse. Preciso de cabelos práticos, posto que não tenho uma acompanhante que me penteie ao sair ou um jovem que arrume meus cabelos descompostos na rua, após uma cena intrigante — respondeu Ace, permitindo deixar transparecer parte do ciúme.

Felipe, logicamente, havia percebido que Ace o olhava. Ele vira a carruagem parada e suas cortinas abertas e isso só poderia significar que a moça estava atrás de mais informações. Mas provocou-a apenas para vê-la ruborizar e ouvir a voz de Ace. Encantado com os lábios carmíneos, Felipe imaginou, divertindo-se com os próprios pensamentos, que sabor teriam.

Ela é linda, lembrou-se, ainda que o fato jamais tenha passado despercebido. Ali, dentro da carruagem, seus cabelos tomavam uma intensa cor borgonha e tudo o que ele queria era arrancar a maldita pena e deixá-los soltos. Perdeu muito tempo, na noite anterior, deitado à própria — e gélida — cama, imaginando seu comprimento, suas ondas, seus cachos, sua lisura ou qualquer forma perfeita que pudesse tomar. Qualquer uma lhe agradaria muito, ainda que, se fossem longos e cobrissem-lhe as costas, seria bastante agradável de pentear depois de momentos tórridos em um lençol macio.

— Brancos, lençóis brancos — falou alto, o rapaz, fechando levemente os olhos.

— Desculpe, não entendi o que disseste. — Ela quis saber, mas ele não respondeu.

Percebendo a forma angulosa do rosto de Felipe, Ace tinha por certo que ele cria que a visita à Casa Casteloforte no dia anterior tivera por objetivo descobrir mais sobre o encontro furtivo de senhorita Eli com o Príncipe.

Nada agradava mais Ace do que surpreender os outros, exceto talvez perceber como se enganavam a seu respeito. Bom, talvez, desde o dia anterior, ver arregalar-se um certo par de olhos penetrantes tenha ganhado ímpar relevância na sua lista. E nem sequer pensou em fazê-lo apenas para que aquelas duas pérolas negras levassem o assombro aos lábios deliciosos ou os fizessem dar um daqueles sorrisos tortos que recentemente descobrira serem hipnotizantes.

— Senhorita Esposito? Senhorita Esposito?

— Sim? — Respondeu, saindo do transe, sacudindo a cabeça. — Preciso ir, Lorde Casteloforte. Foi um grande prazer, digo, foi bom revê-lo.

E lá estava o sorriso torto de novo. Desta vez, Ace não se permitiu olhar diretamente para ele, uma Medusa com o poder de transformá-la em pedra. Uma pedra de pernas gelatinosas e desejos profanos. Desejos profanos que nunca realizaria. *Mas Victoria Anderson, sim...*, pensou, arrependendo-se no mesmo momento de tamanha inveja. O problema é que, não o encarando, deparou-se com o lábio delicioso e o sorriso malicioso. E quis provar aquelas promessas implícitas.

Afastou o pensamento, tentando não se permitir levar pelas inúmeras possibilidades lascivas dos olhos dele. *Meu Deus, ele é um rapaz de família...*, pensou.

Tentou, inutilmente, não fantasiar com os braços fortes a envolvendo sobre uma mesa de bilhar e lambuzando-a com bolo de nozes e lambendo o bolo de nozes e lambendo depois que o bolo acabasse...

— Senhorita Esposito? Ana? — Ele chamou-a, com ousadia, pelo primeiro nome. E sorriu, orgulhoso de si mesmo.

Saindo de seus devaneios mais uma vez, Ace fechou a cortina e bateu no teto. Eugene havia voltado.

— Eugene? Eugene? Coloque esses infelizes quadrúpedes para andar! — Esbravejou.

Quando estavam longe o suficiente para Felipe não as ouvir, soltou o ar que vinha prendendo sem perceber e inspirou profundamente. O maldito perfume dele ainda estava ali.

O que está havendo comigo?, pensou, sacudindo a cabeça na vã tentativa de negar o sentimento.

— Eugene, o que viste na delegacia?

— Ace, a Baronesa Sophie é a advogada do jovem Po´Ala. Os rumores da cidade contam que ela havia parado de advogar, mas chegou tão rápido e tão decidida que soou como se soubesse que Po´Ala fosse ser aprisionado. De fato, foi bem estranho.

— Tudo parece muito estranho nesse caso. Por favor, Eugene, dá a volta na praça e retorne à delegacia, porque preciso falar com o Po´Ala.

— Como queira, Ace.

— Falaste com o menino cocheiro de Francis?

— Sim. Ele não dormiu na Casa Lumis, mas disse que recebeu ordens expressas do Príncipe para passar a noite fora. A carruagem está bem lavada, mas é de quatro cavalos, como tu disseste. Eu sei que Francis exige que o Manuel esteja impecável, mas achei o menino um pouco assustado, amedrontado. Cheguei a oferecer-lhe um passeio pelo Horto, mas o Príncipe chegou logo em seguida e...

Ace havia parado de ouvir novamente. Percebeu que andava distraída demais com os pensamentos em Felipe, mas não conseguia evitar. Entreabrindo uma fresta em sua cortina, o viu acompanhar a carruagem com os olhos, colocar a mão no bolso e caminhar de volta à praça, onde uma inconveniente Vitória Anderson ainda jogava-lhe charme.

— Esqueça, Ace, esqueça... — Murmurou para si mesma, sentindo um bolo formar-se na própria garganta.

Ou no peito, não soube bem.

CAPÍTULO 13

Embaixo do coreto da Praça do Horto,
crianças acharam alguns papéis...

Para quem havia aposentado a caneta, a Baronesa Arges apareceu rápido demais à porta da Delegacia para acudir o jovem Po'Ala.

Uma curiosa repórter investigativa

A cela não era úmida, pequena e apertada. Era seca, com dois beliches, uma pia e um vaso sanitário. Entre os presos, apenas grades. Bom, além de Po'Ala, havia somente duas moças: um clichê bêbado de saias, presa por distúrbio; e uma devedora contumaz.

— Preciso sair daqui, delegada. Hoje é o baile dos Anderson. Se houver anúncio do noivado, eu vou perdê-la para sempre.

— Lorde Po'Ala, o senhor nega que ameaçou o Príncipe? Nega que lhe desferiu uma série de golpes violentos e certeiros no rosto? — Perguntou a delegada.

— Não diz nada, rapaz! Como tua advogada, te oriento a guardar silêncio — bradou uma imponente Sophie Arges, que entrava na delegacia vestindo seus pesados óculos, uma pasta de couro envelhecido e um vestido verde novo. — Preciso falar a sós com meu cliente, delegada.

Encaminhados a uma saleta, a advogada começou.

— Estás em grande encrenca, Lorde Po'Ala. Ameaçar o Príncipe é crime punível com a própria vida. Desde a morte da Princesa que as regras são mais rígidas, sabes?

— Regras... Regras que não se aplicam àqueles de *sangue nobre*, não é? E eu não o mataria de verdade — afirmou, fazendo uma breve pausa antes de prosseguir: — Bom, creio eu que não o mataria, mas ele... — Inspirou profundamente e apertou as mãos. — Eu o odeio! Ele mente descaradamente!

— Concentremo-nos em tirar-te daqui, rapaz. Depois, pensaremos no resto. Se o Príncipe não perdoar-te, teremos que tentar judicialmente e, bom Deus, isso demoraria uma eternidade...

— Então vamos, senhora Arges! Vamos falar com a juíza e...

A Baronesa sorriu e maneou a cabeça:

— Hoje é sábado, Lorde Po'Ala, além de ser o dia do baile dos Anderson, cerimônia de Kiti, abertura das colheitas de verão e tudo o mais. Não há como fazer nada hoje.

— Não posso deixá-lo anunciar, Baronesa, ou eu vou perdê-la! Vou perder Eli!

— Só com o perdão dele, meu caro. E não creio que ele esteja disposto a

dar.

Pouco tempo depois, a delegada abriu a porta e anunciou:

— Tempo esgotado, senhora Sophie. É hora de ir. Vamos servir o almoço aos prisioneiros.

— Pois não, delegada — respondeu a Baronesa, que virou-se para o rapaz e fez uma leve reverência em despedida.

Quando ela se virou para partir, Luís a chamou:

— Senhora Sophie, como chegaste tão rápido?

— Estava passando na praça, rapaz.

Ele apertou os olhos, mas não foi capaz de desconfiar de nada.

— Muito obrigado, senhora. Senhorita Eli soube que eu fui preso?

— Não sei, Lorde Po´Ala. Ela deve estar se preparando para o noivado. É um grande dia para a Casa Casteloforte — insinuou. — Mas tu não estarás em desgraça. Se não pudermos fazer nada, espero que considere o casamento com minha Marcelle. É uma boa moça e...

— Vou casar com senhorita Eli, minha senhora, mas sinto-me honrado de considerar-me para teu genro — interrompeu-a, um tanto angustiado, e surpreendeu a advogada, que respirou profundamente, imaginando as mil possíveis retrucas àquela certeza. Mas, ao invés de falar qualquer coisa de que pudesse arrepender-se depois, limitou a encerrar o assunto:

— Muito bem. Preciso ir agora — disse.

Luís voltou para a cela desenganado, desiludido, injuriado e muito, muito aborrecido. O anúncio do casamento era iminente e nunca, jamais, em nenhuma e absoluta hipótese, nem mesmo em um dos Impérios mágicos dos contos de fadas narrados nos livros de rapazes, nunca o Príncipe Francis o perdoaria.

Sophie Arges saiu da delegacia, entrou em sua carruagem e disse ao mordomo-cocheiro:

— Vamos, Juliano. Tenho muito o que comemorar hoje! — Sorrindo para si mesma, murmurou: — Em uma semana, Marcelle estará noiva de Po´Ala.

Parada ao lado da delegacia, Ace analisava as rodas da carruagem Arges enquanto Eugene distraía Juliano, cocheiro da advogada, jogando charmes e sorrisos.

Ao primeiro sinal de barulho, a investigadora escondeu-se, esperou Sophie Arges sair e então entrou, driblando a delegada com a desculpa de entrevistar o preso.

— Senhorita Esposito, não é a hora para entrevistas. Os prisioneiros vão almoçar agora.

— Entendo, senhora delegada, mas são poucas perguntas. Eu realmente preciso vender uma reportagem para o Império do Brasil. Há tempos não temos

nada de interessante e, bom, preciso de dinheiro para sobreviver, não é?

— Senhorita, não posso permitir que fale com o preso.

— Posso usar o horário de almoço dele... Por favor, são poucas perguntas para o noivo abandonado — disse, piscando seus longos cílios e sorrindo, certa de que a simpatia da delegada não era atingida por seus charmes.

— Muito bem. Apenas no horário do almoço.

Mas a recepção de Po´Ala não foi tão amigável:

— Não tenho o que falar, moça — foi a primeira frase que ouviu.

— Pois não, senhor. Mas, se não for incomodar-vos demais, digei-me qual foi o problema em vossa fazenda na quinta-feira?

— Algo com os cavalos. Uma doença, não sei. Por que queres saber?

— Está havendo um surto de... de... de loucura nos cavalos da região e eu gostaria de saber se foi isso que ocorreu em vossa fazenda. Sabes, para alertar aos demais fazendeiros.

— Não ouvi falar de surto — respondeu Luís, apertando os olhos.

— Está sendo mantido em sigilo para evitar o clamor, mas o senhor deve ter lido alguma coisa no jornal desta semana.

— Entendo — respondeu Po´Ala, deixando recair um sepulcral silêncio entre eles enquanto balançava o garfo no prato. Ele olhava para a moça com seriedade, sem baixar os olhos ou esmorecer. Desconfiava, mas não sabia bem de quê.

— Então, e os cavalos?

— Estão bem. Para ser honesto, a cavalaria disse-me que pareciam um pouco lentos demais, apenas — completou, franzindo a testa em sinal de reconhecimento pela estranha constatação.

— Algo diferente na alimentação ou nos cuidados deles?

— A princípio, não. Recebi um devolvido pelo Príncipe, mas Francisco já não me surpreende com seus caprichos.

— Não havia problema com o animal?

— Parecia fraco, mas tinha fome quando chegou na fazenda. Nada que uma boa alimentação não curasse.

— O senhor recebeu alguma visita inesperada em casa estes últimos dias?

— Inesperada, não. Senhora Arges foi visitar minha mãe, assim como a senhora Anderson, e levaram as filhas. Mas o que isto tem a ver com os cavalos?

— Com os cavalos? Bom, elas andaram a cavalo?

— Não.

— Então não tem nada a ver, certo?

— Sim, e por que perguntou?

— Se elas andaram a cavalo? Por que o senhor perguntou o que tinha a ver

com os cavalos...

Ace tentava enrolá-lo, mas Po'Ala era um rapaz esperto. Cansado, mas esperto.

— E o Príncipe Francisco foi levar o cavalo doente?

— Francisco? Não. O cocheiro dele. Por que Francisco levaria o cavalo?

— Não era dele, o cavalo?

— Sim, mas ele é o *Príncipe*. Senhorita Esposito, está sentindo-se bem?

— Sim, sim, mas os cavalos não, certo?

— Certo.

— Compreendo. E a delegada já vos interrogou sobre o caso do Príncipe?

— Do Príncipe? Por causa do cavalo?

— Foi por isso que o senhor bateu nele?

— Não, claro que não! Eu jamais bateria em alguém por causa de um cavalo!

— Então, se não foi o cavalo, foi o quê?

— Ele enganou a senhorita Eli!

— Levou-a a andar de cavalo?

— Não! Não! Disse que esteve com ela na quinta à noite!

— E não esteve?

— Claro que não! A senhorita Casteloforte nunca faria isso comigo!

— Fazer o quê? Andar de cavalo?

— Chega! Não quero falar sobre cavalos! Estou preocupado demais com o baile para perder mais tempo falando sobre cavalos!

— Qual o problema do baile?

— A Imperatriz vai anunciar o noivado do Príncipe e senhorita Eli.

— Entendo. E será que a senhorita Eli não gosta de cavalos?

— Por Deus, mulher, pare de falar sobre cavalos!

Ace quis rir. Já não fazia mais sentido qualquer pergunta, mas era bem divertido aquele jogo.

— Claro, claro. Mas a senhorita Marcelle visitou seus estábulos?

— Sim — respondeu resignando-se. — Levei-a para conhecer uma égua preta.

— E ela já pariu?

— Não. Quer dizer, não sei.

— Que dia a senhorita Marcelle foi ver a égua?

— Na terça ou quarta-feira. Uns dois dias antes de os cavalos adoecerem.

— Que cavalos?

— Meus cavalos!

— Mas o senhor não disse que não havia cavalos doentes?

— Não havia. Quer dizer, não há mais. Estiveram indispostos, mas estão melhores.

— Senhorita Marcelle?

— Os cavalos!

— Claro, claro. E por isso o senhor contratou a senhora Arges? Por que ela foi visitar a senhora sua mãe?

— Não! Eu não a contratei. Ela apareceu aqui tão logo eu entrei.

— Oh! Entendo... Ela veio falar sobre cavalos?

— Que cavalos, criatura? Ela veio falar comigo.

— Mas o senhor disse que não a contratou....

— Não! Ela estava na Praça do Horto.

— Estava? Mas ela vai livrá-lo da prisão a tempo do baile?

— O Príncipe precisa me perdoar pelo evento.

— Do cavalo? — Ace perguntou, escondendo ainda mais a vontade quase incontrolável de rir do rumo que a prosa tomara. A confusão com os cavalos estava distraíndo-a e, bom, era Ace Esposito e não precisava se justificar.

— Não! Na Praça! — Gritou.

— Claro, claro... Então, a senhora Arges precisa fazer com que o Príncipe o perdoe antes do baile, ou a senhorita Eli será obrigada a casar com o Príncipe. E isso deixa o senhor solteiro para outras moças?

— Sim, sim, mas... — Ele começou a dizer, mas interrompeu-se, coçando a cabeça e fechando os olhos.

— E, diga-me, a senhorita Marcelle seria uma boa esposa?

Percebendo que Luís não seria mais útil e que já tinha conseguido o máximo possível de informações, Ace despediu-se. Infelizmente, a caminho da saída, esbarrou em uma muralha musciosa e perfumada. Levantou os olhos e lá estava ele, Felipe Casteloforte, e seus profundos olhos de obsidiana.

— Ora, ora, se não é a pequena senhorita Esposito. Parece que nossos destinos estão cruzados, senhorita Ana.

— Lorde Casteloforte?

— O que fazes aqui? Investigando?

Ace sentiu suas bochechas corarem. Era isso. Ele tinha enxergado quem ela era de verdade. Estava tudo arruinado. Seu segredo...

— Como?

— Não és uma *investigadora* jornalística? Jornalistas investigam fatos, correto?

— Oh! Claro... Cavalos. Investigando eu cavalos estou. Quer dizer, doença de cavalos — ela tentou, em vão, concatenar os pensamentos. Percebendo a inutilidade, balançou a cabeça. — Meu bom Deus! Eu estou investigando

doenças de cavalos — disse pausadamente. — É isso.

— Entendo...

Notando o rubor da moça, enfeitado por uma teimosa mecha de rubis que insistia em se soltar do bendito coque que usava constantemente — e que deveria proteger os homens de longas e sedutoras madeixas de morango — Felipe atreveu-se. Lentamente, tocou os sedosos fios e enrolou-os nos dedos.

— Impressiona-me como mudam de cor — murmurou, aproximando o nariz para sentir seu aroma, suavemente. Ace estava muda, estática e, claro, com pernas gelatinosas. — Teus cabelos... Eles têm cor de licor de cerejas quando expostos ao sol e de vinho quando colocados à penumbra. Me pergunto que outros tons podem assumir...

Ace exprimiu um murmúrio incoerente, já quase fechando os olhos.

— E o perfume é perfeito — continuou o sedutor Felipe, baixo demais e próximo demais do ouvido de Ace. Diminuindo o tom de voz e quase encostando em seu pescoço, prosseguiu: — simplesmente perfeito. Morangos maduros, como deve ser cada pelo deste teu corpo...

Ace sentiu todos os pelos se eriçarem e os poros se abrirem. Calores, sensações e um arrepio lhe subiram pelas pernas, peito até a base da nuca. Com esforço ímpar, implorou:

— Por favor, Lorde Casteloforte...

— Lorde Casteloforte é meu pai. Estamos só nós dois neste corredor. Diz, senhorita Esposito, teu corpo todo cheira a morangos?

— Lorde Casteloforte...

— Diz apenas Felipe.

— Mas...

— Vamos, diz: Felipe. Quero ouvir tua voz dizendo meu nome — ele insistia, sem se afastar do ponto abaixo da orelha dela e rolando os poucos pelos da barba pela fina linha de pescoço descoberta. Sua voz, rouca, ecoava em um lugar de Ace que ela mesma desconhecia. Fazia bater mais rápido seu coração e a deixava desnorteada.

— Mas...

— Muito bem — disse Felipe, ainda perto demais para permitir que ela pensasse claramente.

Ace começou a andar para trás, mas ele passou a mão por sua cintura, retendo-a próximo a si, e continuou:

— Preciso dizer novamente. Teu cheiro é exatamente o que eu pensava. Enormes morangos perfumados. E eu adoro morangos... Me pego imaginando como seria mergulhar-te em uma banheira aquecida, lavar teus cabelos até a curva de teus quadris e comer os morangos direto de teus lábios.

Ace suspirou e fechou os olhos, deitando a cabeça para trás e apoiando as mãos na rígida massa do peito do rapaz. Aquele discurso indecente estava mexendo com os desejos dela, fazendo transpirar calores e imaginar as diferentes combinações de morango com chocolate.

Ele inclinou-se para frente, inspirando cada gota de suor que escorria da moça e permitindo-se arrepiá-la com o leve roçar de seus corpos.

Quando quase fraquejava, a moça apoiou a mão na parede atrás de si, antevendo um beijo quente e sedutor. Estava pronta para se entregar a qualquer sensação e já havia esquecido o sobrenome daquele homem que a seduzia.

Como ele poderia seduzi-la? Ela deveria tê-lo seduzido!

O beijo não veio. E é claro que não viria. Ela sabia disso. Ele era filho da Condessa e um homem honesto! Ela nunca havia conhecido um homem honesto tão sedutor, é bem verdade, mas o rapaz era um deus de ébano pronto para acabar com a sua lucidez.

Felipe pegou novamente a mecha e a colocou atrás da orelha de Ace, prendendo-a aos óculos grossos que enfeitavam o rosto delicadamente rosado de Ace. Passou o polegar pelas pequenas manchinhas cor de prazer na bochecha dela, deixando o rastro de choques por todo o seu corpo.

Ela abriu os olhos e encarou-o.

— Linda... — disse — tu és simplesmente linda. Espero ver-te no baile, senhorita.

— Não sou nobre...

Ele fez uma reverência sutil — e até debochada—, sorriu e se foi. Ace demorou alguns instantes para recompor-se e abrir os olhos. Então disse, em um sussurro lamurioso e desejoso, mais para si do que para ele, que já ia longe:

— Não sou da nobreza.

Nunca antes ela havia lamentado isso. Nunca fez tanta diferença o título que seu pai deveria ter lhe conferido.

CAPÍTULO 14

M.C.,

Po'Ala foi detido, como imaginamos. Sophie Arges apressou-se para o encurralar, o que não é bem o que imaginamos. A investigadora esteve na delegacia, então creio que esteja tudo caminhando adequadamente. Lamento, apenas, não poder contar a Po'Ala.

F.C.

— Como assim *detido*? — Eli perguntou atônita, deixando-se cair no sofá.
— Preciso falar com ele! O que houve, Felipe?

— Ele ameaçou o Príncipe, partindo para as vias de fato. Foi bem engraçado, na verdade. Francis ficou deitado no chão, reclamando de dores, como se fosse uma don... — Interrompeu-se ao olhar fuzilante da mãe.

— Uma o quê?

— Uma.... uma doninha. Como se fosse uma doninha, mamãe. Sabes? Aquele bicho...

Antoine riu, colocando sutilmente a mão à frente do rosto para que ninguém notasse a indiscrição espontânea.

— Felipe, onde está Luís? — Eli perguntou.

— Ora, Eli, detido. Onde poderia estar? Na cadeia!

— Luís seria incapaz de matar uma mosca. Creio que nunca tenha sequer empunhado um florete, quiçá matar uma pessoa.

— Eli, minha irmã, não importa o que tu achas ou o que eu acho. Ele ameaçou o filho da Imperatriz em plena Praça do Horto e na frente de uma multidão. — Felipe sentou-se ao lado da irmã. — E de duas policiais, para ser ainda mais preciso. A lei é a lei, como diz mamãe. Provavelmente, vai ser enforcado.

— É verdade, querida — interrompeu o assunto a grande Condessa. — Não há muito o que ser feito. Sem o perdão do Príncipe, nossas mãos estão atadas. Honestamente, eu duvido que Francis irá perdoá-lo — afirmou a Condessa, apertando as têmporas em sinal de cansaço e impotência.

— Mamãe, está é mais uma de vossas rígidas leis! Veja o que fizestes com Po'Ala! O defendereis, certo?

— Não posso, minha filha. Sou advogada do Império. Preciso defender o Príncipe, mesmo que não acredite em uma sílaba daquele rapaz dissimulado.

— Mamãe, não acredito que vades deixar Luís ser enforcado! E, pior, advogar para que isso ocorra! Como podeis ser tão cruel?

— *A lei é dura, mas é a lei*, minha filha. Já esqueceste?

— Ora, mamãe, a senhora é... é... é...

— A advogada da Imperatriz! — Gritou a mãe. Ou melhor, rosnou a

Condessa.

Eli subiu a passos fortes e bateu a porta de seu quarto bufando. Andando em círculos, pensava o que fazer.

A Condessa permaneceu na sala, rodando uma suave cachaça de coco servida em cabaça decorada.

Uma batida na porta foi o suficiente para as duas irmãs mais novas, que jogavam uma partida de xadrez no canto do cômodo, se entreolharem e correrem para a janela. Por que estariam tão ansiosas era informação desconhecida, mas antes da segunda batida, o mordomo já havia atendido a visita.

— Senhora? O senhor Crodule está aqui para vê-la. Encaminho-o para vosso quarto de roupas?

— Sim, sim. Diz-lhe que irei em breve. Serve-o de chá ou um refresco, sim?

Margarida terminou sua bebida e subiu. Sentou-se na penteadeira e determinou:

— Crodule, quero um coque em trança, com as presilhas douradas e penas. Trouxeste as penas? — Perguntou e prosseguiu, em tom baixo: — Acho que teremos um noivado hoje.

— Oh, claro, *siá*! O noivado do Príncipe! Toda a cidade comenta... Ele e a sinhazinha Graham têm sido vistos com frequência nos últimos meses...

— Creio que os encontros referem-se apenas à medicação da Imperatriz.

O arrumador de penteados, então, arqueou as sobrancelhas, inspirou e continuou com o serviço em silêncio.

No quarto de Eli, batidas suaves na porta anunciavam a presença de seu pai.

— Com tua licença, meu anjo. Podemos conversar?

— Oh, papai! Não posso ficar trancada neste quarto! Preciso salvar Luís! — Falou Eli, chorando lamuriosamente.

— Acalma-te, Eli. Precisas esfriar tua cabeça para pensar no melhor caminho. Vê bem: só quem pode salvá-lo é o Príncipe. Acho que deverias recorrer a ele.

— A Francisco? Àquele cretino? Tu sugeres que eu recorra àquele mentiroso?

— Minha querida, acho que somente tu terás cartas na manga para convencê-lo a perdoar o jovem Po'Ala.

Charles caminhou até a filha e abraçou-a, deixando que sentisse o apoio contido no gesto. Passados alguns instantes, ela inspirou profundamente e disse:

— E que Deus me ajude!

Uma hora depois, recomposta e formal, chegou à Casa Lumis.

— Gostaria de falar com o Príncipe Francisco. Por gentileza, diga-lhe que é

a senhorita Eli Casteloforte.

Nem foi preciso anunciá-lo. De uma escada espiralada, Francisco descia em desfile.

— Eli, que prazer! A que devo a honra da visita de minha noiva? — Anunciou-se, furtando um beijo de Eli, que afastou-o com a mão.

— Não somos noivos. Preciso que teu valete fique na sala — disse, olhando para um franzino Manuel que se encolhia cada vez mais no canto.

— Ora, ora, para que esse cuidado agora que vamos casar? Vá, Manuel. Tu tens que preparar minha roupa para o baile de noivado. Seremos noivos definitivamente ao anoitecer.

— Francis... Príncipe Francisco, gostaria de falar-te sobre Lorde Po´Ala.

— Oh! Foi horrível, meu amor! Que bom que vieste me confortar! Ele me atacou e...

— Chega, Francisco! Príncipe Francisco — frisou enraivecida. — Vim negociar os termos da liberdade dele.

— Negociar? Tu devias estar me confortando! Ora, negócios são para quem está em situações semelhantes, para quem tem cartas para negociar. Po´Ala não tem nada!

— Mas eu tenho — afirmou Eli. Respirou profundamente e disse: — Francis, eu caso com *Vossa Graça*.

Ele gargalhou, pendendo a cabeça para trás forçadamente, debochando dela.

— Isso eu já tenho por certo.

— Basta eu não propor, Francisco.

— Para todos, tu me desonraste e, se não propuseres, estarei arruinado. Minha mãe não deixará isso passar tão parcimoniosamente. E será uma afronta aos meus dotes, ademais.

— Não me importo com teus dotes, que aliás, desconheço.

— Podemos resolver isso agora — disse, aproximando-se dela.

— Chega, Francisco! — Empurrou-o.

— Eli, Eli, ingênua Eli... Tão linda! — Aproximou a mão do rosto dela, acariciando sua bochecha enquanto olhavam-se como oponentes. — Minha honra foi comprometida. A honra do Príncipe, entendes? Se Boaventura não defender a honra do Príncipe, o que será de nosso pequeno Império? Seremos esmagados pelo Brasil.

— Do que estás falando, Francis?

— De guerra, minha querida.

— Guerra? Quem entraria em guerra com um Império pacífico como Boaventura? Não fazemos nada aos vizinhos, comemos o que produzimos e compramos pouco dos outros países. Não fazemos acordos. E temos uma boa

Força de Defesa.

— Exato, minha pequena. A Força de Defesa é apenas boa, forças militares fracas. Nunca tivemos problemas, nem sequer uma revolta interna. Para o Império do Brasil expandir seus territórios, nada impede. Já estão em nítido processo de instabilidade com todas as revoltas espalhadas pelo país. Tentam, a todo custo, expandir-se para o Sul. Chegarão a Boaventura em breve. Nossa Imperatriz é fraca e, se além de tudo, a figura do Príncipe for menosprezada, seremos esmagadoramente engolidos. Eli, veja bem. Se não propuseres casamento, a Imperatriz fechará o escritório Casteloforte e o nome de tua família estará arruinado.

— Não me importo com o nome. Quero Luís fora da cadeia antes do baile. Se ele for solto, eu aceito o noivado e te prometo... — Engoliu em seco e fechou os olhos para não enxergar o absurdo de suas próprias palavras: — prometo que nada faltará em nossa casa e que não o desonrarei deitando-me com outro.

— Tu te comprometerás sorrindo? Não quero que os nossos futuros súditos achem que a nova Imperatriz está infeliz. Precisamos de um governante forte e...

— Uma governante, Francis. Eu serei a Imperatriz e tu, mero Consorte. Para isso, Francisco, exijo ver Luís Po'Ala no baile, sem acusações, livre.

— Feito. Agora dê-me um longo beijo apaixonado, minha noiva.

— Depois que Lorde Po'Ala estiver livre — resmungou, irritada, triste, desiludida e colocando a mão entre eles, mas certa de ter salvado o homem que ama. Virou as costas, abriu a porta, fechou-a com força e se foi.

No caminho até a carruagem, Eli chorou. Dentro da carruagem, Eli se desesperou. À porta de sua casa, a Senhorita Casteloforte pensou. *O que será da minha vida? Como jurar fidelidade a quem não amo? Como ter prazer com quem me trouxe a desgraça, a quem me fez perder Luís?*

Mas Lorde Po'Ala estaria a salvo. Limpou as lágrimas, enxugando a mão na saia. Inspirou profundamente, peito estufado, lágrimas abundantes. Solto o ar, desceu o ombro, secou as lágrimas e abriu a porta:

— Mamãe, papai, vou me casar.

CAPÍTULO 15

A Marquesa Anderson tem a honra de convidá-lo para o tradicional Baile de Verão, a ser realizado às 18 horas do dia 08 de dezembro de 1855 em sua Residência de Verão. Trajes finos são mandatórios. O convite alcança os varões Casteloforte.

Eli se vestia como se fosse a um enterro. *Qualquer maldito vestido, não me importo com o penteado, não tenho fome, não quero comer* eram as únicas expressões que usava.

Um mensageiro chegou da delegacia com informações sobre a soltura de Luís. Ela sorriu, e depois guardou o sorriso no coração, no lugar de onde os sorrisos nunca mais saíam. Secou uma lágrima e disse:

— Muito bem. Então hoje é o meu noivado — disse, subindo a escada e trancando-se no quarto.

Do outro lado da Praça, o clima era de festa. Marcelle e sua mãe haviam, pela manhã, comprado vestidos novos e, naquele momento, bebiam cachaça Casteloforte e riam, descontraídas e felizes.

— Vou tomar meu banho, mamãe! Quero rosas, muitas rosas! Preciso estar perfeita hoje! Luís vai precisar de um ombro amigo e eu vou estar lá, ao lado dele, para consolá-lo!

— Claro, minha querida! Estamos salvas!

Uma hora depois, entraram em sua carruagem nova e lustrada, que exibia o brasão da família Arges em um entalhe prateado.

Ace, que observava a casa sentada na Praça do Horto, chamou sua cocheira:

— Eugene, preciso que chames uma mensageira com urgência. Vou ficar aqui no coche esperando-te. Preciso trocar minha roupa.

Em pouco tempo, três bilhetes deixaram o coche levados por uma menina de pouco mais de 10 anos, que correu para fazer as entregas. A carruagem de Ace tomou o caminho da festa, conseguindo chegar pouco tempo depois da Baronesa Arges e sua filha.

— Não consta Esposito na lista de convidadas, senhorita, e apenas os convidados da lista da senhora Anderson podem entrar.

Logo atrás, mantendo a distância exigida pelo decoro, carruagem Casteloforte, quase um cortejo fúnebre. Mudos, atrasados e resignados, vestiam suas roupas novas e sentimentos tristes.

O pai, Charles Casteloforte, limpava o suor das mãos na calça.

A mãe, a Condessa, olhava para a rua suspirando. O bilhete de Ace lhe dera esperanças, mas ainda era um plano arriscado. Dependeria, principalmente, da saúde frágil da Imperatriz e do humor instável de Francis.

As irmãs, Jasmin e Rosa, preparavam-se para seu *debut* na sociedade de Boaventura. Ansiosas, sorriam entre si, alheias aos acontecimentos penuriosos da casa.

Felipe olhava para a irmã mais velha, que olhava para as luvas e para o bilhete de Luís: *Sempre vou te amar. Vamos fugir?*. Quando ela suspirou, todos voltaram seus olhos. O irmão, todavia, voltou a olhar para o pórtico. A carruagem à frente lhe era familiar.

— Esposito — murmurou com um sorriso, enquanto observava os cavalos afastarem-se do portão e pararem na rua ao lado. Viu quando Ace desceu da carruagem e encostou-se no muro. — Menina impossível! — Sorriu.

Tão logo Eugene tirou a carruagem da entrada, o veículo dos Casteloforte entrou pelos gramados e parou.

Do lado de fora, Ace tirou a saia e ficou apenas com a calça que trajava embaixo. Esgueirou-se pelo jardim, perdeu-se no maldito labirinto de senhora Anderson, assustou-se com uma ou duas borboletas, mas conseguiu achar a melhor visão da porta do salão de baile. Uma pena que seu cabelo tenha ficado preso em um galho atrevido e soltado, escorrendo por suas costas, mas ela resolveria isso depois que se vestisse adequadamente. Caminhou até a entrada de serviço, puxou um dos vestidos engomados do varal, alisou-o, prendeu novamente os longos cabelos de groselha em um coque, e entrou.

— Finalmente recebo ajuda! — Exclamou um enorme cozinheiro ao vê-la. — Sirva a sidra aos convidados! A *siá* Imperatriz já está aí e todos precisam estar alegres para adular aquela velha maluca.

Ace riu, sendo fuzilada pelo senhor irritado.

— Muito bem. É perfeito!

Pegou a bandeja e saiu para o salão, mas não sem antes ouvir a cozinheira dizer:

— É a primeira pessoa que comemora servir aqueles estúpidos nobres esnobes. Pobre menina.

Ace sorriu satisfeita. Seu plano estava dando certo.

Do alto da escada principal, Eli esperava que Luís não fizesse nenhuma besteira.

Ou que fizesse uma *bem grande* e os livrasse daquele destino cruel.

Ou que não fizesse *nada*.

Ou que fizesse *tudo*.

Suspirou, enquanto ouvia o nome de sua família ser anunciado e repetia para si mesma que o sacrifício para salvar Luís havia valido a pena.

A Condessa entrou, de mãos dadas com o marido, cumprimentando todos ao seu redor com um sorriso murcho.

Logo atrás do casal, a filha mais velha procurava alguém no salão ansiosamente. Todos voltaram-se para ela e perceberam quando os olhos tristes de Luís e da moça se cruzaram.

Depois, todos viram quando o Príncipe entrou entre eles deliberadamente, segurou a mão de Eli, beijou-a sobre as luvas com leve reverência, depositou um beijo em sua testa e a conduziu para o meio do salão, rodopiando como se a orquestra tocasse unicamente para eles, como se a festa tivesse sido planejada para eles e como se Eli estivesse feliz.

A umbigada iniciou e casais começaram a se formar, antes mesmo do resto da família Casteloforte descer as escadas. A dança era sensual, mas os casais sequer se tocavam. Insinuantes, simulavam carinhos e toques. Poucos homens aceitavam participar e os que faziam, ouviam os burburinhos do salão.

Luís bebeu de um só gole o copo de cachaça de guaraná, fechou as mãos em punhos apertados e caminhou decidido na direção de Eli e do Príncipe, sendo interrompido por Marcelle Arges, que derrubou a própria bebida no rapaz, lhe cochichou qualquer coisa ao ouvido e puxou-o para um dos cantos do salão.

Por fim, depois que as irmãs mais novas já estavam posicionadas ao lado dos pais, aguardando para convidar os solteiros disponíveis, Felipe entrou. Ninguém reparou, mas ele vasculhou o local procurando uma certa investigadora impossível. Ninguém também reparou quando ele deu um suspiro profundo e desiludido, soltando os ombros e dirigindo-se para o mesmo lugar onde Marcelle levara Luís.

Perdido em pensamentos, querendo sentir novamente o aroma de morangos silvestres, apoiou-se na janela, olhando para o jardim e viu a sombra de uma cachoeira de vinho tinto. Sim, eram bem como ele imaginava que seriam no escuro. Longos, cacheados e perigosos. Inebriantes. Embriagantes. Viciantes.

Ele sorriu, certo de ter achado o que sempre procurara e nunca percebera. Seu coração acelerou quando notou que ela saía do meio das folhagens e percebeu suas curvas perigosas bem marcadas em... em... calças?

Dentro do salão, o baile seguia animado. Jasmin Casteloforte, em sua apresentação, olhava veementemente para um rapaz bonito do outro lado do salão. Andou até ele e inaugurou uma conversa, propondo uma brincadeira na qual nenhum dos dois poderia dizer o próprio nome. Alto, forte, elegante e bastante bonito, foi alvo da análise aquilina de Margarida, que acompanhou a filha com os olhos e estreitou-os ao avistar o rapaz com quem ela conversava. Dobrou a cabeça para o lado, encarou-o e perguntou ao filho em sussurro:

— Quem é aquele conversando com Jasmin?

— Senhor Luiz Gama, que irá à nossa casa amanhã. Estive na baralhada ontem. Mudou-se recentemente vindo do Império vizinho. É um homem

inteligente, autodidata. Um dos poucos de Boaventura que sabe ler. Foi vendido pelo pai para cobrir dívidas de jogo, lá no Brasil, mas comprou sua alforria.

— Oh! Coitado. De certo, não é companhia apropriada para Jasmin. Vai até lá e tira tua irmã para dançar ou acompanha até o terraço. Tira Jasmin de perto dele.

— Ora, mamãe, é o primeiro baile dela. Deixai Jasmin conversar com quem quiser. Tenho bons pressentimentos quanto ao Gama.

— Ele nem sequer tem título decente naquele país infeliz... Jasmin precisa de alguém vindo de berço, já que não herdará o Condado Casteloforte.

— Dai-lhe tempo, mamãe. A senhora pode se surpreender com o Gama.

— Não vejo como poderia — disse. Então, suspirou e disse para si mesma: — Essa juventude ainda vai se perder... Um rapaz estudando? O que será de nós!

Então, avistou Ace, segurando uma bandeja atrás da Imperatriz. Franziu as sobrancelhas e percebeu quando Felipe a notou também. Margarida respirou profundamente e apertou os próprios lábios em uma linha fina e constrangida. Seu filho estava enfeitiçado pela maldita investigadora, o que era péssimo.

Do balcão acima do salão, a Imperatriz estava sentada olhando as danças, reparando na relação do filho com Eli.

— Não parecem envolvidos. Não parecem apaixonados, Pietra — disse para a mordomo-mor, enquanto olhava para Eli e Francisco. — Será que estou fazendo o certo?

— Senhora, se me permitis, senhorita Eli sempre foi apaixonada por Lorde Po'Ala. Me causa estranheza esta questão...

— Eu preciso que ele case, Pietra. Sei que Eli não passou a noite com ele. Ela nunca passaria a noite com ele... — Soltou o ar. — Mas achei que ele, pelo menos ele, seria feliz. Não tenho mais uma herdeira e o Império precisa de uma Imperatriz de sangue azul. Para piorar, aquele infeliz jornal sensacionalista lançou a mácula ao nome de Francisco. Preciso consertar isso antes que o problema chegue aos ouvidos dos vizinhos como uma instabilidade da Família Imperial de Boaventura. Não posso arriscar perder o Império para as mãos ardilosas de Teresa ou até pior, se o Brasil realmente resolver declarar guerra. Sabes que eles não reconhecem minha autoridade.

— Entendo, minha senhora. Mas a Duquesa de Terras Altas já está familiarizada com os assuntos do Império e...

— Claro que não! Só por cima do meu cadáver e tenho por certo que ela está rezando diariamente para que eu morra antes que Francisco case! Aquela víbora! Ainda não acredito que João me traiu com ela... Posso apostar que foi ela quem contratou aquele malfeitor para matar minha menina...

— Senhora, não penses nisso agora. Mas se a senhora Teresa não é alternativa, sugiro que não busques sentimentos entre Eli e o Príncipe. Precisarás aceitar, tão somente.

— Eu sei, minha querida. Eu sei.

Margarida viu Ace acenar, levemente, com a cabeça, o sinal para que começasse com o plano, segundo o bilhete. Então, levantou-se e caminhou até a Imperatriz.

— Majestade, estás linda esta noite!

— Olá, Condessa. É uma noite importante, afinal. Estou um pouco cansada, mas acho que ficarei bem após o anúncio. Agora que a dança parou, acho que já está na hora...

— Não gostaria de caminhar um pouco, respirar ar puro no jardim?

— Pode ser uma boa ideia, Majestade — interveio Pietra.

— Sim, sim. Vamos.

CAPÍTULO 16

Boaventura, 8 de dezembro de 1855.

Senhorita Grahane,

Necessito falar-te com urgência. Peço que encontre-me no galho quebrado do jardim Anderson às 22 horas.

Atenciosamente,

S.M.I. Príncipe Francisco Couvier II

Felipe viu quando Ace saiu de trás da árvore e correu para a entrada de serviço. Apertou os olhos para confirmar, mas percebeu que a moça usava calças. *Que coragem!*

— As mulheres deveriam vestir mais calças... Deve ser estimulante despi-las, especialmente de certa investigadora — comentou consigo mesmo.

Assim que a perdeu de vista, voltou os olhos para o salão. Sua irmã mais velha ainda dançava com o Príncipe, que aparentemente lhe tomara todas as valsas da noite. Sua irmã mais nova conversava com meninas de sua idade. Jasmin conversava com Lorde Luiz Gama. E Po'Ala era entretido por uma tagarela Marcelle Arges — ainda que ele não parecesse estar ouvindo nada do que ela dizia. Buscou Ace e, então, a avistou, servindo sidra atrás da Imperatriz, trajando um dos vestidos dos vassallos da Casa Anderson.

— Não posso negar sua coragem e persistência. A moça sabe investigar... — Murmurou para si mesmo.

Distraído com sua bebida, caminhou lentamente pelo salão, sempre encarando os cabelos de fogo aprisionados em um coque. Viu, então, quando a valsa parou e o Príncipe retirou-se do salão em direção ao jardim. Logo depois, notou quando aquele sedutor corpo esguio o seguia.

Senhorita Esposito? A perspicaz senhorita Esposito..., pensou e esgueirou-se atrás dela sentindo o aroma de morangos silvestres deixar um rastro à sua frente. Tudo que ele conseguia ver eram os cabelos de morango presos em um coque e o belo corpo de Ace escondido em roupas de servente.

O Príncipe parou em um dos bancos do labirinto florido, próximo ao muro.

Ace escondeu-se no corredor de trás. De repente, sentiu mãos acariciando suas costas e assustou-se, caindo. Quando levantou os olhos, duas bilhas negras perfeitas a encaravam. Em silêncio, perdeu-se nos olhos dele, enquanto o rapaz mantinha-se parado ao seu lado espreitando-a como um falcão, encurralando-a. Ele estendeu a mão para ajudá-la a se levantar e, aproveitando-se, puxou-a para si.

— Lorde Felipe, por favor, soltai-me! — Implorou Ace, contorcendo-se para afrouxar o abraço atrevido do rapaz.

— Não sei por que deveria — ele cochichou, tão perto do pescoço dela que os arrepios subiam e desciam por seu corpo.

Por seus corpos, em verdade, porque ele também sentia as mesmas sensações com ela — só não as refreava. Impetuoso, Felipe arrebentou o primeiro e o segundo botões da roupa da moça, expondo seu colo a um olhar desejoso. Um pequeno pendente em forma de punhal adormecido sobre os seios volumosos da moça atraiu o olhar dele, que quis — e como quis — tomar o lugar daquele objeto.

Ace o empurrou, sem muita convicção, quase puxando-o para si. A luta entre sua vontade e suas possibilidades era árdua e, certamente, o impossível era o mais provável.

Sentiu a cabeça de Felipe pender para frente e roçar, novamente, aqueles pelos parcos da barba em seu pescoço, inalando ferozmente.

Meu Deus, pensou Ace.

Com um esforço desesperado, ela tentou se soltar. Ele a puxava, afundando o rosto no jardim de morangos frescos que era o corpo dela e depositava beijos desestabilizadores em seu pescoço. Ace sentiu o perfume dos cabelos do rapaz, aquele veludo negro que lhe fazia cócegas. A inebriante mistura de charutos e Felipe.

— Por favor, não... — suplicou, ofegante, enquanto suas entranhas diziam um veemente sim.

Ela realmente chegou a ter dúvidas quanto às palavras que dissera, porque em seu peito, apenas o sim ressoava.

Sim, ela poderia se desvencilhar facilmente daquela investida. Era Ace Esposito, afinal de contas. Mas a verdade é que ela vinha sonhando com aquele momento desde a primeira vez que viu o rapaz. Ace não queria sair daquele abraço. Ela queria mais. *Muito* mais.

Felipe a beijou. Invadiu toda a sua resistência com maestria e volúpia, instigando reações exageradas do corpo da moça e uma miríade de sentimentos em seu peito. Ela não interrompeu — correspondeu como se a vida dependesse daquele momento. Sentiu as mãos de Felipe escorregarem por seu corpo, apertarem suas nádegas, levantarem suas saias e puxarem suas coxas. Sentiu quando a pressão do interior da calça dele quase a penetrou. Desejou cada pedaço daquele corpo. Apertou os braços dele, como quis fazer desde que ele a tocou pela primeira vez.

Ace permitiu que todo o seu corpo retribuísse aquele beijo intenso e pensou que, naquele momento, seria enforcada por desvirtuar um rapaz de família com o qual não poderá casar. Ela iria possuí-lo ali, no jardim, de pé. Ela ia desvirginar um Lorde que, bom, não parecia exatamente inexperiente. Ela iria tomá-lo para

si e... Não! *Ele* a estava tomando. *Ele* estava agindo e seduzindo-a.

Ofegante, Felipe interrompeu o beijo e deixou a moça escorregar de volta ao chão. Respirações misturadas, ele passou a mão pelo rosto dela e iniciaram uma conversa cochichada.

— Linda... Tu és linda e eu te desejo com toda a intensidade do meu ser, como nunca desejei nenhuma outra mulher em minha vida.

— Tu és um rapaz de família, Lorde Casteloforte. Não é correto eu fazer isso com o senhor...

— *Eu* estou fazendo, Ana. Desde que te vi pela primeira vez, eu quis fazer. E hoje, finalmente, eu fiz — sussurrou sorrindo. — Fiz e quero fazer de novo e de novo e de novo...

Felipe começou a aproximar-se novamente para beijá-la e ela, então, colocou a mão entre eles.

— Não podemos, Lorde Casteloforte — disse Ace, sem muita certeza. Naquele instante, o querer e o poder estavam tão distantes que chegava a doer a ela afastá-lo daquela forma.

— Teu perfume de morango me enfeitiça. Exatamente como eu suspeitava, quanto mais próximo de teus seios, mais intenso é o cheiro — murmurou, enquanto uma das mãos que a segurava pela cintura subia até encontrar o decote da moça.

Ace voltou a si e lembrou-se que a Imperatriz e a Condessa já deveriam ter deixado o salão.

— Lorde Casteloforte...

— *Felipe*... Chama de Felipe quando estivermos a sós, quando formos apenas Felipe e Ana — sussurrou.

E ela percebeu, naquele momento, o quão proibido e perigoso era aquele jogo. Percebeu que nunca seria mais do que sua amante e ela não admitiria ser tomada como amante. Lembrou da proposta que o pai fizera à mãe. Lembrou que ele era filho de uma Condessa e ela era apenas órfã. Inspirou mais uma vez aquele perfume de Felipe, colocou a mão no cabelo e puxou a folha de prata, que mais parecia um espeto afiado, encostando na jugular do rapaz.

— Tira as mãos de mim *agora* — ordenou, baixo e firmemente, encostada ao ouvido dele.

— Mas o que...

Ele a soltou. E uma discussão se instalou do outro lado do jardim.

CAPÍTULO 17

Boaventura, 8 de dezembro de 1855.

S.M.I Príncipe Francisco,

Necessito falar-vos com urgência. Peço que encontrai-me no galho quebrado do jardim Anderson às 22 horas.

*Atenciosamente,
Elizabeth Graham*

Francisco estranhou o bilhete de Elizabeth, mas atendeu-o mesmo assim. Ela ia estragar tudo, aquela menina ambiciosa! Eles não tinham mais o que conversar. Elizabeth deveria estar longe àquelas alturas. Ele já havia entregado-lhe o dinheiro, ela havia cumprido sua parte no acordo e deixado Eli desacordada na cabana, aos cuidados de Manuel. O que diabos poderia querer?

Sentado no jardim, escutou sussurros. Tentou olhar, mas não queria ser descoberto. Parecia a voz de Felipe Casteloforte, aquele enxerido. Manteve-se quieto, esperando o casal indiscreto sair do jardim de volta ao salão. *Onde estava a maldita senhorita Graham?*

Elizabeth estranhou o bilhete de Francis. O que poderia ter acontecido? Será que o plano falhara? Não era para receber nenhum bilhete. Deveria estar a caminho do Brasil, com Ramón — se ele tivesse aceitado seu pedido. Mas o pernicioso Príncipe acabou lhe dando uma excelente oportunidade: ela o esnobaria. Era hora da vingança. Ela faria ele ouvir cada insulto que lhe proferiu, cada vez que lhe chamou de escória, cada dia que lhe ignorou. Ela, filha de uma Grã-duquesa injustiçada e irmã do Imperador Consorte condenado à força por algo que não fez, era melhor do que ele. Ela, que deveria ser Grã-Duquesa, estava farta da nobreza de Boaventura.

Quando chegou próximo ao ponto de encontro — um pedaço falho no muro da propriedade Anderson — assobiou.

— O que tu queres, Elizabeth? — Sussurrou Francis para o muro. — Não vai dizer que te arrependeste? Quer mais dinheiro, infeliz gananciosa? Vai embora da Vila! Vai, vai! Pega seu prostituto e vai embora! Não preciso mais de ti, imprestável!

Elizabeth precisava acabar com o Príncipe, chamar atenção para as falcatruas dele antes que Eli o pedisse em casamento, fazer com que todos ouvissem. Isso não estava nos planos! Sua amiga não poderia ser obrigada a casar com o detestável Príncipe. Ela não tinha culpa dos defeitos da mãe! E, naquele momento, gritou, perdendo a compostura. Gritou com toda a força de seus pulmões para quem quisesse ouvir:

— Francisco, trata-me direito! Eu posso acabar com teu plano! Tu me

chamaste porque quer mais ópio? Vai matar de vez a Imperatriz? Seu imbecil! Vais matar a Imperatriz? Vais matar a Imperatriz com uma dose intolerável de veneno? Não posso te dar mais veneno! Eu não quero matar a Imperatriz! Tu queres! — Berrava.

— Cala-te, infeliz! Cala-te ou podes ser ouvida! Foste tu que me enviaste o bilhete!

Barulhos de folha anunciaram a presença de outras pessoas.

— Vá embora, ordinária! Tu podes ser ouvida e eu estarei arruinado!

— Tu achas que nunca será descoberto? Ela vai descobrir! A Imperatriz vai descobrir seu plano imundo! — Gritou, novamente, uma irritada Elizabeth. — Ela vai descobrir que tu armaste para Eli!

— Ela acha que está doente! Eu, o filho dela, estou cuidando dela!

— Seu idiota, quanto tempo tu achas que ela demorará a perceber seu engodo?

— Francisco Couvier!

Era isso.

Uma voz enérgica, grossa, potente emergia do jardim como um urso muito nervoso. E, bom, era a voz da Imperatriz.

— Ma-ma-mamãe?

A farsa foi descoberta. As farsas foram descobertas. A Condessa Casteloforte havia levado, junto à Imperatriz, Ladies Anderson e Silver. Todas ouviram e não tinham como negar.

Eli, Luís, Marquesas, Duquesas, Condessas e todas as nobres dos Impérios vizinhos que foram chamadas para a grande comemoração do noivado do Príncipe, do noivado que não ocorreu, e terminaram fofocando sobre o escândalo do jardim, sobre a tentativa de assassinato da Imperatriz, sobre o conluio para comprometer a senhorita Casteloforte. A reputação do Príncipe estava, de fato, arruinada.

A festa nunca mais foi esquecida.

Elizabeth sumiu, rindo de gargalhar, correndo pela rua e celebrando a vitória. Tinha conseguido, finalmente, acabar com Francisco.

E Felipe? Quando deu por si, só havia um cheiro de morango. Ace havia partido.

CAPÍTULO 18

*Minha senhora,
Condessa Casteloforte,*

A máscara do Príncipe Francisco será desvelada no jardim da festa. Ao meu sinal, preciso que leves o máximo de pessoas para presenciar a conversa do mesmo com senhorita Elizabeth Graham. Não é possível comprovar por matéria, mas eles se encarregarão de fornecer-vos o testemunho. Cuidado com a Casa Arges. Peço-vos que envie o pagamento para o Ramón, no Clube 5. Estou partindo de Boaventura.

*Saudações,
Ana Carolina Esposito de Fue
La Princesse de Fue
Capitã da Nau Maria d'Além Mar*

A confusão ainda estava instalada quando Felipe correu pelo jardim rastreando o cheiro de morangos maduros e buscando as longas mechas cor de vinho as quais ousara tocar. Não havia nenhum sinal de Ana. Da senhorita Ana Carolina Esposito. Da linda, cheirosa e... *Perigosa*? Ela havia encostado alguma coisa pontuda em seu pescoço? Não importava. Ele a havia beijado e isso parecia puramente certo, como se aquele fosse o seu lugar. Achou-se naquele momento — descobriu-se e perdeu-se naquele beijo. Não poderia deixa-la ir; nunca mais a deixaria ir.

Parou em um chafariz localizado bem no centro do enorme jardim labiríntico e sentou-se, coçou a cabeça, passou os dedos nos lábios carnudos — e inchados — levantou-se e foi procurar a carruagem da moça. Não estava mais lá. A perspicaz senhorita Esposito havia partido.

Saiu da propriedade e caminhou sozinho rua afora. Nada mais importava. Felipe precisava encontrá-la. Mas a busca foi em vão. Ana sumira no ar e, com ela, o cheiro de morangos e o coração do jovem. Cansado, suado, desanimado e desarrumado, voltou para o coche de sua família, onde ficaria até que partissem da festa.

— Felipe, volta agora para a maldita festa! — Ordenou a Condessa batendo na porta da carruagem.

— Não estou apresentável para bailes, *Condessa* — ironizou.

— Não fale assim comigo! Não tenho culpa de tuas sandices! Volta agora. Victoria Anderson está esperando a dança que lhe prometi.

— *Eu* não prometi nada. Bem sabes que não danço.

— *Eu* prometi, menino, e o que sei é que tu aprendeste a dançar no Brasil. Volta agora. Veja lá se isso tem sentido: *filho da Condessa Casteloforte corre atrás de investigadora pelo jardim Anderson em pleno baile de verão?* O que isso fará com o nome da família?

— Como sabias que eu estava atrás da investigadora?

A Condessa calou-se e olhou para o filho, empertigado com um conhecimento que a mãe não deveria ter. Um longo e eloquente silêncio depois, Felipe falou.

— Não voltarei ao baile. Estou indo, a pé, para casa.

— Não seja ridículo! Tu vais fazer o que eu mandar. Eu sou a Condessa Casteloforte!

— Não posso me casar com Vitória! Não a desejo, não a vejo desta forma. É apenas uma menina com quem brinquei na infância. Vou me casar com a senhorita Esposito — afirmou categoricamente, convencendo a si mesmo da certeza da decisão e tentando buscar esperanças na própria fala.

Naquele momento, decidiu que, assim que a visse novamente declararia seu amor e juraria fidelidade. Ele a veria, nem que tivesse que passar o dia na Praça do Horto.

— Felipe, meu querido, nem toda união é baseada no amor. Muitos casamentos têm uma base ainda mais sólida: o bem comum. Unir dois títulos e fazer algo grandioso. Ademais, tu não conheces a moça! Há muito sobre ela que tu não sabes.

— Sim, sim, é investigadora de teu precioso escritório...

— E como tu sabes que ela é investigadora? — Perguntou a Condessa de olhos arregalados. — Bem, não importa. Ela não é mulher para o filho da Condessa! Já Victoria, tu conheces, respeitam-se e convivem em paz. O resto é construído. A base sólida da família Anderson e o título de Vitória te proporcionarão uma vida confortável. Tu foste educado para ser um marido respeitado e honesto. E é isso que serás.

O rapaz calou-se. Calou a voz, mas não o peito. Ele queria Ana, mas naquele momento, não conseguiria discutir com a mãe. Voltaria para o salão e, quando estivesse com Vitória, diria que não poderiam se casar.

Arrumou a casaca ao longo do caminho, usou o lenço de bolso para secar o suor que teimava em escorrer pelo seu rosto e deu uma última olhada no jardim, deixando pender os ombros. Inspirou profundamente e podia jurar ter visto um brilho prateado ao longe, mas recusou-se a acreditar que era a pequena e perfumada senhorita Esposito.

— Lorde Felipe, acompanha-me em uma dança? — Perguntou uma voz feminina atrás dele.

— Peço-te desculpas, senhorita Anderson, mas não danço.

— Se bem me lembro, eras um exímio dançarino de valsa...

— Há muito tempo, senhorita Vitória.

— Pois bem... Ficarei a vosso lado, então. Podemos conversar, o que achas?

Felipe ficou ali, ao lado de Vitória, imaginando o momento em que teria coragem para contar-lhe tudo. Ele era o filho da Condessa, afinal, e certas atitudes deveriam ser tomadas apenas depois de muita reflexão.

Obviamente o fato de a Marquesa Anderson ser dona do Clube 5 o deixava um pouco mais tranquilo. Quem seria ela, então, para julgar o amor dele? Mas a exuberante figura ao seu lado não sabia da vida paralela da mãe. E seria Marquesa algum dia.

Como um bem-criado cavalheiro, ouviu todos os desejos da moça e aspirações. Seu ardor pela Medicina, seu desejo de mudar-se de Boaventura. Eventualmente, Felipe sorria ou anuía ou piscava solenemente. Por algumas vezes, maneou a cabeça. Por outras, suspirou — entediado, ansioso ou tão somente cansado do assunto. Quando Vitória parou de falar para beber um pouco do vinho servido, ele inspirou profundamente, tomou coragem e desagouou.

— Realmente há coisas que preciso dizer-te — começou e, sem interrupções, contou tudo, desde os dias com Maurice até o momento em que percebeu-se apaixonado.

Deixou de lado o constrangedor momento em que sentiu uma ponta afiada encostada em seu pescoço, narrando o evento no jardim como um *breve ósculo*. Ele não se preocupava com sua honra; apenas achava que certos assuntos eram íntimos demais para tratar com alguém que não esteja diretamente envolvido.

Bom, isso e a consciência de que o ósculo em questão havia realmente sido breve *demais*, muito mais breve do que ele queria. Ele falava e ela respondia laconicamente, perdendo o último fio de esperança de tê-lo ao seu lado.

Ainda atônita por tudo que tinha ouvido, Vitória escusou-se e saiu de perto. Felipe acompanhou a amiga com os olhos por um tempo e, aliviado, viu os primeiros movimentos da dança dela com o filho da Marquesa Silver. Quando sorriram um para o outro, ele soube que sua amiga de infância ficaria bem. Nunca houve nenhuma faísca entre eles e tanto um quanto o outro sabiam disso.

Encostado na janela, ouviu fofocas, o anúncio antecipado do noivado de Eli e Luís — feito pela própria Imperatriz, um tanto energicamente — e notou o sumiço eloquente de Francisco. Ouviu quando a Baronesa Arges foi nomeada para presidir a Corte das Seis e notou o semblante atônito de sua mãe nesse momento. *Estupefata*.

Viu sua irmã mais nova conversando com o senhor Gama, tenso em sua roupa de baile como se estivesse algemado, tenso como se nunca houvesse usado aquelas roupas. E realmente não havia. De nobre, apenas o sangue bastardo. *Sortudo*, Felipe pensou. *Pelo menos ela não vai sumir como a senhorita Esposito*.

Mas a verdade é que Ace não havia sumido. Havia ouvido cada grito de

Felipe chamando por ela e sentido pontadas no próprio coração. Escondida nas sombras do labirinto, viu o rapaz caminhar até o local onde sua carruagem estivera e, depois, entrar no coche da própria família.

Ela quase se arrependeu de tê-lo deixado para trás. Chegou a ir até a carruagem Casteloforte, mas parou quando ouviu a Condessa se aproximar. Encostada na roda de trás, ouviu parte da conversa. A parte que mais lhe interessava.

— Não posso me casar com ela! Não a desejo, não a vejo desta forma. É apenas uma menina com quem brinquei na infância. Vou me casar com a senhorita Esposito — retrucava a voz firme de Felipe. A moça levou a mão ao peito para conter as palpitações e suspirou profundamente.

— Há muito sobre ela que tu não sabes — a Condessa retrucou.

E Ace teve que concordar em silêncio. O mar era sua casa desde que sua mãe morrera. Do pai, que nunca conheceu, sentia certo orgulho: havia proclamado a independência do Império do Brasil e, até sua morte, havia sido Imperador. Mas ele queria sua mãe apenas como uma amante; e foi assim até ele conhecer certa Marquesa. Grávida de Ace, *La Reine de Fue* partiu definitivamente para o mar em 1826, não regressando à América do Sul. Morreu amando, sem nunca se sentir amada.

— O amor traz dor, minha filha — dizia à Ana, fazendo-a prometer que nunca passaria pelo mesmo sofrimento.

Do lado de fora do salão, ela viu quando Felipe entrou, admirou sua silhueta sob a luz amarelada e notou a presença de Vitória Anderson ao lado dele.

Pela primeira vez, Ace sentiu o peito doer como se uma espada realmente estivesse enfiada em seu coração. Pela primeira vez, sentiu medo e correu para casa. Ofegante, chegou com a pena de metal dos cabelos ainda na mão. Tremia. Eugene a olhou, espantada, e puxou-a para dentro fechando a porta veementemente atrás de si.

— Ace, o que houve?

— Não sei, Eugene. Não sei... Preciso beber... Ou comer... Ou tomar um banho... Ou de Ramón...

— Ou dormir, minha querida. Acho que precisas mesmo é dormir — completou a cozeira, mais amiga do que criada. — Senta no sofá. Farei uma bebida quente para ti.

Ace obedeceu, porque não podia fazer mais nada, porque não conseguia mais pensar em nada além da vontade de se esconder na sua *casa* na cidade de verão. Obedeceu porque Eugene era sua própria *sahira*.

Pouco tempo depois, Eugene entrou trazendo uma garrafa de cachaça e

nenhum copo.

— Beba tudo. Toda a garrafa. Ria muito, durma pesadamente, acorde com enxaqueca. Mas esqueça do rapaz.

— Como sabes?

— Sei agora — respondeu, dando de ombros. — Era um palpite. Tu deves ter visto o filho da Casteloforte. A minha única dúvida é: o tomastes para si?

— Não! Sabes que não desvirtuo rapazes honestos, muito menos nobres!

Eugene soltou o ar.

— Mas quiseste, como nunca quiseste nada antes?

Ace ficou muda, olhando para a amiga sem saber por onde começar. Eugene abriu a garrafa, passou para Ace e voltou para a cozinha. Quando já estava longe, ouviu Ace gritar.

— Sim. Oh, meu Deus! Sim! Como queria tê-lo tomado para mim. Aqueles olhos, aqueles lábios pecadores, aquele corpo... Ele me encurralou, Eugene! Eu tive que resistir! Ele me beijou! Como ele poderia saber beijar, Eugene?! Ele não poderia, não é? Fui eu quem o beijou? Eugene, o que eu fiz?

— Não fizestes nada, bem sabes disso. O rapaz é viajado, Ace. Ele deve conhecer algumas coisas.

— Tu achas que ele já foi deflorado?

— Não sei, Ace. É uma possibilidade bem forte, não é? Ele morou com o senhor Maurice, frequentou a Escola para Todos...

— Pode ser... Algo nele sempre me intrigou... Mas o que eu fiz, Eugene? Não posso beijar o filho da Condessa! Não faço parte desse mundo!

— Ace, minha capitã, lembra do diário de Klar Grahman, que líamos no navio quando todos iam dormir? Ela sabia que Julianne morreria de rancor. E tua mãe? Não quero esse destino para ti, minha amiga. Beba, Ace. Conversaremos amanhã. Tu és a mais nobre de todos deste lugar. És filha de um Imperador com a Rainha do mar. Tu só não queres que eles saibam! Beba, minha querida.

— Quero ir embora, Eugene. Quero voltar para o mar o quanto antes. Vai, agora, e mande-os prepararem tudo. Zarparemos em dois dias.

— Pois bem, Ace. Se é assim que tu queres, irei. Mas tu ficas aqui, ouviste bem? Não saia! Não faça nenhuma besteira!

Eugene se virou e saiu. Ace olhou a garrafa, olhou a porta, olhou novamente para a garrafa e saiu também.

— Veja lá se vou ficar trancada nesta masmorra! Eu? Jamais serei trancafiada!

Ace deixou seu casebre e caminhou com a garrafa na mão até a porta da Casa Casteloforte, onde ficou sentada boa parte da noite olhando as janelas.

Escondida nas sombras da Praça do Horto, viu quando a carruagem entrou,

quando todos desceram, quando Felipe desembarcou e quando o rapaz fechou as cortinas do quarto. Ace percebeu quando a vela que iluminava o cômodo foi bruxuleando até apagar de vez, notou uma silhueta esguia escondida sob finas cortinas de seda.

— Ah, como eu queria estar neste quarto... — Pensou alto.

— Fazendo o quê? — Perguntou-lhe uma voz.

— Ramón? O que fazes aqui?

— O clube está fechado hoje por conta do baile. É minha noite de folga.

— Não quis ir ao baile de tua mãe?

— Não estava com vontade de usar roupas e fingir-me nobre. Sou apenas Ramón, do Clube 5, fruto de uma paixão proibida e consequência de uma pessoa arrependida.

— Oh, querido, tu és meu querido amigo... E és filho da Marquesa Anderson, uma das mulheres mais poderosas de Boaventura!

— Minha mãe é covarde, querida Carolina. Sequer usa o próprio nome no Clube do qual é dona, nunca me reconheceu em público e nem sequer me apresentou à minha irmã.

— Não penses nisso — disse a moça, passando a mão no cabelo do rapaz e dando-lhe um beijo fraterno na bochecha. — O que fazes aqui?

— Vim vê-la assim que Liz me contou o que aconteceu. Passei em tua casa, mas estava vazia. Imaginei que estarias aqui. Tua operação foi um sucesso, então. O Príncipe foi desmascarado e Elizabeth partiu para o Brasil — lamentou.

— Vou voltar para o mar, Ramón.

Ramón sentou-se ao seu lado e aquietou-se. Abraçou a amiga, tomou-lhe a garrafa da mão e bebeu com ela. Então, não resistiu:

— Estás mesmo apaixonada pelo filho da Condessa Casteloforte, pois não?

— Não me apaixonei, Ramón, não sejas tolo. Estou aqui apenas pensando sobre a reportagem de amanhã tratando do escândalo da família Casteloforte — completou, na vã esperança de iludir o amigo.

— *Señorita* Carolina, nos conhecemos há alguns anos. Conheço cada detalhe do teu corpo e cada ruga de tua alma. Posso afirmar, com certeza, que estás apaixonada. Ele sabe quem és?

— Acho que sabe. Ouvi ele dizer para a mãe que sou investigadora. A máscara de repórter já não me cai mais tão bem... — Sorriu, desoladamente.

— E sobre o navio? Ele sabe quem tu és de verdade?

— Não. Só tu conheces minha identidade. Bom, a Condessa sabe também. Escrevi no bilhete que enviei para ela no baile. Não sei bem o *porquê* de fazer isso, para ser honesta... Acho que eu queria fazê-la engolir aquela soberba toda.

— Conta para ele, Ana. Ele precisa saber. Permita-lhe decidir. A separação

é deveras dolorida, minha querida, acredite.

Ace encostou a cabeça no ombro do amigo e fechou os olhos. Pouco tempo depois, Ramón a despertou do sono breve.

— Minha querida Carolina, precisamos ir embora. Está para amanhecer.

Antes de partir, Ace inspirou e olhou para a casa Casteloforte. Felipe estava lá, parado na janela fitando-a. Por um longo espaço de tempo, talvez um ou dois minutos, se olharam — encararam-se como se pudessem se ver.

— Tu achas que ele consegue me ver a esta distância, Ramon?

— Creio que não, mas é melhor irmos.

Felipe estreitava os olhos. *O que ela faz ali com aquele rapaz?*, pensou, acompanhando o trajeto da moça com o olhar antes de voltar-se para o próprio quarto e deitar na cama — na enorme e gélida cama vazia — e sonhar com o momento em que lhe professaria os sentimentos.

CAPÍTULO 19

Aurora Perdida

Coluna Final

Boaventura, domingo, 9 de dezembro de 1855.

Em minha longa carreira neste periódico, sempre orgulhei-me de fazer parte de um seleto grupo que conhece os fatos antes de todos. Algo estranho ocorreu no baile. A confusão do jardim, muito mal contada, encerrou o assunto Francis-Casteloforte-Po'Ala. Não houve anúncio de noivado. Do Príncipe, pelo menos. Desejo muito amor ao casal do momento, Senhorita Eli Casteloforte e Lorde Luís Po'Ala, filho da Duquesa Po'Ala, pela aguardada, questionada, quase acabada e, então, confirmada união. Sim, o baile será inesquecível. O que será do Príncipe Francisco Couvier II? Será que a Condessa fará sua defesa? Será que o livrará da pena por traição? Questiono, todavia, o que levou Lorde Felipe Casteloforte a vagar sozinho pelos labirintos gramados da Casa Anderson. Alguns juram que ouviram-no chamar por Ana. Quem é Ana, afinal? E por que Ana fugiu dele?

*Uma curiosa repórter investigativa
Agora sem prestígio e sem trabalho,
Mudando-se para o Império do Brasil*

Felipe desceu as escadas, no domingo pela manhã, antes de toda a família. Foi direto à ala dos empregados e bateu na porta do quarto de Antoine.

— Antoine, preciso achar a senhorita Esposito.

— A investigadora? Se me permite, Felipe, não creio que devas...

— Eu *preciso*, Antoine. De qualquer maneira. E se tu não me ajudares, irei sozinho de casa em casa até encontrá-la.

— Pois bem. Sabes que não deixarei fazeres isso. Vou mandar Petico se informar na cidade e no Clube 5.

— Sim, sim, mande teu filho. Preciso achá-la!

Tão logo os acertos foram feitos, o movimento para o café da manhã começou a ser ouvido. Sentados à sala de convivência, a Condessa e seu Consorte conversavam sobre os prejuízos da reportagem.

Quando todos os filhos estavam à mesa, ela disse:

— Nós partimos hoje para a Casa Casteloforte. Arrumem vossas coisas — determinou, indicando com a mão para que se retirassem. Jasmin permaneceu à mesa, reclamando veementemente.

— Precisamos abafar essa notícia sensacionalista! O casamento de Felipe com senhorita Anderson não pode ser comprometido — continuou irritada, a Condessa.

— Mamãe, mas eu conheci um rapaz — choramingava Jasmin.

— Chega, Jasmin! Tua temporada mal começou. Podes conhecer outros tantos rapazes mais apropriados à filha de uma Condessa do que um filho do Brasil — sentenciou. E virando-se para o valete de Felipe, completou: — Antoine, desmarque o compromisso de Felipe com os cavalheiros esta tarde.

Iremos embora antes do almoço.

Para si própria, resmungou:

— Como vou fazer a Marquesa esquecer a cena do jardim? Como, meu bom Deus? — Olhando para o céu, saiu do cômodo.

Jasmin, então, apelou para a sensibilidade do pai:

— Papai, me ajude! Quero pedir para cortejar o senhor Gama. Ele será um ótimo marido e sei que sempre poderemos conversar. Ele é bonito, honesto e caridoso. Sei que cuidará bem da casa e de nossos filhos.

— Minha querida, tu te encontraste com ele apenas uma vez ontem e conversaram pouco mais de uma hora. Precisas escolher com esmero seu Consorte. De mais a mais, não conhecemos a família dele. Felipe o conhece um pouco melhor. Tu podias ir até o quarto de teu irmão e...

— Ah, papai, o conheço suficientemente bem. Ele mora só. Veio de outro Império. Parece-me que era filho de uma escrava e...

— O pai dele também era escravo?

— Não! O pai dele era um nobre que o vendeu como escravo também... Ele pareceu-me um rapaz tão bom... É certo que entende muito de Direito... Será que fez faculdade?

— Tua mãe não vai gostar nada deste menino... Desista, minha filha. Creio que devas procurar outro noivo, e somente quando for a hora. Tu nem fizestes faculdade ainda!

A partida da família foi organizada para aquela mesma manhã. Na despedida, Felipe disse à mãe que Antoine ficaria na cidade para providenciar o cancelamento do jogo marcado para aquela tarde. Para o amigo, ele disse:

— Estou aguardando, Antoine. Mandai-me qualquer notícia que tiveres.

Na segunda-feira, a Condessa andava irritadíssima pelos corredores de seu escritório, não só pelas fofocas com o nome de seu filho e a misteriosa Ana — e que ela sabia bem de quem se tratava —, mas pelo crime do Príncipe. Margarida precisaria conversar com a Imperatriz sobre as atitudes a serem tomadas quanto à Elizabeth Graham e como tratar a exoneração do Príncipe pela tentativa contra a mãe sem causar comoção pública. Jamais poderia condenar o rapaz à força. Isso mataria, de vez, a Imperatriz.

— O sumiço dele ainda vai trazer-me problemas. A lei deveria ser aplicada a todos, afinal... — reclamava para si mesma. — Quero falar com Ace. Envie uma nota ao Clube 5. E as advogadas, todas estão prontas? — Perguntou a Castilho.

— Pois não, senhora. A auxiliar nova, Flores, responsável pelo processo da Marquesa Silver, trouxe as pesquisas.

— Pois bem — encerrou a discussão, grosseiramente caminhando em frente

ao auxiliar que sequer fazia outros comentários.

E, assim, entregando a bengala e seu chapéu ao rapaz, caminhou para a sala, onde uma estranha assistente a aguardava.

— Senhorita Flores, bom dia.

— Senhora, bom dia. Aqui estão as pesquisas que fiz. Saio para o fórum em meia hora. A senhora precisa de mais alguma coisa?

— Gostaria de ouvir o resultado assim que possível.

— Pois não, senhora. Mas, se me permitir, gostaria de ir direto para casa depois da audiência e preparar um relatório adequado para vos entregar na primeira hora amanhã.

— Sim, sim... Pois bem. Amanhã, então, sobre minha mesa na primeira hora.

Flores saiu para a audiência e Margarida ficou acompanhando seu caminhar ribombante e pesado. Franziu os olhos e sentiu o rosto queimar. Algo não estava certo com Anabele Flores. E ela não poderia contar com Ace para descobrir o que era.

À tarde, naquele mesmo dia, um comunicado vindo do Clube 5 informava à Condessa que a senhorita Ana Carolina Esposito não estava disponível.

— Como assim *não está disponível*, senhor Castilho? Eu exijo a presença dela! Ela não pode ter partido ainda!

— Minha senhora, o bilhete que recebi de Ramón diz apenas que a moça não está mais em Boaventura.

— Ela partiu? Aquela mandraqueira partiu? Como ela pôde ser tão vil?

— Vil, senhora? — Questionou Castilho.

— Ora, senhor Castilho, não tens mais nada a fazer? Sai de minha sala! — dispensou-o com um abano de mãos.

Assim que a porta foi fechada, Margarida Casteloforte ficou de pé e olhou pela janela. O movimento em frente à Casa de Suplicação não era comum, ainda que fosse esperado; exigiam a condenação do Príncipe. Mas a cabeça da advogada estava em outro lugar.

— Bom, é melhor mesmo que a infeliz tenha partido. Assim, Felipe volta para o caminho — murmurou, enquanto acendia a vela vermelha de seus antepassados. — O pior já passou. Já passou. Preciso que me ajudes com o futuro, vovó Tima. Preciso muito de vossa luz!

Fechando os olhos, começou a rezar e dançar, balançando os braços quando sabia estar recebendo as bênçãos da avó falecida.

CAPÍTULO 20

Casa de Terras Altas, terça-feira, 11 de dezembro de 1855.

M.C.,

Escrevo para contar-te que o Príncipe foi exonerado pelo Tribunal de Súplicas. O momento está propício para que os planos prossigam e tu possas retornar a Boaventura. Finalmente cumpri meu destino e Maria pode voltar. Só Deus sabe o que sofri quando levei a menina do berço. Agora, finalmente paguei a promessa que fiz aos espíritos e eles cumprirão a parte deles: Boaventura será um Império mais justo. Parto para Portugal na próxima semana. Creio que o menino Casteloforte tenha se apaixonado pela investigadora — não conheço outra Ana. Tentei atrair a atenção da moça no jornal, mas receio que não renda frutos doces. Crês que será um problema?

Teresa de Terras Altas

Duquesa das Terras Altas

— Senhor, a senhora Teresa mandou uma mensagem. Agora que a investigadora desmascarou Francisco é o momento ideal para iniciarmos o golpe. A Condessa está desestabilizada porque teve que acobertar a fuga do Príncipe...

— Sim, sim, mas preciso de Felipe. Ele apaixonou-se pela investigadora?

— Creio que sim, meu senhor.

— E onde ela está?

— Não sei, meu senhor.

— Temos os nomes para o Conselho?

— Felipe, Gama e Antoine são os indicados. Estamos com problemas, todavia, com as mulheres. Temos apenas a Duquesa de Terras Altas, ninguém mais, e ela não desistiu de viajar para Portugal. A senhora Pietra não poderá compor o Conselho Consultivo, pois assumirá o Poder Julgador.

— Não conseguimos Klar Graham?

— Está mesmo doente da cabeça, senhor.

— Ainda custo a acreditar que a *sahira* de sinhá Julienne perdeu a sanidade. É uma mulher de honra, senhora Graham. E a menina dela trabalhou bem, conseguiu convencer Francisco da armação para casar com Eli e a todos os demais com a atuação primorosa no baile... E veja como foi astuta adicionando doses elevadas de camomila aos remédios da Imperatriz? Enganou a todos, inclusive à Duquesa Po'Ala e os médicos que ela consultou. Francisco achou que a mãe morreria e acreditou no sucesso de seu plano. Não deve ter sido fácil imitar o ópio... Não podemos aproveitá-la?

— Ela irá para a Faculdade, meu senhor. Está instalada na casa de campo da Duquesa de Terras Altas.

— Ela deixou as pistas de forma triunfal para a investigadora de Margarida. Bom, e a ajuda de Marquesa Anderson no Clube 5 foi fundamental. Podemos

aproveitá-la? Ela poderia deixar o Clube para o filho. Já não tem mais idade para bancar a Madame Susane por aí... E Ramón é um homem bom... Aceitou a proposta de casamento de Elizabeth?

— Não, meu senhor. Ele teme a Marquesa... O senhor não acha que deveria ter instruído a investigadora sobre nosso plano?

— Não. Tenho por certo que este foi o melhor caminho. Veja o problema agora: Felipe parece enamorado dela e não sabemos nada sobre ela, além do fato de ela ser investigadora! E por que só podemos falar com ela através do menino de Anderson?

— Não sei, senhor. E sobre a Condessa?

— Margarida comanda o Império, mas este foi apenas o primeiro golpe. Ela precisava sentir o gosto amargo das próprias leis. Precisava sentir o peso de ter que lutar pelo Príncipe, mesmo sabendo que ele cometeu crimes contra a Imperatriz. Margarida precisava sentir na pele o tamanho do problema.

— Ela sofreu muito na vida, senhor.

— Eu sei, meu caro. Eu sei... Mas talvez Gama possa convencê-la agora e não seja preciso irmos em frente.

— Acho difícil, senhor. Ele irá à Residência Casteloforte por estes dias.

— Pois bem. Vamos torcer para o caminho melhor ser tomado. Enquanto isso, chame a Marquesa Anderson para termos uma conversa. É tudo que temos nesse momento... Mande o convite ao próprio Clube 5. Se aquele acomodado do marido dela colocar as mãos, pode pôr tudo a perder.

— Como queira, meu Lorde. E como está vossa saúde, senhor?

— Estou melhor. Obrigado. Os remédios de Graham amenizaram as tosse e reduziram a febre. Preocupo-me com Felipe, todavia. É um rapaz influente, mas deveria noivar de senhorita Victoria. Seria uma boa aquisição ao movimento.

— Não creio que Victoria Anderson seria uma boa aquisição. Seu interesse é assumir a Casa de Cura. Ela acompanha a Duquesa Po'Ala em quase todos os atendimentos.

— Muito bem. Envie a convocação para todos os nossos. Precisamos elaborar o levante ainda esta semana, no caso de Margarida não nos apoiar e aproveitando a fragilidade da Imperatriz.

— Não seria mais simples levarmos Maria de volta, como a filha que foi achada e retornou?

— Maria não terá forças com o Concílio das Seis para mudar a Constituição. Precisamos movimentar a corte, incitar o povo a reclamar e seguir o exemplo de Po'Ala.

— A prisão de Luís foi mesmo necessária?

— Sim, meu caro. Precisávamos manter a veracidade dos fatos para convenceremos todos na cidade que Francisco era um impostor. E precisávamos, também, do apoio popular. Conseguimos, afinal. São apenas alguns percalços em nome do bem maior.

— Certo, senhor.

— Castilho?

— Sim, senhor?

— Tu és casado com a Princesa de Boaventura, somos companheiros de luta e assumirás o governo cooperativo de Boaventura. Podes chamar-me apenas de Maurice.

CAPÍTULO 21

Aurora Perdida

Boaventura, terça-feira, 11 de dezembro de 1855.

A discriminação é uma forma covarde encontrada pela classe dominante para manter calada a classe dominada. Através da invenção de limitações sexistas e não científicas, uma mesma raça se diferenciou e dividiu. Criaram-se padrões que, uma vez impostos, cegam, cerceiam e limitam. Negros são escravizados, indígenas são sacrificados e, em Boaventura, homens são menosprezados – assim como as mulheres em outros países. O ideal libertário da querida Imperatriz Julienne foi abandonado, sua ideologia de igualdade foi retorcida. Fugimos do machismo para cair em seu extremo oposto. Buscamos o humanismo. Sem dominantes e dominados temos escolha.

Por que o Príncipe não foi punido por tentar matar a Imperatriz? A lei não se aplica a ele? Por isso, o Aurora Perdida conclama os concidadãos dominados – homens e mulheres, brancos, negros e índios, mulatos, mamelucos, cafuzos – a questionar a atual Carta Constitucional de 1832 e promulgar uma nova lei, igual para todos. Por uma escola que ensine a todos. Por um governo que veja a todos.

Pela liberdade, pela igualdade!

Maurice Casteloforte

Repórter

— Ele está absolutamente louco! — Gritou Margarida. — Como Maurice pode sujar nosso nome com estas infâmias? Ele está se aproveitando da fragilidade da Imperatriz e da absolvição do Príncipe! Ele é o repórter deste jornaleco!

— Acalma-te, Margarida. Pode não ser tão ruim.

— Como, Charles? Como não é tão ruim? Tu não leste? Ele está incitando o povo a lutar contra Clara. Ele me colocou em uma péssima posição! Eu terei que advogar contra ele pela defesa da integridade do Império. Ele será acusado de traição e a pena para traição é a morte!

— A pena para todos, menos para o Príncipe, que foi absolvido mesmo tendo envenenado a mãe! Isso não se trata da senhora, mamãe — disse Felipe, que permanecera mudo durante todo o café da manhã. — Somos pessoas, homens, tratados como idiotas. Não temos a divisão por cor, mas temos a divisão por sexo. Não podemos votar, não podemos estudar, não podemos sequer frequentar a faculdade. Não temos voz porque não somos ouvidos.

— Cala-te, imediatamente, Felipe Casteloforte! O tempo na casa de teu tio não foi uma decisão acertada. Ele influenciou a ti, encheu tua cabeça com ideias... Ideias... Ideias... Ideias insanas! É isso! Ele está louco e está levando-te com ele para a forca. Fica fora disso!

A campanha da casa anunciava a chegada de um inesperado convidado, a oficial de justiça.

— Sinhá, a oficial de justiça entregou esta intimação a Lorde Felipe.

— Felipe? O que houve? — Perguntou retoricamente a Condessa, puxando o papel da mão do mordomo e dispensando-o com um aceno. — Maurice foi preso e Felipe está sendo convocado para depor amanhã à tarde.

Felipe sorriu.

— Irei com prazer.

— Tu não podes ir! Sou advogada do Império e, certamente, serei eu a interrogar-te!

— Ora, ora... Será ainda mais interessante — debochou o rapaz, aumentando a ira da mãe.

A discussão prosseguiu, mas a cabeça de Felipe estava em outro lugar. Naquela tarde, todavia, tinha um compromisso urgente. Logo depois do almoço, ele e Antoine deixariam a residência Casteloforte em um coche de aluguel, dizendo à mãe que iriam visitar Lorde Gama para um jogo de baralho. A Condessa havia concordado, imaginando que Felipe estaria cada vez mais afastado da ideia de um enlace com a repórter.

Bom, isso foi antes de receber a intimação. Agora, ela interrogava-o como se já estivessem no Tribunal. E custou muito a acreditar nas palavras dele. Insubordinado, Felipe deixou a casa pela porta da cozinha, rumando para certa casa de pedras encrustada em meio de jardins e flores.

Em pouco mais de uma hora, chegaram ao local. Antoine apressou-se para descer e pediu à Felipe que aguardasse dentro do veículo.

Ao bater na porta, Eugene abriu — e ambos permaneceram em silêncio por breves segundos.

— Eu sou... — Começou Antoine.

— Antoine Gomes, valete do senhor Felipe Casteloforte — completou a moça. — Posso ajudá-lo?

— Estou procurando a senhorita Esposito. Ela se encontra?

Antes que a moça respondesse, Felipe desceu correndo do coche.

— Senhorita Ana? Senhorita Ana?

Ouvindo os gritos, Ace, que arrumava os baús para partir, saiu da casa, vestindo suas insinuantes calças com uma bota feita de couros e peles.

— Lorde Felipe, o que fazes aqui?

— Preciso ter com a senhorita. Por favor, não suma novamente.

— Não posso sumir. Esta é minha casa.

— Compraste a casa de Amelie de Feu? Escolha interessante... — Comentou Antoine, voltando o olhar para Eugene, que arqueou uma sobrancelha, desafiando-o a concluir seus raciocínios.

— Por favor, senhor Antoine, acompanhe-me para um café na cozinha. Creio que a senhorita Esposito e Lorde Casteloforte tenham alguns assuntos a

encerrar — disse finalmente Eugene, enfatizando a última palavra e olhando diretamente para Ace.

Ana e Felipe se encaravam enquanto os outros dois entravam pela casa. Limpando a garganta, Felipe sugeriu, oferecendo o braço a moça que, relutantemente, aceitou.

— Lorde Felipe, não podemos continuar com isso. Não sou nobre, não podemos ficar juntos. Tu tens deveres com o Império de Boaventura e eu, em breve, partirei para outro lugar.

— Partirá? Tu não podes partir! Por que tu irás? Para onde irás?

Ace silenciou. Não podia dizer-lhe quem era.

— Conversa comigo, Ana.

— Lorde Felipe, eu...

— Felipe. Chama, a mim, de Felipe.

— Não podemos continuar. Somos pessoas de mundos diferentes e objetivos ainda mais distintos — disse Ace, sentando-se em uma enorme pedra no meio da vegetação.

Felipe sentou-se a seu lado e passou a mão pelos longos cabelos cacheados da moça, que afastou-se. Ficaram em silêncio por alguns minutos constrangedores.

— Lorde Felipe, não podemos ser vistos sozinhos aqui. Pode comprometer vosso nome.

— Não ligo para meu nome, Ana. Não mais — disse, desviando o olhar.

A Terra parecia ter parado, porque a distância que os separava era longa demais, como a espera de uma recompensa muito ansiada. Ou devia estar rodando ainda mais rápido, porque cada *segundo* afastados era um *minuto* perdido.

Felipe queria tocá-la, abraçá-la, aquecê-la. Ace queria se deleitar em cada pedacinho daquele doce de cacau.

— Ana, eu não me importo com títulos — ele começou a falar. Sem olhá-lo, Ace respondeu.

— Mas a sociedade se importa, meu Lorde.

— Por favor, estou começando a odiar esta palavra. Não sou teu Lorde, Ana. Diga apenas Felipe. Quero ser teu Felipe — ele falou olhando para ela, buscando seus olhos, seu sorriso.

— Não posso, senhor. São as regras que vós conheceis muito bem. Eu uso cinza, vós se vestes com todas as cores. Não entro em festas... Bom, pelo menos não pela porta da frente. Não posso me casar com um nobre e...

— Casar? Tu pensas em casar comigo? — Perguntou o rapaz, sorrindo e esperançoso.

Ace suspirou. Finalmente, olhou para ele.

— Não penso em *casar*. E é justamente por isso que não podes ser visto aqui comigo, que não posso arriscar vossa reputação. Não sou leviana, senhor, tampouco irresponsável. Conheço meu lugar precisamente — disse levantando-se. — Parto amanhã pela manhã e creio que nunca mais me verás.

Sacudindo as folhas da calça, limpou-a com alguns tapas e, quando levantou os olhos, encarou duas ônix penetrantes sobre pérolas reluzentes. Sim, era ele, de pé sorrindo para ela.

— Parei de ouvir na parte que disseste a palavra casar. Nada mais me interessou depois disso — ele falou, permitindo que ela sentisse o hálito de vermute com bolo de chocolate.

—Lorde Felipe... — ela ensaiou dizer, mas sentiu ele começar a se mover lentamente.

Estranhando, Ace o encarou.

— Quando eu estava no Brasil, aprendi uma dança. Nunca dancei com ninguém, mas desde a primeira vez que te olhei, quis dançar contigo.

Envolveu a cintura dela e, deslizando como uma cobra, passou a mão por seus quadris, cantarolando. Ele se mexia e tudo que Ace conseguia sentir eram calafrios e arrepios. A floresta foi se fechando, abraçando-os e acolhendo-os na intimidade do momento.

— Eu nunca dancei com ninguém — ele repetiu, enquanto movia-se por trás dela e puxava-a para seguir o mesmo movimento.

—Lorde Felipe, isto, esta dança, este movimento... Isto não pode estar certo.

— Felipe. Me chame de Felipe — sussurrou e, sem esperar qualquer resposta, puxou-a em um beijo ardente, um beijo que jamais dera em outra mulher e, sim, ele tinha experiência com mulheres intensas, voluptuosas, fogosas. Tivera muitas experiências no Brasil, nas muitas visitas que fez acompanhando seu tio Maurice para conhecer culturas diferentes, para entender o que não deveria ser almejado e o que poderia ter conseguido.

Surpresa, Ace correspondeu com todo o seu corpo e toda a sua alma. Entregou-se a ele e recebeu tudo o que ele tinha para lhe dar. Felipe segurou-lhe os cabelos e puxou-a ainda mais para perto. Entre bocas e suspiros, ele dizia:

— Ana, minha Ana...

E ali, no berço de uma densa floresta, escondidos por árvores e protegidos por flores, eles fizeram amor — e, depois, deitados na relva, abraçados e em silêncio, refizeram o clichê até a lua começar a nascer.

— Teu cabelo muda de cor... — Ele disse, repetindo algo que já havia dito antes.

— Como?

— Teu cabelo é formado de magia. Ele assume diferentes tons conforme a luz... Não sei se consigo todos estes tons em óleos de pintura.

Ela sorriu.

— Sou ruiva. Tão somente ruiva.

— Não. Os cachos têm cor de morangos de manhã, carmim no crepúsculo e, agora, assumiram um tom saboroso de vinho... Na rua, tinham cor de fogo.

Ela sorriu, imaginando o que ele diria se soubesse quem ela é de verdade e a ironia daquelas palavras. Ela quis contar. Ainda embebida com a dança, os carinhos e as palavras, ela quis contar.

— Imaginei que seria difícil tirar tua calça, de tão acomodada que estava ao teu corpo. Um molde perfeito de tuas curvas — disse, sorrindo e encarando-a. E ela lembrou da mãe, que usava aquelas mesmas calças quando zarpava. Lembrou das promessas que fez e lembrou de seu lugar, o mar.

— Ana, eu...

— Por favor, Lorde Felipe, precisamos voltar — interrompeu a moça, tocando-lhe os lábios com suavidade.

Se vestiram em silêncio — um silêncio massacrante que fazia tremelicar o coração de Felipe. Ele tinha muito o que dizer, mas muito medo do que poderia ouvir.

Ao chegarem no casebre, Eugene e Antoine conversavam sobre a reportagem e riam descontraidamente. Ace invejou sua amiga que poderia amar livremente.

Despediram-se, prometendo um encontro tão logo a audiência findasse. Quando eles estavam suficientemente distantes para ouvi-las, Ace falou para Eugene por sobre o ombro:

— Arrume as coisas rapidamente, Eugene. Vamos embora agora.

Mas quando o coche sumiu no horizonte, uma sombra saiu da floresta.

— Ramón, o que fazes aqui?

— Lorde Maurice foi preso, conforme o plano dos revolucionários.

— Sim, e no que isso me diz respeito? Ele sequer confiou em mim para o levante...

— Lorde Felipe... Eles não imaginavam que Lorde Felipe seria chamado. Deve ser preso amanhã, na saída do Tribunal.

— Mas a senhora Pietra não está apoiando com os revolucionários? Creio que eles acreditem que serão liberados pelas ordens dela...

— Acho que ela traiu a todos e está do lado da Imperatriz.

Ace calou-se e olhou a própria casa.

— Estou indo embora, Ramón — disse, enfim.

— Se o levante falhar, Felipe será enforcado junto com Maurice Casteloforte e todos os envolvidos. Tu podes salvá-los, Ace!

Ana olhava para Ramón e para Eugene, que anuiu a qualquer pensamento que a capitã tivesse. Depois de anos juntas, a comunicação entre elas era cada vez mais simples. Ace inspirou profundamente.

— Tu deverias chamar tua tripulação...

— Minha tripulação? Mesmo se eu enviasse uma convocação a todos com urgência, chegariam somente amanhã à tarde ou depois, se viessem sem descanso. São 500 mulheres e mais de 150 homens. O deslocamento deles não é simples. Outra nau sob meu comando deve ter chegado ao porto ontem, o que nos trará mais 600 pessoas. Mesmo assim, não tenho tempo para trazê-los.

— E se tu fores como a filha de Amelie de Feu?

— Não posso aparecer lá...

— Mas tua figura causará mais efeito do que teus homens... O Império foi construído sobre a lenda de tua mãe, de Lady Julianne e da *sahira*. Lady Julianne faleceu e a *sahira* não faz mais uso de suas faculdades mentais. Por favor, Ace. Todos os envolvidos serão enforcados, inclusive minha Elizabeth!

— Preciso pensar, Ramón... Não posso encarar Felipe novamente. Não tenho coragem depois do que aconteceu ainda agora. Nós... — Engasgou nas próprias palavras. Nunca tivera vergonha de assumir seus amores, mas desta vez era diferente. Ela queria preservar o Lorde.

— Eu sei, minha amiga — comentou Ramón, batendo levemente no braço de Ace. — Estava chegando quando ouvi barulhos na floresta. Não pude sair sem chamar atenção e... Bom, preferi esperar...

— Oh, tu viste?

— Viste o quê? — Perguntou Eugene, curiosa com o rumo da conversa.

— Lorde Felipe seduziu Ace com o lundu — disse Ramón, sorrindo, e deixando o rosto de Ace da cor dos próprios cabelos. — E que umbigada, minha amiga, que umbigada!

CAPÍTULO 22

Boaventura, quarta-feira, 12 de dezembro de 1855.

Maurice,

Creio que o plano siga como planejado. Tentarei convencer a Condessa a aprovar nossa reforma legislativa, ainda que ache que será infrutífero. Ela jamais admitirá seu erro e jamais admitirá que um advogado homem pode ser competente. Tentarei.

Seu amigo,

Luiz Gama

Na quarta-feira de manhã, o clima era tenso. Todos pensavam no depoimento de Felipe — e ele lembrava da tarde do dia anterior, sorrindo.

A campainha tocou e o mordomo da Casa Casteloforte anunciou a chegada de Luiz Gama. Jasmin levantou eufórica, correndo para o espelho sob o aparador para ajeitar-se.

— Lorde Gama! Ele veio ver a mim, papai! Viu?

— Desculpe interrompê-la, senhorita Jasmin, mas Lorde Gama pediu para ver Lorde Felipe — disse o mordomo. Felipe levantou os olhos para ele e disse:

— Obrigada. Peça a ele que me espere no jardim e...

— Não — interveio a Condessa. — Mande-o entrar e aguardar na biblioteca. Quero conhecê-lo.

— Mamãe, tu não o intimidarás! Eu realmente gostei dele! — Suplicou Jasmin.

Pouco tempo depois, Margarida entrou na sala seguida por Felipe.

— Minha senhora, é uma honra... — disse Luiz, sutilmente cumprimentando-a com uma reverência.

— Essa voz... — Falou a Condessa, interrompendo-o. — Olhe para mim, rapaz... Eu conheço esta voz grave...

Gama levantou a cabeça sem hesitar e encarou Margarida.

— De onde o conheço? — Perguntou.

— Não creio que tenhamos sido adequadamente apresentados, Condessa. Me chamo Luiz Gama, sou advogado do Império do Brasil.

Neste momento, Jasmin entrou na sala, elegante e pausadamente, seguida pelo cachorro, que correu para fazer festa em meio às pernas do convidado.

A Condessa olhava-o e analisava-o. Apertou os olhos, tentando reconhecê-lo. Sua filha, encantada, dirigiu-se a ele:

— Lorde Gama, que honra revê-lo — disse estendendo a mão para ser beijada. Suavemente, o rapaz tocou os dedos da moça e beijou-os, olhando para ela e sorrindo.

— Jasmin, Felipe, saiam da sala! Preciso falar a sós com este senhor.

Percebendo a irritação na voz da mãe, os dois deixaram a sala, prostrando-se atrás da porta fechada para ouvir a conversa.

— O que significa isso, rapaz?

— Desculpe, Condessa, não estou entendendo vossa pergunta.

— Achou mesmo que eu não fosse descobrir vossa farsa, senhor Gama. Ou devo dizer *senhorita Flores*?

Gama sorriu.

— A senhora não me decepcionou, Condessa. — Disse, sorrindo. — Vim até aqui hoje para vê-la, de fato. Conversar sobre a prisão de Lorde Maurice e sobre as possibilidades do Império de Boaventura. Gostaríamos de contar com vosso apoio para as mudanças que estão por vir.

— Não haverá mudanças! Eu sou a guardiã da Constituição e continuarei cuidando para que seja cumprida integralmente. E a prisão de Maurice não vos diz respeito, rapaz. Agora vá.

— Por quê, senhora? — Perguntou o rapaz, com cinismo.

— Sou uma pessoa justa, senhor Gama. Reconheço vosso trabalho na audiência da senhora Silver. Mas a Constituição de Boaventura é clara: homens não podem exercer cargos femininos. E advogar é um desses cargos.

— Então, minha senhora, como podes ser justa? Vistes que sou um bom advogado. Consegui a improcedência contrariando toda a jurisprudência. Sou bom e sou homem.

— Este é precisamente o problema, senhor Gama. Vós, homens, creem que são melhores que nós.

— E a senhora está certa em crer precisamente o contrário? Justiça não é equilíbrio, minha senhora?

Margarida silenciou, mas estava irritada. Nunca fora tão aviltada e enganada por um homem. Mas não havia, de fato, argumento para vencê-lo. O rapaz, então, voltou a falar.

— Estou voltando para a Casa de Suplicação, senhora, para negociar a liberação de Lorde Maurice. Gostaria que a senhora, a grande Condessa advogada, me acompanhasse.

— Sou advogada do Império de Boaventura, rapaz, e Lorde Maurice violou a lei ao incitar a população a levantar-se contra a Imperatriz. Ele será condenado por sua estupidez. Sugiro que volte ao Império do Brasil e... E tu não podes advogar em Boaventura!

— Se me permitirdes interromper, senhora Casteloforte, a Constituição é feita para o interesse do Império e o Império são os cidadãos, não a Imperatriz. Buscamos a justiça para todos. O Príncipe atentou contra a vida da Imperatriz e foi absolvido por seu sangue imperial. Lorde Maurice escreveu uma matéria em

um jornal... — Insinuou, deixando que a própria Margarida concluísse o pensamento. — Pense nisso, senhora. O que faz Francisco ser melhor que Maurice? — Maneou a cabeça e deixou a casa.

Felipe aguardava Gama na porta da Casa Casteloforte.

— Meu amigo, conforme planejamos, teu tio foi preso e precisamos de todos na porta da Casa de Suplicação. Temos poucas pessoas... A Duquesa de Terras Altas nos aguardará no Tribunal e tua mãe, como previmos, não nos apoia.

— E a Princesa Maria virá com Castilho?

— Não. Eles chegarão com a confusão instalada, ao meu sinal, como a luz aos desesperados. Não podemos colocá-la em risco.

Despediram-se e Felipe voltou para casa, de onde se preparou para o depoimento.

No pequeno casebre de Amelie de Feu, Ace vestia-se como a capitã da nau *Maria d'Além Mar* e dirigia-se para a porta da Casa de Suplicação, onde uma multidão exaltada levantava as armas que podia — desde cabos de vassoura até facas de cozinha — enfrentando a Guarda Real. Não haveria necessidade de se revelar a ninguém, muito menos a Felipe. Poderia, apenas, impor sua presença firme apoiando o levante.

Pelo menos foi o que achou...

Encostada em uma das árvores no meio da multidão, ele a viu. De longe, a pena de prata prendia cabelos vermelhos. A moça vestia uma espetacular calça justa, botas negras e tinha os olhos marcados de preto. Cobrindo-lhe as curvas que ele bem conhecia, viu uma casaca vermelho escura, permeada por um cinturão dourado. Ele viu uma faca presa à perna. Viu uma pistola. Era uma arma *Blunderbuss*? Viu o lenço no pescoço dela e a figura imponente que Ace representava.

Felipe sentiu as palpitações. Arrastado pela Guarda para dentro da Casa de Suplicação, o rapaz não deixava de pensar que sua Ana, naquele momento, parecia realmente *feita de fogo*.

CAPÍTULO 23

Proclamação da República de Boaventura

13 de dezembro de 1855

Concidadãos!

O Povo acaba de decretar a deposição da dinastia imperial e consequentemente a extinção do sistema imperial representativo. Como resultado imediato desta revolução nacional, de caráter essencialmente patriótico, acaba de ser instituído um Governo Provisório, cuja principal missão é garantir a ordem pública a liberdade e o direito do cidadão. Para comporem este Governo, enquanto a Nação Soberana, pelos seus órgãos competentes, não proceder a escolha do Governo definitivo, foram escolhidos os cidadãos abaixo assinados. O Governo Provisório, simples agente temporário da soberania nacional, é o Governo da paz, da fraternidade e da ordem e promete e garante a todos os habitantes de Boaventura nacionais e estrangeiros, a segurança da vida e da propriedade, o respeito aos direitos individuais e políticos, salvas, quanto a estes, as limitações exigidas pelo bem da Pátria e pela legítima defesa do Governo proclamada pelo Povo. Fica dissolvida a Corte das Seis e todos os títulos nobiliárquicos outrora conferidos. O Governo Provisório reconhece e acata os compromissos nacionais contraídos durante o regime anterior, os tratados subsistentes com as potências estrangeiras, a dívida pública externa e interna, contratos vigentes e mais obrigações legalmente estatuídas.

Maurice Casteloforte

Maria Couvier

Júlio de Castilho

Teresa de Terras Altas

Luiz Gama

Felipe Casteloforte

Elizabeth Graham

Do alto de sua varanda, a Imperatriz tentava entender o que acontecia dentro da Casa de Suplicação. Ouvindo os gritos do lado de fora, percebeu quando sua guarda foi acionada e escutou, claramente, a briga que se instalara. Escutou os tiros e percebeu que o centro comercial de seu Império estava tomado por todas as cores. *Como podiam usar todas as cores? Era proibido aos vassalos!*

Alguém — que ela não sabe quem era — lhe entregou o manifesto da República, o qual ela leu, com espanto, a parte onde o nome de sua filha aparecia listado. Quem estaria distribuindo estas piadas infames? Quem estaria reabrindo esta ferida em seu peito? Maria estava morta! Um mercenário a matara!

Voltou-se para dentro da tribuna, onde Margarida Casteloforte era uma advogada diferente. De frente para seu irmão depois de 20 anos, não conseguia formular perguntas.

A Imperatriz impediu que o levante entrasse na Casa de Suplicação, impediu que as palavras do povo chegassem ao seu Conselho de Justiça, agora formado por Sophie Arges e Pietra Castro.

Felipe entrou seguido por uma guarda e sentou-se de frente à Imperatriz e à

senhora Pietra, juíza do caso e mordomo-mor da Imperatriz Clara, que voltou-se à Margarida e perguntou, de sobranceiras arqueadas em dúvida:

— Vós conduzireis o interrogatório, Condessa?

— Sim, Imperatriz.

E, voltando-se para o filho, iniciou:

— Lorde Felipe Casteloforte, onde o senhor estava quando Lorde Maurice fundou a Escola para Todos, em 1833?

— Era recém-nascido, senhora, creio que te lembras.

— Quem foi seu preceptor na Escola de Rapazes?

— Lorde Silver.

— Lorde Silver tem alguma relação com Lorde Maurice Casteloforte?

— Creio que não, senhora.

— Tu és MC ou JC, as siglas que assinam o infame jornal?

Vendo o rumo do interrogatório, Felipe maneou a cabeça para a mãe — ela estava conseguindo afastá-lo da figura de Maurice.

— Responda o que te é perguntado, rapaz, apenas o que é perguntado — ordenou a Imperatriz que, mancomunada com a Condessa, pretendia livrar o menino da pena de enforcamento. Era uma dívida de honra, por tudo que Margarida fez para livrar Francisco da mesma pena.

— Não sou, senhora. Eles são...

— Apenas o perguntado! — Gritou a Condessa. E prosseguiu: — Pois bem... Digníssima e justíssima senhora Pietra, não sendo comprovada a relação de Lorde Felipe Casteloforte com as mentiras veiculadas...

— Pare, mamãe. Eu faço parte do movimento que pretende resgatar os valores da Imperatriz Julienne Couvier! — Gritou, chocando a todos e sendo aclamado por uma onda de palmas insolentes.

— Cala-te Felipe! Tu não sabes o que falas!

Mas ele disparou o falatório, acompanhado de gritos inflamados daqueles que assistiam.

— A Constituição da Imperatriz Julienne foi rasgada e seus ideais foram abandonados. Homens não podem estudar, pessoas não têm direito de escolher as cores que querem usar. Sinhá Julienne não queria isso quando chegou a esta terra! Ela queria que todos fossem respeitados por suas próprias qualidades, queria um governo justo e não gerido por uma déspota!

— Tu estás me chamando de déspota, menino? Não piores tua situação! Estou tentando ajudar-te em nome da amizade de tua mãe! — Afirmou a Imperatriz, ficando de pé.

— Ora, minha cara Imperatriz, todos sabemos que o governo de Boaventura é exercido por minha mãe. Ela é a déspota — afirmou, causando nova comoção

geral de gritos e palmas quando apontou para a mãe.

Discorreu, por mais um bom tempo, sobre a Constituição elaborada por Margarida Casteloforte. Falou sobre a condenação à forca de João Grahán, mesmo sem provas, e a condenação do mercenário pelo suposto assassinato de Maria Couvier, mesmo sem um corpo. Comparou com a absolvição do Príncipe, que tentara matar a Imperatriz. Falou sobre a justiça no enforcamento de Maurice Casteloforte. Questionou a razoabilidade das leis, sua incoerência e desequilíbrio. Advogou, pelo tio, como o rábula treinado que era. Seu professor, Luiz Gama, sentado atrás dele, sorria orgulhosamente. Por outro lado, sua mãe, Margarida Casteloforte, não sabia o que sentir — um misto de orgulho e ressentimento tomou conta da advogada, que finalmente via um substituto para seu escritório.

Um substituto que nunca poderia assumir.

Ouviam-se gritos de insatisfação do lado de fora e um tiro. Era o sinal para encerrar seu discurso com uma triunfal revelação:

— MC e JC são Maria Couvier e Júlio de Castilho, os jornalistas responsáveis pelo Aurora Perdida.

— Não sejas tolo, Lorde Casteloforte! — Interrompeu a Baronesa Arges, até então calada e sem acesso ao manifesto republicano. — Todos sabemos que a princesa foi morta por um mercenário!

— Tens certeza, minha cara Baronesa? — Uma voz feminina empostada ecoava na Tribuna. E, causando comoção geral, a Princesa Maria entrou, acompanhada do marido, Júlio de Castilho.

— Mamãe? — Ela perguntou, dirigindo-se a uma assustada Imperatriz.

— Maria? És mesmo tu, minha menina?

Afogada em lágrimas, a Imperatriz não conseguia mover-se.

— Sim, mamãe. Sou eu. Lorde Casteloforte me criou longe de Boaventura, longe da contaminação deste lugar. Não morri, mamãe. Fui levada, depois da aprovação da Constituição, para ser criada em um lugar de iguais! Nunca acharam meu corpo, mamãe, tu não sabes disso? Klar Grahán não aprovava as alterações que a Condessa propunha! Então, inventaram que meu pai teve um caso com a Duquesa de Terras Altas e ele foi assassinado!

— Não é possível! Isso não é possível! João foi enforcado porque me traiu com Teresa...

— Nunca! Ele nunca traiu! Meu pai era um homem honesto, justo!

— Mas tu... O mercenário foi condenado... Quem te levou?

— Jamais direi! Mas eu estou viva, mamãe, tu não me vês? E eu estive na cidade muitas vezes, mamãe. Acompanhei teus cortejos, sempre vestida com as cores do povo. Sou um deles, mamãe.

— Mentira! — gritou Margarida Casteloforte, estupefata pela presença da Princesa e pelo rumo que o assunto tomara.

— Ora, mamãe, tu querias mudar a nova Constituição e Klar Grahane estava no caminho! Tu precisavas tirá-la da Corte e usou o Imperador Consorte para chantageá-la. Tu convenceste a Imperatriz a destituir Klar Grahane do título de Grã-Duquesa quando acusou, sem qualquer prova, o filho dela de traição! — Gritou Felipe. — O sequestro de Maria foi a última medida, para assegurar, pelo menos no futuro, uma sociedade igualitária, como queria sinhá Julienne!

— Cala-te, Felipe! — Esbravejou a mãe, que começava a sentir o título de Condessa escapar pelas mãos.

— Como tu pudeste, Margarida? Tu me fizeste crer que Klar... Tu me fizeste acreditar que Maria tinha morrido! Tu me fizeste acreditar que seria em vão continuar as buscas! Tu! E tu, Sophie Arges? Sabias disso?

— Senhora, eu... Eu... Margarida me prometeu... — Gaguejou a Baronesa.

— Imperatriz, eu posso explicar... — Disse Margarida.

— Calei-vos! Retirai-vos do Tribunal!

— Mas, Imperatriz... — Margarida começou e, olhando para o secretário, perguntou: — Senhor Castilho, o que significa isso?

— Príncipe Consorte, senhora Condessa. Se fazes tanta questão de títulos, se eles são tão importantes para a senhora, preciso vos dizer que o senhor Castilho, Lorde Castilho, é meu marido — repreendeu-a Maria.

— Não entendo... Ele trabalhava para mim...

— Cala-te, Margarida! Já mandei tu saíres daqui! Saia! Tu não és mais Condessa!

Dali para a frente, a confusão só aumentou. Argumentos e desaforos foram ouvidos de ambos os lados, o que só comprovava que a razão — e a falta dela — independem de qualquer condição e situação.

Felipe Casteloforte aproveitou a balbúrdia instalada para sair e procurar Ana. Não a achou, mas sentiu quando uma mão forte lhe segurava o braço.

— Lorde Casteloforte?

— Sim?

— Me chamo Ramón e gostaria de falar-vos sobre a senhorita Ana Carolina.

— Ramón? O filho bastardo da Marquesa Anderson?

— Sim, meu senhor. Mas não temos tempo a perder... A senhorita Ana Carolina foi embora.

— Embora?

— Sim, senhor. Ela é filha de Amelie de Feu, *La Reine de Feu*, e é a capitã da nau *Maria d'Além Mar*, que estava ancorada no porto de Tucunaré. Ela é *La*

Princesse de Feu.

— Como? Do que estás falando? Capitã? Filha de Amelie de Feu? — Perguntou um incrédulo Felipe, que juntava as peças naquele momento.

— Não posso explicar-vos tudo, sob pena de o senhor não conseguir achá-la. Precisas correr, se quiser alcançá-la antes que chegue ao navio. Ela partirá e o senhor não a verá mais... Nunca mais!

De longe, Felipe viu Eugene, que conversava com Antoine encostada no coche de Ace.

— Senhorita Eugene? Onde está a senhorita Ana? Ou *La Princesse* ou seja lá como a chamais?

— Ace foi embora, Lorde Felipe. Mas se o senhor cavalgar pela estrada de terra rumo ao sul, creio que encontre o navio ainda ancorado. Mas corra. A capitã partiu há algumas horas e, quando ela decide, ninguém a dobra.

Ainda atordoado, selou um cavalo qualquer e disparou, insanamente, sentindo os pensamentos fluírem. Vendo-o partir, Antoine sorriu e ofereceu o braço à Eugene. Juntos, caminharam para o meio da confusão.

— Tu achas que ele chegará a tempo?

— Não sei, meu querido. Não sei... Mas queria muito que Ace fosse feliz.

— E eu desejo o mesmo a ele.

EPÍLOGO

A uma passante
A rua em torno era um frenético alarido.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.
Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,
A doçura que envolve e o prazer que assassina.
Que luz... e a noite após! – Efêmera beldade
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,
Não mais hei de te ver senão na eternidade?
Longe daqui! tarde demais! “nunca” talvez!
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!

([Charles Baudelaire](#). *As Flores do mal*. Edição bilíngüe. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985: p. 361.)

Todos no navio estavam animados para a volta da capitã, 2 anos depois. Finalmente o *Maria d'Além Mar* voltaria a navegar e impedir o comércio de pessoas; fosse ele legalizado ou não pelos países. A Lei Eusébio de Queiroz não havia saído do papel e Ace tinha que agir. Finalmente, a imponente frota tornaria ao mar, impondo sua suntuosidade e derrubando negreiros que ousassem cruzar suas rotas.

Por que ela demorara tanto, ninguém ousaria lhe perguntar. E por que não trazia Eugene, sua co-capitã e braço direito, também era um mistério. Se o motivo não fosse muito bom, *La Princesse* jamais deixaria *La Génie*.

A capitã era uma pessoa enérgica, mas honesta. Impiedosa, mas justa. Fria, mas amorosa. Era uma coleção de contradições que fazia da nau corsária uma lenda do mar.

Desde que o *Maria d'Além Mar* passou ao comando de Julienne Couvier, o comércio escravista nunca mais foi o mesmo.

Mas foi Amelie, *La Reine de Feu* e mãe de Ace, entretanto, quem conseguiu influenciar o governo do maior importador de pessoas da época, convencendo o Imperador de que o sangue de suas veias era da mesma cor do sangue que escorria pelas feridas dos escravos.

Mas a apaixonada Amelie submeteu-se às humilhações do posto de amante e foi surpreendida com a notícia de que o referido Imperador conhecera certa moça, depois feita Marquesa, que aceitou o encargo com gosto.

Grávida, *La Reine* voltou ao mar. Somente quinze anos depois, em batalha,

faleceu, deixando o posto de capitã para a filha, *La Princesse de Feu*, e mantendo seu co-capitão, José Esposito, em comando temporário.

Ana Carolina, então, assumiu o nome de seu amado pai de criação e tornou-se Esposito. Aprendeu a ler, escrever, esgrimar, lutar, atirar, brigar, as artes do envenenar e seduzir. Decidida a encontrar a idílica Boaventura, Ace voltou ao continente. Queria conhecer Clara Couvier, a descendente de Julienne, e entregar-lhe o diário de Amelie com mapas de rotas de ouro, café e açúcar. Queria conhecer a *sahira* Klar Graham e aprender com ela o que quisesse ensinar. Ace, com o tempo, passara a dormir ao som da leitura dos diários da governanta de Julienne e admirava-a, mesmo sem nunca tê-la visto.

Ace chegou a Boaventura em março de 1853, dez dias depois da partida de Felipe para viver com o tio. E, agora, passados dois anos e com a Revolução instalada, voltaria ao mar, levando 3 baús cheios de mimos para sua tripulação e 1 baú com seus pertences.

Apeou da carruagem que guiava, enrolou e prendeu os cabelos cor de fogo com a pena de prata que sua mãe lhe dera para defender-se, deu ordens aos capatazes para que descarregassem e caminhou em direção ao seu navio, desfilando altivamente pelo tapete adamascado posicionado para o embarque

Respirou profundamente enquanto olhava o mar, sua casa. Agradeceu a forte maresia que a encobriu de névoas, escondendo as lágrimas tímidas que lhe escorriam dos olhos. Nunca se casaria, prometera à mãe e nunca se apaixonaria. Já havia descumprido esta promessa, não poderia descumprir a outra.

Sim, ela estava apaixonada, reconheceu para si mesma. Era a sina das capitãs do *Maria d'Além Mar*.

— Ace?

Uma voz surgiu às suas costas e ela reconheceu de imediato. Apertou as mãos ao lado do corpo e não se virou.

— *La Princesse de Feu*. É assim que te chamam, não é? — Perguntou Felipe.

Ela continuava de costas e as lágrimas, antes solitárias, deram lugar a uma fina linha úmida.

— Olhe para mim, por favor — insistiu o rapaz, sem sucesso. Esperou alguns instantes, ouvindo o barulho do porto e a gritaria das estivas.

— Por que não me contaste quem és quando estive em tua casa?

Vendo que ela não olharia para ele, decidido, parou à sua frente. De onde Ace estava, olhando fixamente para o mar, enxergava apenas alguns botões de camisa do Lorde. Ela não se atreveu a levantar os olhos.

— Não posso deixar-te ir — disse Felipe. — Eu vim o mais rápido que meu cavalo aguentou. Troquei de animal três vezes, mas não me permiti parar.

Ela limitava-se a respirar, mas percebeu que começava a ficar difícil esta tarefa. Piscou demoradamente, deleitando-se com o perfume dele e com o som melódico de sua voz. Felipe ameaçou tocá-la, mas parou com a mão ainda no ar. Não queria assustá-la. Se ela entrasse no navio, sua tripulação impediria que ele chegasse até sua Ana.

— Feche os olhos, Ana — disse em sussurros. — Por favor, apenas feche os olhos — implorou.

Ela fechou, mais porque queria parar de chorar do que para obedecer. Desejou, nesse momento, que ele fosse uma miragem. Não queria ser testada a este ponto. Como diria adeus agora, olhando para ele?

Ace sentiu quando Felipe pegou sua mão e guiou-a até o próprio peito, encostando-a suavemente entre os botões, na direção do próprio coração.

— Tu percebes como está acelerado?

A moça apertou os olhos e sentiu as lágrimas aumentarem lenta e lamuriosamente, transformando a fina linha úmida em um mar agitado.

— Posso apostar que o teu bate neste mesmo ritmo — disse o rapaz, levando a mão ao peito de Ace sem desrespeitá-la. — Lembra quando dançamos lundu? Lembra de como nossos corpos entraram em uma sintonia quase etérea? — Ele sussurrava, deixando-a quase em transe com as lembranças eróticas do encontro na floresta, remetendo-a ao inconfundível ponto de encontro de suas almas.

Ficaram assim, cada um acompanhando o ritmo acelerado do outro, em silêncio. Felipe encostou a testa na de Ana e continuou:

— Só sinto esse queimar quando estou perto de ti. Noto tua presença e me alegro. Vejo teus olhos e me ilumino. Toco em teus cabelos e me acalmo. Olho teu corpo e me excito. Tua voz me domina, teu cheiro me enfeitiça, teu prazer me sacia. Tu pertences a mim como eu pertenço a ti. Peça-me. Peça-me o que quiseres e te darei. Tudo o que teus caprichos pretenderem. Eu sei que tu és a mulher e eu sou apenas um homem, mas peça-me, Ana. Peça-me, pois minha alma já é tua, meu corpo já é teu e, agora, minha vida a ti pertence.

Ela abriu finalmente os olhos, encarando-o e balançando levemente a cabeça.

— Não sou dona de ninguém... — Murmurou afastando-se.

Sua mãe tinha razão: o amor rouba a liberdade. Limpou as lágrimas com as costas das mãos e virou-se para partir em direção à nau. De costas para ele, parou fitando a infinidade do oceano:

— Não vos parece, meu Lorde, um poema sobre os segredos? O mar, sabes? Todo esse mistério, esse abismo, reúne segredos de todos os continentes. Amores, traições, fugas, dores, ganhos... Guarda e revela segredos, a cada vai e

vem de ondas, a cada nova tormenta, com cada navio levado ao fundo. Ao mesmo tempo — começou a dizer, fechando os olhos e inspirando profundamente, — ao mesmo tempo, inunda-nos com a infinita liberdade de escolher qual tempestade ultrapassar, qual porto atracar, quem...

Interrompeu-se e abriu os olhos. Encarando-o, sentindo o vento bater em seu rosto, voltou a falar.

— Este mesmo mar faz a ponte para o cárcere de pessoas. Pessoas como nós. O mesmo mar que me liberta é a diáspora de milhares de homens, mulheres e crianças. Vós sabíeis que as pessoas são acorrentadas aos porões dos navios? Sabeis o porquê?

Felipe nada disse. Fitava a vênus calipígia à sua frente e sentia, dentro do peito, o coração acelerar. Ele a entendia — entendia muito bem, mesmo sem nunca ter pisado em um negreiro antes.

— Eles são acorrentados para não pularem do navio. O desespero é tão sufocante que preferem morrer, atirar suas famílias ao mar, do que ser torturados por grilhões em galpões úmidos e desumanos. Já estivestes em um porão de navio? — Perguntou a ele, já sabendo a resposta. — Claro que não. O porão de uma nau negreira é o lugar mais próximo de um inferno que eu já entrei — continuou, permitindo-se fechar os olhos e sentir o choro silencioso. — Vos garanto, meu Lorde, não é caloroso. É úmido, fétido, mortal por si mesmo. Não há apenas ratos, como humanos comendo ratos. Tudo o que Vossa mercê possa pensar de ruim. Tudo contamina a vitalidade do povo encarcerado. Tudo, Lorde Casteloforte, destrói o pouco de humanidade que lhes resta. Nenhuma dor é maior do que a de pertencer a outra pessoa, ser a coisa de outra pessoa. É por eles que preciso ir. Já perdi tempo demais por aqui.

Começou a sair, encerrando o assunto, mas Felipe foi mais rápido. Segurou seu braço, a virou e beijou. Beijou-a ferozmente, porque imaginou que, assim, ela não partiria. Beijou-a porque teve a impressão de que se fundiriam em um só e nunca mais se separariam. Beijou-a para que ela não fornecesse argumentos lógicos que lhe contrariassem o coração.

Ana retribuiu, beijando-o com o mesmo ardor, derramando-se no que imaginou ser o último beijo de amor que daria. Beijou-o porque precisava despedir-se e as palavras lhe faltavam. Beijou-o porque não queria ouvir o próprio coração se partir.

Depois daquele que teria sido o encontro mais enlouquecidamente apaixonado do século XIX, ambos ofegavam com os lábios muito próximos e os olhos fechados. Puxando o último fio de coragem, ela soltou-se e correu para a nau, onde estaria segura, onde seria livre. Não olhou para trás. Não poderia fraquejar.

A tripulação, que assistia à cena estupefata pela reação impulsiva da capitã, voltou ao trabalho e abriu caminho para que *La Princesse* passasse.

— Zarpai agora! — Ordenou, entrando apressada no navio e dirigindo-se para o outro lado, apoiando-se no gradil de costas para o cais.

Pouco tempo depois, quando os gritos de içar âncoras começaram e o movimento na água anunciava a partida, ela voltou os olhos para o cais: ele não estava mais lá. Soltou o ar, mais triste do que aliviada, e caminhou para sua cabine disposta a se esconder e chorar tudo que tivesse vontade. Fechou a porta e sentou-se à mesa. Ou melhor, deixou-se cair na cadeira.

Ouviu uma batida.

— Agora não. Volte depois.

— Senhorita, me desculpe — disse a voz suave, abrindo a porta. Quando notou as lágrimas da capitã, caminhou e abraçou-a. — Não chore, Ace. O mar está bom e a tripulação, animada.

— Não sei se conseguirei, Somara. Dói demais.

— Eu entendo, minha pequena. Eu entendo — disse a moça, que deixara um amor em cada porto e levava outro no navio.

Não, na verdade, sua imediata não entendia.

Ficaram um bom tempo assim, abraçadas. Ace permanecia sentada, Somara lhe acariciava a cabeça. Quando conseguiu conter as lágrimas, a capitã perguntou:

— O que vieste fazer aqui?

— Trouxe-te o relatório de bordo. Tivemos duas baixas, além da *Genie*. Tomei a liberdade de conseguir dois meninos para a carga. Estão sendo treinados por Tica em flechas de fogo. Mas o cargo de co-capitã ainda está vago.

Ace ficou em silêncio, olhando a amiga que caminhara para a frente de sua mesa.

— Não consigo resolver isso agora, Somara.

— Senhorita, com sua licença, tenho a pessoa certa para o cargo.

— Então, mande-a assumir e eu converso com ela mais tarde. Confio em ti na escolha da pessoa. Vamos ver como lidará com o navio em partida. Diga-lhe que mandei começar e, por favor, não deixe ninguém vir aqui. Preciso ficar sozinha.

O barco seguiu e Ace, trancada na cabine, olhava de sua escotilha o continente se afastar. Uma hora depois, a porta se abriu.

— Senhorita? — Aquela mesma voz conhecida a fez virar rapidamente. Era ele, novamente. E estava lá, olhando para ela, dentro de seu navio. — Gostaria de uma audiência com *La Princesse de Feu*.

— Estás louco? Somara! — Gritou a moça. — Somara, venha aqui, mulher!

Sem esperar, Felipe continuou:

— Preciso de um emprego nesta nau. Sou bom em carregar caixotes, sei limpar convés e posso lavar pratos. Posso aprender a cozinhar e sou muito bom com o florete, se me arrumares um — disse, dando de ombros. — Não tive tempo de arrumar um baú para a viagem. — Justificou-se.

Ace olhava para ele com seriedade, mas seu peito anunciava um coração disparado. Disparado e feliz.

— Sim, capitã? — Perguntou Somara, parada à porta sorrindo.

— Volte para o porto, Somara. Este cavalheiro embarcou sem ser autorizado.

— Oh! Mas este é o co-capitão que falei.

— É o quê? Não, ele não é! Eu... Eu... — *La Princesse* gaguejou, notando quando Somara piscava para Felipe e deixava a cabine.

— Insubordinada! — Gritou. Virando-se para Felipe, prosseguiu: — Tu seguirás na próxima nau com quem cruzarmos. Tu voltarás e...

Felipe a puxou para perto, colando seu corpo ao de Ace:

— Ana, Ana, minha Ana. Minha vida é tua. Faça o que quiser. Jogue-me aos tubarões, aos lobos, no chão, no lixo, no esgoto. Sou vosso servo, vassalo, escr...

Ela calou-o com os próprios lábios. Jamais conseguiria se afastar dele novamente, agora que seus corpos estavam juntos. E nunca – jamais – faria de alguém seu escravo. Estava cansada.

Havia perdido a batalha — a batalha contra o próprio coração. Mas sabia que, ao final, ganhara a guerra.

— Amo-te, Lorde Casteloforte — disse, ainda com os lábios próximos ao dele, sentindo-o sorrir.

— Algum dia tu me chamarás de Felipe? — Perguntou, voltando a beijá-la suavemente.

La Princesse de Feu e seu co-capitão, *Black Prince*, junto com a impiedosa tripulação da nau *Maria d'Além Mar* libertaram mais de 100.000 cativos e afundaram mais de 1000 navios negreiros, entrando para a História como a nau corsária mais temível que já existiu.

O casal de gêmeos nasceu onze meses depois, quando o navio atracara em um porto do nordeste brasileiro. Uma semana depois, voltavam ao mar, agora acompanhados de uma grávida *Genie* e seu marido, Antoine.

Table of Contents

<u>Prólogo</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Epílogo</u>